

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura

Hipólito Buffenoir



Amores de um Deputado



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Hipólito Buffenoir

Amores de um Deputado

Tradução
A. Ferreira

Atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1911.

Hipólito Buffenoir
(?)

“Projeto Livro Livre”

Livro 500



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor Hipólito Buffenoir: “*Amores de um Deputado*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

I - O CAFÉ TABOUREY.....	1
II – O MARQUÊS E A MARQUESA DE TOURNELLE.....	9
III - TRAVA-SE A LUTA.....	17
IV - O BARÃO DE QUÉRELLES.....	29
V - OS INFORTÚNIOS DO MARQUÊS.....	35
VI - MOMENTOS DECISIVOS.....	44
VII - VIDA NOVA.....	51
VIII - POLICIA DUPLA.....	67
IX - DRAMA SANGRENTO.....	81
EPÍLOGO.....	92

I - O CAFÉ TABOUREY

— Paga oito “sous”! gritou Carlos, o moço do café Tabourey, dirigindo-se à menina Amélia Dufer, a filha do dono do estabelecimento, exercendo o lugar de “caixa”, e acompanhando o grito do lançamento de uma moeda de cinquenta cêntimos sobre o mármore de um pequeno balcão.

A rapariga guardou a moeda e deu-lhe o troco de dois “sous”, que Carlos fez cair sobre uma mesa do fundo onde um freguês se achava escrevendo uma carta.

— Oito e dois dez! resmungou o moço do botequim, tirando um prato e uma chávena que se achavam sobre a mesa.

— Está bem, guarda o resto para ti! retorquiu suave e tristemente o freguês, mal erguendo os olhos da carta que estava terminando.

O relógio colocado quase junto do teto da casa, embutido mesmo nos ornatos da cimalha marcava dez horas e vinte e cinco minutos e o freguês do café Tabourey olhando-o, melancolicamente, suspirou e pensou:

— Decididamente, não vem esta noite; levanto a sessão!

Ainda se demorou alguns minutos procurando na mesa do centro, entre um monte de jornais, o “Soir” e não o encontrando, dirigiu-se à menina Amélia Dufer, entregando-lhe a carta que acabava de escrever.

— Se esses senhores vierem, a menina faz-me o favor de entregar esta carta a Maupertuis, sim?

— Com todo o gosto, sr. Ronquerolle, respondeu, amavelmente, a jovem Amélia, esboçando um gracioso sorriso, completamente perdido, porque o seu interlocutor havia já desaparecido na rua Vaugirard.

Naquela noite, Ronquerolle, que se sentira invadido por um aborrecimento maior que de costume, tomara uma importante resolução. Decidira voltar à sua terra natal, há tanto tempo esquecida, e a carta que ele entregara à menina Amélia Dufer, ao sair do café Tabourey, dizia o seguinte:

“Meus amigos:

Porque não vieram esta noite? Esperei-os durante muito tempo. Tenho necessidade de os ver. Vou partir para a Borgonha.

“Estou cheio de tristeza.

“Vosso amigo,

“Máximo Ronquerolle”.

Às onze horas, os amigos de Ronquerolle os quais aquela carta era dirigida e que, após o jantar tinham resolvido dar um passeio pelos “boulevards” voltavam ao Bairro Latino, entrando no seu café predileto, pensando, e com razão, que Ronquerolle, se já ali não estivesse, lhes teria deixado o que eles vulgarmente chamavam as suas “instruções”.

Entretanto, o que mais desejavam era vê-lo porque tinham a dar-lhe uma importante notícia.

Estes rapazes chamavam-se Jaime Maupertuis, Feliciano Didier e Emilio Branche. Eram, como Máximo Ronquerolle, poetas, jornalistas e políticos. Pobres, quase desconhecidos, procuravam ser alguma coisa e para esse fim corriam em busca da fortuna e da glória. Todos os quatro eram republicanos.

Tinham feito excelentes estudos na província, e aos vinte e vinte e cinco anos haviam partido para Paris, com grandes receios das suas famílias, que os consideravam perdidos, no movimento e confusão da grande capital.

Sossegados na aparência, eram quatro entusiastas. A imaginação junta a uma clara inteligência, eram as qualidades predominantes de todos eles.

A sua conduta era irrepreensível. A amizade que os unia era profunda. Estimavam-se, adoravam-se mutuamente.

Ronquerolle e Maupertuis tinham-se conhecido na província, na sua terra natal, na Borgonha. Travando relações, de crianças, aos quinze anos, durante os dez que se seguiram tinham-se perdido de vista até que se haviam reencontrado em Paris, graças à “Revue des Poètes”, que publicava versos de ambos.

Didier e Branche eram do norte. Viviam como dois irmãos. Uma bela manhã, juntos haviam deixado Lile, e juraram à sua entrada em Paris, de sempre aí continuarem a viver juntos e de juntos também seguirem a carreira, que a sorte a qualquer deles deparasse.

Hospedados no hotel “Lisbonne” da rua Vaugirard, em pleno Bairro Latino, ali encontraram à mesma mesa, Ronquerolle e Maupertuis. Uma grande simpatia se estabeleceu rapidamente entre esses quatro rapazes, que em poucos minutos compreenderam que os movia o mesmo pensamento, a ambição e o desejo veemente de uma absoluta independência.

Na ocasião em que o leitor trava conhecimento com os quatro mancebos, conheciam-se eles há dois anos. Os primeiros tempos da sua franca e leal camaradagem, tinham sido encantadores. Haviam comunicado os seus pensamentos, os seus projetos de futuro, entusiasmando-se mutuamente,

lendo os seus versos e conversando sobre os seus amores, pois que cada um deles tinha a sua amante.

Chegados ao café os três amigos de Ronquerolle, receberam a carta que este ali lhes deixara encarregando-se da sua leitura Maupertuis, que do seu conteúdo deu conhecimento aos seus companheiros Didier e Branche.

— Vamos depressa! disse Branche, que tinha por Máximo uma verdadeira adoração.

Um quarto de hora depois, os quatro amigos achavam-se reunidos em casa de Máximo Ronquerolle, que habitava no “boulevard” Montparnasse.

— Já sabes da novidade? perguntou Maupertuis.

— Qual novidade?! disse Ronquerolle surpreendido.

— Saiu o decreto.

— Um decreto!?

— Pergunta a Didier e a Branche!

— É verdade! ajuntaram estes.

— Trouxe-te o número do “Soir”, que trata do assunto, disse Branche. Aqui tens, lê, nas últimas notícias.

Com efeito Ronquerolle leu um decreto do Presidente da República, convocando os eleitores para reunirem em 15 de julho.

Ronquerolle, pálido de comoção, conservou-se um momento ansioso.

É que ele sabia que aquela data, marcada para as eleições de deputados, poderia ter grande importância na sua vida. Para ele esse dia seria decisivo, na sua existência, daqueles cuja aproximação faz tremer o homem mais corajoso, causando-lhe calafrios.

— E então, que me dizes do decreto? perguntou Maupertuis.

— Digo-te, respondeu Ronquerolle, que ele me indica, que tenho a dizer-lhes coisas muito graves. Assentem-se que temos que conversar.

Os três amigos de Máximo aceitaram o convite e enquanto Ronquerolle foi buscar uns papéis guardados num móvel próximo, esperaram ansiosos que ele falasse.

De volta para junto da mesa perto da qual se achavam os seus amigos Ronquerolle lançou os papéis sobre a sua secretária e aproximando o seu candeeiro de trabalho e tomando uma cadeira, disse rindo:

— Está aberta a sessão!

Então Ronquerolle contou aos seus amigos que havia algum tempo estava em relações com o “comitê” republicano de Saint-Martin, na Borgonha; que os membros desse “comitê” lhe tinham oferecido a candidatura por aquele distrito, e que ele havia demorado a resposta até ao dia em que o decreto relativo às eleições fosse publicado.

— Esplêndido! gritaram ao mesmo tempo os três amigos. Belo! O decreto saiu. Não há que hesitar, aceitas!

— Mas eu hesito ainda; e se lhes pedi para virem aqui esta noite, foi na intenção de lhes falar deste negócio e de lhes pedir conselho.

E Ronquerolle tornou conhecidos dos seus amigos os documentos relativos à futura eleição por Saint-Martin. Tratava-se de lutar, em nome da República, contra o marquês de la Tournelle, que representava ali as ideias reacionárias, e que seria aprovado por todos os fanáticos do trono e do altar.

— Mas isso é encantador, exclamou Maupertuis, farás desaparecer o tal marquês como uma simples bolinha de prestidigitador; e entrarás na Câmara como uma bala de canhão.

— Não me embriaguem com palavras, disse Ronquerolle desenhando-se-lhe no rosto uma nuvem de tristeza. Não vá eu contar com a vitória e me aguardem as desilusões. A luta será encarniçada, terrível. O marquês possui influência, é rico, pode vencer...

— Ora adeus! interrompeu Didier. Todo o distrito de Saint-Martin se impressionará com a tua embriagadora eloquência, inflamarás todas as inteligências com os teus discursos, e no dia da votação, o teu nome vitorioso sairá das urnas.

— E depois, acrescentou Branche, que amava mais Ronquerolle do que a um irmão, tu imaginas que vamos deixar-te combater sozinho?! Reclamamos também a nossa parte na luta; proponho que partamos contigo para a Borgonha, tomando a cidade de Saint-Martin, como nosso quartel-general, da qual faremos fogo, de quatro barricadas, afim de reduzir à expressão mais simples sua excelência o marquês de la Tournelle e todas as jovens e velhas devotas, que, estou certo, correm já por montes e vales trabalhando a favor da candidatura de tão alta personagem!

Uma formidável gargalhada saudou a arrogante frase de Emilio Branche, e o próprio Ronquerolle foi obrigado a acompanhá-la olhando o seu amigo.

Depois de duas horas de discussão, ora calma ora ruidosa, ficou decidido que Ronquerolle aceitaria a candidatura que lhe era oferecida, que Branche, Didier e Maupertuis deixariam Paris durante o período eleitoral, e que iriam a Saint-Martin auxiliar o seu amigo, e que, sendo necessário fundariam um jornal de combate.

Ronquerolle mais pálido ainda que do costume, estremecia de satisfação ao pensar que o seu nome ia sair da obscuridade, e que ia achar-se envolvido nas lutas políticas do seu país. Assaltava-o já o desejo, de se encontrar, ele, filho de um humilde artista borgonhês, em frente desse arrogante marquês de la Tournelle, provando-lhe que os filhos dos proletários tinham mais sangue nas veias, que os filhos e os netos dos emigrados de Coblentz, entrados em França nos carros de mercadorias do estrangeiro.

Provava assim possuir o legítimo orgulho dos homens seguros da sua consciência e do seu valor e o desejo de ajudar generosamente os seus amigos, fazendo-os saltar os obstáculos, que os impediam de obter uma posição que lhes permitisse chegarem até onde a sua justa ambição os atraía.

Não era só por si que Ronquerolle ambicionava uma situação, era por Maupertuis, Branche e Didier. O primeiro a chegar ao ponto desejado devia estender a mão aos outros, e, decerto, não era Ronquerolle dos que poderia esquecer os companheiros dos dias difíceis da mocidade.

Era uma hora da manhã quando os quatro rapazes se separaram.

Encontrando-se no “boulevard” Montparnasse, os amigos do poeta, preocupados com os acontecimentos que iriam dar-se, guardaram silêncio.

A noite estava magnífica. Uma brisa suave trazia à grande cidade os vivificantes perfumes dos bosques de Ville-d'Avray, de Sèvres, de Meudon e de Clamart. Alguns trens percorriam ainda os arruamentos e só eles turbavam o sossego daquele bairro de Paris.

Chegados à encruzilhada do Observatório, Maupertuis, Didier e Branche voltaram a conversar animadamente.

Intimamente, porém, sentiam-se tristes.

— Uma nova existência vai começar para nós, disse Maupertuis, uma vida de discórdias, de combates, de luta. Podemos dizer adeus à bela tranquilidade dos nossos vinte anos!

— E o que faremos das nossas amantes? acrescentou subitamente Didier.

— Daremos a liberdade a essas gentis avesitas, disse Branche, e não as lamentemos que elas saberão orientar-se no país do amor. Vocês bem compreendem, que não podemos preocupar-nos com saias durante o período eleitoral.

— Poderíamos talvez, interrompeu Maupertuis, enviá-las para casa de seus pais!

— Tu falas bem! tornou Branche; infelizmente ignoramos a sua morada.

— Porém, Ronquerolle, acrescentou Maupertuis, não poderá, tão facilmente como nós, desfazer-se da sua amante. Trata-se de uma ligação séria. O que será de Emilia sem ele?

— Meus filhos, disse Branche com ares paternais, guardemos para amanhã a continuação da palestra, e vamos deitar-nos. A discussão fica suspensa.

E os três amigos separaram-se.

Entretanto Ronquerolle, após a saída dos seus amigos, encontrando-se no seu modesto gabinete de trabalho apressou-se a tomar algumas notas, sobre o que se passava, e entrou no seu quarto.

Julgando encontrar a amante adormecida, avançou com precaução para não a despertar. Qual não foi porém o seu espanto, quando a encontrou embrulhada num “robe de chambre”, sentada em uma cadeira e chorando copiosamente.

— Que tens tu? disse Ronquerolle, aproximando-se e tomando-a nos braços.

A pobre rapariga soluçava perdidamente, e não podia articular palavra.

Contudo, como o amante a enchia de perguntas e a envolvia em carícias, acabou por dizer-lhe que tinha ouvido toda a conversação que ele tivera com os seus amigos, e que bem reconhecia que a legítima ambição de Ronquerolle, era uma ameaça à sua felicidade, que seria a separação de ambos, para sempre talvez.

E essa incerteza, era terrível para ela, que apenas podia rezear e chorar.

— Criança, disse ternamente Ronquerolle, porque duvidas de meu carinho? Não sou o teu amante, o teu melhor amigo? Por ventura, depois de três anos, que vivemos juntos, alguma vez te menti, te enganei, te abandonei um dia, uma hora?...

Tentava animá-la, mas a dúvida e o receio haviam ferido a alma sensível da pobre Emilia, e tornar-se-iam mais vivos à medida que se fossem desenrolando os acontecimentos, que tão fortemente interessavam a Ronquerolle.

A amante do novo candidato a deputado, era uma rapariga de vinte e três anos, de cabelos louros, olhos azuis, de um azul encantador, figura insinuante, bem talhada, seio proeminente mas sem exageração.

Adorava a Ronquerolle a encantadora Emilinha.

Tinham-se conhecido por forma um tanto ou quanto original.

Haviam frequentado ambos o curso de um professor célebre da Sorbonne.

A jovem Emilia ia ali acompanhada de uma tia velha, à qual os seus parentes, que viviam na província, a tinham confiado.

Os amores do jovem republicano e da sensível Emilinha, tinham começado com o aspecto de um idílio inocente, e havia tido por moldura o jardim do Luxembourg.

Que de encantadores passeios não realizaram Ronquerolle e a linda rapariguinha sob as árvores que ensombram a fonte de Médicis!

Que de ternas discussões eles não prolongaram percorrendo a Avenida do Observatório!

Que de alegres pensamentos, não os assaltaram ao atravessarem o arvoredo, por entre as aleas floridas, ou quando sentados nos bancos de mármore, onde ficavam horas esquecidas, a falar do seu futuro, dos seus projetos, dos seus sonhos de felicidade!

Toda a força da juventude os aquecia. Um cântico de mocidade cheio de vida, perpassava por eles.

Um dia juntaram-se as mãos e apertaram-se com transporte. Depois, Ronquerolle, era natural, atreveu-se a beijar a sua linda companheira, e finalmente deixando o curso do tal professor da Sorbonne, no próprio dia em que ele, eloquentemente, dissertava sobre os encantos dos amores platônicos, Ronquerolle conduzia Emilia à sua habitação e fazia da pobre pequena sua amante.

Desgostos, inquietações e lágrimas tinham já acompanhado essa ligação durante os seus três anos de existência. Mas nas idades de Ronquerolle e de Emilia, esquecem-se facilmente as misérias da existência, as angústias da pobreza, os tormentos da ambição, e as calúnias dos vis e dos perversos.

Agora porém Emilia, conforme avançavam os dias e os meses, sentia avolumarem-se, desenvolverem-se os receios de ser obrigada, por circunstâncias imperiosas, a deixar o amante.

Previa, com o maravilhoso instinto da mulher que ama, que um homem como Ronquerolle seria envolvido no turbilhão do mundo, que a sua ambição o prenderia completamente, e que ela, pobre flor colhida de passagem, no caminho da vida, depois de quebrada, perdida, seria abandonada à sua dor, ao seu desespero.

Empalidecia e estremeia de comoção quando ao passar por uma igreja, via descer, ou subir, para uma carruagem uma noiva toda casta e lindamente vestida de branco, coroada de flores de laranjeira. Também à pobre Emilia seria grato, transpor assim as naves do templo, e ali receber o sagrado anel de casamento.

Ronquerolle podia esposá-la, é verdade, a mais ninguém ela havia pertencido. Para ele era ela uma mulher honesta; para ele devia ela ser digna de usar o seu nome.

Por vezes ela tinha a ilusão de que a sua ligação seria santificada, mas pouco depois o seu inteligente espírito abraçava tristes ideias e tinha então o pressentimento do futuro, glorioso para Ronquerolle, obscuro e desgraçado para ela. E esse devotado coração de mulher, verdadeiramente amante, preparava-se já para o sacrifício, em favor daquele a quem tanto amava.

Emilia tinha ouvido toda a conversação de Ronquerolle com os seus amigos Maupertuis, Didier e Branche. Soubera que o amante ia deixar Paris, partindo para a Borgonha, e o seu coração palpitara com mais força, com violência.

Tinha visto com as mais sombrias cores o futuro que a sorte lhe reservava e por isso chorava.

— Não chores assim, suplico-te! disse-lhe Ronquerolle, olhando-a ternamente. Comoves-me profundamente com as tuas lágrimas. O que pode afligir-te assim?!

— Julgavas-me adormecida e no entanto eu estava acordada, respondeu Emilia.

Conheço os teus projetos e os dos teus amigos. Ouvi o que disseram há pouco.

O que te causa tanta alegria, entristece-me, porque é o fim desta nossa ligação que surgirá dos acontecimentos aos quais vais entregar todos os teus pensamentos, a tua existência.

— Criança! retorquiu Ronquerolle, pois é esse o motivo da tua tristeza e das tuas lágrimas! Tu bem sabes que nunca te abandonarei! Vamos, sossega!

Pensa na tua bela mocidade: e dize bem alto que te amo e que te hei de amar sempre com toda a força do meu coração!

Estas palavras, pronunciadas com uma sincera convicção, abrandaram um pouco as inquietações de Emilia, mas no seu pensamento ficara uma nuvem de amargura e de pesar.

Ronquerolle, por seu lado, embora a sua audácia, a sua energia e a sua poderosa vontade, estremecia ao pensar na brutal realidade dos fatos, realidade de que ele se queria aproximar, que precisava abraçar, que, a todo o custo, precisava vencer.

A amante cansada por fim das comoções sofridas, adormecera. E ele, sentado perto do leito, perto de uma pequena mesa, e à luz, de uma lâmpada, tendo a cabeça encostada às mãos, parecia recolhido em uma dolorosa meditação. O seu olhar brilhava e não mudava de direção. Relembrava as palavras do grande poeta inglês Shelley.

“O mundo é feio e mau.” Via-se a caminhar pelas estradas e atalhos, de Saint-Martin, de aldeia em aldeia para falar da República, aos cidadãos, aos trabalhadores, aos homens do campo.

Em alguns momentos, o seu pensamento mudava de objetivo e olhava a amante adormecida. A cabecita loura de Emilia reclinara-se para o lado do amante. Transportes de amor enchiam então o coração do jovem republicano e pensava, recordando ainda Shelley:

“Não, não! Nem tudo é feio! Nem tudo é mau neste mundo! Tomo por testemunha esta criança, que dorme aqui perto de mim, este seio que se eleva e abaixa, respirando vida, estes belos cabelos louros soltos lindamente, e a que os raios da luz desta lâmpada dão reflexos dourados...”

II – O MARQUÊS E A MARQUESA DE TOURNELLE

A pequena cidade de Saint-Martin, na Borgonha, conta seis mil habitantes. É uma linda e graciosa sub-perfeitura que tem os seus ares de praça forte, com as suas antigas muralhas, a sua guarnição e sobretudo pelo seu velho castelo, dominando a cidade e recordando os tempos do feudalismo. Este castelo é habitado desde tempos imemoriais pela família “de la Tournelle”, que tem nos seus brasões a coroa de marquês.

Os “de la Tournelle”, durante muito tempo, foram os senhores da região. No tempo da Revolução, e nomeadamente durante o Terror, o seu poder decaiu muitíssimo; porém quando Bonaparte se apoderou do trono e se fez imperador, readquiriram o seu antigo prestígio, graças às hábeis generosidades difundidas na região e mais especialmente na circunscrição de Saint-Martin.

No momento em que se desenrolam os fatos que relatamos, o marquês Sergio de la Tournelle considerava mais do que nunca, esta circunscrição de Saint-Martin como um feudo que, sem dúvida alguma, lhe pertencia. “Maire” da cidade, conselheiro geral e deputado da direita, não poderia afrontar os seus inimigos?

Além disso, era digno de ouvir-se, quando falava do pequeno grupo de republicanos que se agitava na sua circunscrição. Chamava a esses bravos democratas, assassinos, patifes, dignos de serem enviados para Caiena, canalha sempre embriagada, frequentando os antros do deboche e insultando os padres.

No entanto, as últimas eleições municipais tinham mandado três destes “assassinos” a tomar o seu lugar na “mairie”, ao lado do sr. marquês, e o senhor “de la Tournelle” tinha disso um vivo despeito.

A marquesa de la Tournelle, Carlota Maximiliana de Champeautey, era uma mulher de um belo aspecto e imensamente sedutora. Tinha trinta anos, sendo mais nova quinze anos que seu marido. Era bela e forte. Trazendo sempre a cabeça arrogantemente erguida, o seu peito, extraordinariamente desenvolvido nada tinha de exagerado, por causa da sua elevada estatura. Os cabelos castanhos claros, os olhos azuis, as mãos finas com os dedos alongados, os pequeninos pés, completavam o arsenal das suas graças femininas. Além disso, amava os perfumes, a “*toilette*” e dava leis às grandes elegantes como as adoráveis mulheres do XVIII século. Era amável para todos, ainda mesmo para os humildes e os pequenos.

Finalmente, não se poderia vê-la sem logo a amar. A bela Carlota não tinha um inimigo, excetuando talvez o barão de Quérelles, um conquistador desprezado, que tinha jurado não morrer sem se vingar dos desdêns da altiva aristocrata. O barão vinha raríssimas vezes a Saint-Martin, mas estava ao corrente de todos os acontecimentos da pequena cidade.

A marquesa tinha no coração, ou antes na cabeça, uma paixão deveras rara entre as mulheres. Era ambiciosa.

Tinha tentado fazer de seu marido um alto personagem, dar-lhe o prestígio superior da vontade e da energia. Porém o marquês “de la Toumelle” pertencia à raça dos medíocres, terminando a marquesa por ter compaixão dele. O

marquês era um belo homem, muito elegante no seu porte, muito bom cavaleiro, bom valsista, bom caçador, conversador agradável ainda que fútil, mas incapaz de empregar, por seu próprio esforço, a atividade necessária, e de seguir a um fim com tenacidade. Era vaidoso, mas ignorava o poder do orgulho. Tinha uma grande confiança em sua mulher e não tomava qualquer resolução sem a consultar. Ele era só quem dispunha dos altos cargos da circunscrição, só ele se oferecia aos sufrágios dos eleitores. Quem ousaria disputar-lhe a vitória? Deputado em evidência, proprietário respeitado, dispondo de um jornal, tendo às suas ordens um “comitê” das pessoas mais elevadas da cidade, batia o seu concorrente completamente, se acaso um se apresentasse, se bem que sabia, dizia ele, que ninguém havia tão tolo que contra ele aceitasse uma candidatura.

— Ah! os cobardes! os amotinadores! gritava uma tarde na janela do seu castelo, falando dos republicanos, e dirigindo-se ao presidente do seu “comitê”: Eles que nada tem, que são pobres como Jó, falam em ser senhores! Pois bem! onde está o seu candidato? Que apareça! Vamos, mostrai-mo raça de biltres!

Ao pronunciar estas palavras, o marquês estendia os braços no espaço, ameaçando com um gesto o café da “Poule-Blanche”, lugar da reunião habitual dos republicanos de Saint-Martin.

A noite caía lentamente. Lá em baixo, um último raio de sol dourava melancolicamente o cume do monte. Era uma destas tardes de junho que enervam a alma e os sentidos. O marquês olhava a cidade, os lugarejos, as aldeias perdidas no horizonte longínquo e ondas de uma vaidade insaciável lhe subiam ao coração ao pensar que o seu nome dominava na região, como as torres do seu castelo dominavam as choupanas da vizinhança. Um sorriso de satisfação lhe animou o rosto e teve palavras de espírito para se rir dos seus inimigos. Quando estava completamente absorvido no pensamento da sua estrela feliz, o seu criado de quarto, Lapierre, tomou a iniciativa de lhe levar os jornais que acabavam de chegar de Paris. Rasgou, com um gesto brusco, a cinta que envolvia o “Fígaro” e passou rapidamente para a segunda página para consultar as notícias dos departamentos e das eleições. Os seus olhos caíram imediatamente sobre estas palavras em normando: Borgonha, “circunscrição de Saint-Martin.”

Leu sofregamente a seguinte notícia:

“Escrevem-nos de Saint-Martin, que dois “candidatos se propõem por aquele círculo, o sr. marquês de la Tournelle conhecido deputado, representando o partido conservador, e o sr. Máximo Ronquerolle publicista, candidato do “comitê” republicano. A luta, diz-se, será violenta. Temos, porém, todas as razões para acreditar que “o sr. Marquês de “la Tournelle” baterá o seu adversário.”

— Ah! ah! ah! riu o marquês; a graça não está má.

Em seguida, dirigindo-se à galeria, chamou muitos dos seus amigos que estavam no salão e leu-lhes a notícia que acabava de ler no “Fígaro”.

— Como, diz o conde de Orgefin, presidente do “comitê” realista, esse Ronquerolle ousa apresentar-se aqui! É um homem sem valor, escoria de Paris, um revolucionário, um escrevinhador. Conhecemo-lo criança a esse senhor! Usava uma blusa e tamancos. Creio mesmo que seus pais mendigavam...

— Não, disse o marquês, tornando-se sério, o pai Ronquerolle era pobre, mas ganhou sempre honradamente a sua vida. O bom homem era um dos nossos fiéis eleitores. Vinha algumas vezes ao castelo pedir-me conselhos e fui eu quem em tempos o levou a fazer instruir seu filho. Estou bem recompensado! O criança cresceu e é ele quem nos vai dar combate, meus senhores!

— Mas não é um adversário sério, replicou o conde de Orgefin; é uma criança! Quem é o senhor Máximo Rouquerole? Não existe. Os republicanos de Saint-Martin deviam pelo menos opor-nos um homem de valor e não um fedelho, um ninguém, um cidadão Ronquerolle!

Riram todos muito. Lapierre, o criado de quarto, tinha assistido a esta scena, esperando ordens do seu senhor.

— Está bem, diz-lhe o marquês, manda atrelar o *break* maior. Eu e estes senhores sairemos hoje para fora da cidade, para Senevel... Ah! espera, Lapierre, leva o “Fígaro” à senhora marquesa. O criado tomou o jornal e retirou depois de saudar o marquês.

— Pobre Máximo! murmurava por entre os dentes, atravessando um corredor, como estes tratantes te tratam! Está descansado, que eu te ajudarei com as minhas forças a destruir esta nobreza. E isto simplesmente porque outrora fomos camaradas na escola...

Lapierre foi interrompido no seu monologo pela campainha elétrica. Ao mesmo tempo, a marquesa atravessava a galeria que confinava com a escada de honra do castelo. Ia passear um pouco pelo jardim antes que a noite descesse completamente. O criado entregou-lhe o jornal. Apenas o abriu os seus olhos caíram sobre a nota relativa à eleição de Saint-Martin.

Ao ler o nome de Máximo Ronquerolle, publicista, a marquesa empalideceu, murmurando:

— Meu Deus! seria ele? será possível: Sim, sim, chama-se Máximo, como eu Maximiliana, recordo-me. É ele que vai chegar?

A comoção da marquesa era tão forte, que as suas mãos finas se umedeceram, como se tivesse febre; em lugar de ir passear, como tencionava, no jardim, voltou aos seus aposentos onde se deixou cair num “fauteuil”.

Passado um instante, levantou-se sem fazer ruído e ofegante, como uma criminosa, temendo que qualquer dos seus criados a viesse surpreender, abriu uma pequena secretária e tomou um cofre de que só ela possuía a chave, indo sentar-se junto da janela. A tarde tinha caído completamente. Um último raio, como diz André Chénier, animava ainda o fim da tarde, mas as trevas do crepúsculo invadiam toda a natureza. A marquesa afastou as cortinas da janela; à luz do último raio de sol que desaparecia, pôde reler uma carta que estava no cofre e que tinha esta Assinatura: “Máximo Ronquerolle.”

Era uma carta de amor e de amor apaixonado. Os versos misturavam-se com a prosa e o signatário falava de uma tarde, de um baile parisiense onde tinha dançado com madame de la Tournelle...

“Oh! porque vos vi eu? dizia a carta. Porque senti eu bater o vosso peito junto ao meu nesse baile onde me levou o destino, esse Deus do mundo, segundo o pensamento de Schiller? Penso constantemente em vós, é a saudade por vós que me alenta. Não vivo, não aspiro senão à vossa beleza”.

Depois, impelido pelo lirismo da sua paixão, Ronquerolle, ia até à intimidade da marquesa, cantando a sua formosura helênica em estrofes de ouro.

Os seus lindos olhos azuis o seu porte altivo e distinto de uma plástica impecável, o seu amor ardente, tudo ali cantava em arroubos de amor e de entusiasmo.

M.^{me} de “la Tournelle” teve um estremecimento ao ler de novo esses versos. Com efeito, lembrava-se de um rapaz com quem uma vez tinha dançado, havia quatro anos e que, no dia seguinte, ousara escrever-lhe, fazendo-lhe uma declaração de amor ardente... Porque guardara ela essa carta que a podia comprometer? Porque a não rasgara e lançara ao fogo como fizera a tantas outras produzidas pela sua beleza esplendorosa? Porque tremia, ao ler de novo uns versos, escritos outrora por um desconhecido que perdera de vista no grande mar da vida parisiense?

Mistérios do coração que nem mesmo os grandes sábios descobrem.

Enigmas do sentimento que zombam das investigações mais cuidadosas. Talvez, no fundo da sua alma, a bela Carlota sentisse uma alegria íntima, e como que oculta, de ter inspirado uma paixão tão violenta e tão sincera como a que sentia

Ronquerolle! Talvez que os versos do jovem poeta, com o seu ritmo harmonioso, lhe recordassem o doce encanto de uma valsa preferida! Talvez que a audácia de Ronquerolle lhe não tivesse desagradado, e admirasse a sua temeridade corajosa, o entusiasmo da sua juventude!

A noite espalhava-se por toda a parte e ela ficara recostada no seu “fauteuil”, com a luz apagada.

A escuridão favorecia o seu sonho e, apertando entre as mãos a carta, murmurava, distraída, os versos de Ronquerolle.

E era ele, esse terrível democrata, cuja candidatura os jornais anunciavam em oposição à de seu marido! Era ele que vinha à circunscrição de Saint-Martin arvorar a bandeira da República contra a nobreza contra a sua raça, contra a sua família, contra ela mesma?

la voltar a vê-lo e a falar dele a cada momento!

— Meu Deus! Meu Deus! dizia, que singular aventura. Se meu marido soubesse! Mas porque estou eu assim perturbada? Quem é, afinal, esse sr. Ronquerolle?

Guardou de novo e com cuidado a carta amorosa no cofre que fechou em seguida, e que foi encerrar num dos esconderijos mais ocultos da secretária.

Nesta ocasião, o marquês de “la Tournelle” voltava do lugar de Seneval aonde tinha ido levar a nova da candidatura republicana a um amigo da sua família. Acompanhavam-no conde de Orgefin e os srs. de Trimolet e de Nipostte, pessoas da mais alta distinção na cidade e em todo o departamento.

Os cavalos do marquês passavam estrepitosamente na calçada da rua principal de Saint-Martin. Tinham já passado o teatro e o café da Bolsa. Um minuto mais e a carruagem estaria em frente da “Poule Blanche”, o café dos vermelhos, dos assassinos dos “democs”, como costumava dizer o marquês de la Tournelle.

— Que ruído vem deste lado! disse o sr. Trimolet, indicando a “Poule Blanche”; ouvem meus senhores? De quem é esta voz? há ali uma reunião? Escutem! Aplaudem!

O marquês deu ordem ao seu cocheiro para demorar o andamento e os cavalos começaram a andar a passo. A porta da “Poule Blanche” que dava para a rua estava completamente aberta. O café via-se cheio de gente, empregados de paletó, taberneiros de blusa, operários em mangas de camisa e com o avental do trabalho. Sobre o bilhar viam-se muitos garotos. Em cima de uma cadeira junto do espelho do fundo, um orador falava. A sua voz sonora fazia tremer

tudo e ouvia-se até da praça junto à fonte. A multidão escutava-o religiosamente.

— Queridos concidadãos, dizia o orador, acorri ao vosso apelo. Agradeço-vos o não vos terdes esquecido de mim. Trabalhadores, sou dos vossos! Republicanos, podeis contar comigo como eu conto convosco!

... De que tratamos nós? Tratamos apenas de desenraizar desta cidade, deste departamento, a árvore podre da reação monárquica e clerical; trata-se de bater no próximo escrutínio legislativo, o senhor de “la Tournelle”, esse marquês da idade media perdido nos tempos modernos!... Pois bem! nós o alcançaremos, cidadãos!...

Aplausos frenéticos acolheram estas palavras, ouvindo-se imensos gritos de: Viva a República! Viva o cidadão Ronquerolle! Nunca a “Poule Blanche” tinha abrigado igual gritaria popular. Nesta ocasião a carruagem do marquês, que caminhava a passo, chegava diante do café republicano.

Aos gritos repetidos de: Viva a República! Viva o cidadão Ronquerolle! o candidato realista empalideceu de cólera. Não havia que duvidar, os democratas de Saint-Martin apresentavam realmente um candidato para lhe fazerem oposição.

— Cidadãos, continuava Ronquerolle entusiasmado com os aplausos, faremos tremer os de “la Tournelle” no seu castelo feudal e desembaraçar-nos-emos do seu jugo. O povo, libertado pela Revolução, não quer nobres para o representar. É de cidadãos saídos das suas fileiras que deve fiar os seus destinos...

Ronquerolle pronunciava estas palavras com uma voz estrondosa e o auditório tremia de entusiasmo.

— Como, dizia o conde de Orgefin, é este tratante quem nos trata assim! E aplaudem-no. Mas, meus senhores, é necessário desembaraçarmo-nos deste canalha!

A carruagem do marquês de “la Tournelle” transpunha a porta do castelo e ainda se ouviam os aplausos e os gritos dos cidadãos reunidos na “Poule Blanche” para festejar a chegada de Ronquerolle e dos seus três amigos Branche, Didier e Maupertuis.

A chegada do candidato republicano e dos seus companheiros de luta, estava sendo um acontecimento extraordinário na pequena cidade de Saint-Martin. Toda a população estava impressionada. Viam-se pelas portas as mulheres ou faziam grupos nas ruas; os homens tinham invadido todos os cafés na cidade e falavam com animação da luta eleitoral.

Na “Poule Blanche” a multidão aumentava a cada instante. Os discursos tinham terminado e os ouvintes trocavam as suas impressões acerca dos oradores que tinham tomado a palavra. Maupertuis tinha falado depois de Ronquerolle. Recorreu para o tom irônico e os seus sarcasmos, cheios de espírito parisiense, tinham posto o auditório num belo humor. Depois de Maupertuis, o presidente do “comitê” republicano, Kolri, desenvolvera um pequeno discurso cheio de bom senso e de energia. Tinha posto o marquês de “la Tournelle” nas piores condições e os exaltados não falavam já senão em ir cantar a “Marselhesa” debaixo das janelas do castelo.

Pouco a pouco, porém, a “Poule Blanche” ficou sem ninguém. A hora de fechar tinha chegado. Kolri, “o bravo Kolri” ficara com os parisienses, acompanhando-os a um quarto cujas janelas davam para a rua principal. Organizou-se então, uma pequena sessão onde foi elaborado um plano de campanha.

— Em primeiro lugar meu caro Korli, disse Ronquerolle, tenho que avisar-vos de que vamos fundar um jornal. O primeiro número sairá depois de amanhã. Chamar-se-á “Reveil de Saint-Martin”.

— Vamos ter um jornal! gritou Korli; Pois bem, será o suficiente para destruir o marquês. Um jornal! Um jornal independente! Era o que há muito faltava aqui! Ah! a imprensa! É a alavanca do progresso!...

O bravo Kolri ia a continuar o seu discurso quando bateram discretamente à porta. Didier abriu-a e apareceu Lapierre. Contou a Ronquerolle a scena do castelo quando o marquês de “la Tournelle” lera no “Fígaro” a notícia da sua candidatura, e referiu quase palavra por palavra os termos humilhantes com que o conde de Orgefin falara a seu respeito.

— Perfeitamente! disse Ronquerolle. Maupertuis, toma nota da “delicadeza” da linguagem do conde de Orgefin! Redigirei imediatamente uma resposta à mensagem desse canalha.

Os clarões do ódio brilhavam nos seus olhos. No entanto, tinha um ar perfeitamente calmo e a sua voz não traduzia emoção alguma extraordinária.

— Ah! ah! somos homens sem valor, escorias de Paris, revolucionários e escrevinhadores! Ouvis, amigos, em que termos se fala de nós! Guerra, guerra implacável a esta nobreza que nada conhece e que se julga ainda antes de 89... antes de 93!

Ao pronunciar esta data, Ronquerolle exaltou-se dando um valente murro sobre a mesa, o que atemorizou Lapierre.

A meia noite aproximava-se. Lapierre retirou-se, prometendo a Ronquerolle trazê-lo ao corrente de tudo o que passasse no Castelo.

Kolri retirou, também, por sua vez.

Tinha de convocar o comitê republicano para o dia seguinte às oito horas da noite e, sem perder um minuto, todos os cidadãos convictos deviam colocar-se nos seus postos. A primeira reunião pública efetuar-se-ia mesmo em Saint-Martin. O marquês seria convidado por ele a fim de defender as suas ideias e o seu programa. Outras reuniões seriam organizadas em todos os lugares dos distritos do departamento.

Os quatro amigos, quando se encontraram sós, riram extraordinariamente. A sua mocidade tinha necessidade de despertar; o imprevisto da situação encantava sobretudo Branche, Didier e Maupertuis.

Ronquerolle, esse era mais grave, porque todos os ataques iam cair sobre o seu nome. Por outro lado a sua companheira, a Emilinha, preocupava-o. Deixara-a em Paris mas à partida tinha havido uma cena pungente.

A pobre rapariga que não queria ficar só, queria por força acompanhá-lo. Que lhe importava a política? Ela não compreendia cousa alguma da eleição a não ser que ia ficar separada do homem que amava, do homem que para ela representava tudo neste mundo.

III - TRAVA-SE A LUTA

Ainda que fatigados pela viagem de Paris a Saint-Martin, pelos discursos e conversações entusiásticas do “Poule Blanche” e se bem que era uma hora da madrugada, os quatro alegres rapazes não pensavam em deitar-se.

Não obstante as graves preocupações da ocasião os amigos de Ronquerolle conversavam da maneira como se tinham despedido das suas apaixonadas companheiras. Estavam ainda na idade feliz em que a bela despreocupação da juventude cobre todas as cousas com a sua aza protetora; em que os dias e as noites não tem horas bastantes para pensar nos projetos do espírito e nos encantos do coração, nas confidências de amizade e nas carícias da alma.

— Meus meninos, disse Branche, para terminar a conversa, é muito bonito falarmos das nossas amantes, contar as suas fantasias, mas nós não viemos aqui para nos divertirmos.

— Temos ainda trabalho a fazer, interrompeu Ronquerolle. Venham penas, papel e tinta e apareça o que há de melhor no nosso cérebro. O primeiro número do nosso jornal, o “Reveil de Saint-Martin”, deve aparecer depois de amanhã.

É tempo de descrevermos a nossa chegada. Tu, Maupertuis, redige um curto artigo, descrevendo a recepção que nos foi feita, resume os nossos discursos e retrata bem o entusiasmo da multidão. Tu, Didier, ridiculariza o marquês “de la Tournelle,” sê implacável, calca-lhe sem piedade a sua vaidade... Tu, Branche, convida os eleitores a sacudirem o jugo da nobreza, critica as flores de lis e proclama os direitos do homem!... Vamos; preparai essas penas! Cravai os ferros até fazerem sangue! Fazei fustigar o chicote do ridículo!...

Os quatro jornalistas puseram mãos à obra. Ronquerolle, esse encarregou-se de responder às palavras injuriosas do conde de Orgefin. Às duas horas da manhã uma carta volumosa era lançada na caixa do correio por Branche dirigida à empresa do “Reveil”, em Paris, visto que o impressor da localidade não ousava encarregar-se de imprimir um jornal republicano, por causa do sr. marquês, “maire”, conselheiro geral e deputado.

Antes de se deitar Ronquerolle abriu a janela do seu quarto que ocupava só. A noite estava serena e bela. As estrelas brilhavam no céu, os perfumes das flores espalhavam no ar, uma frescura deliciosa vinha da terra e um silêncio profundo reinava pela cidade adormecida. À claridade discreta da lua Ronquerolle via a praça de Saint-Martin e a fonte decorativa. Só o murmúrio da água, caindo, perturbava o silêncio da noite, ouvindo-se de vez em quando o vento silvar por entre as folhas das árvores, nos telhados vizinhos da igreja e nos ulmeiros dos ribeiros.

Perante este espetáculo de paz, nesta noite de junho tão harmoniosa e tão encantadora, o homem político desaparecia em Ronquerolle e não ficava mais do que o poeta seduzido pelas belezas da natureza imortal. O mancebo não se cansava de sentir a brisa refrescar-lhe a fronte, de admirar esse espetáculo noturno, vivo, que lhe recordava as cenas de ópera onde vivessem amores, subindo, de noite, à janela da bem amada a depôr um beijo.

Levado pela sua poderosa e febril imaginação o ousado filho da Borgonha deixava-se guiar pelos pensamentos do amor e versos ardentes lhe ocorriam à memória.

Ronquerolle contemplava a igreja de Saint-Martin. Uma fachada estava toda iluminada pelo luar enquanto que a oposta mergulhava na sombra. O seu olhar ficou preso ao pórtico junto do qual em criança tantas vezes tinha brincado com os seus pequenos camaradas e revia-se correndo em volta da “mairie” nos muros cobertos de cartazes e em frente do mercado fechado por uma grade de ferro. Os seus olhos de repente fixaram-se sobre a colina que dominava a vila, reconhecendo a torre feudal, o velho castelo dos “de la Tournelle”. Pensou um momento no seu adversário, do que o distraiu uma luz que se via num dos lados do castelo.

— Quem velará a esta hora na habitação do marquês? pensou Ronquerolle. Será o meu inimigo a quem a minha presença impede de descansar? Será alguém doente a quem a febre e a insônia impedem de dormir? Será alguma linda mulher que lê, com a cabeça repousando no travesseiro, um romance de Balzac ou um poema de Alfredo de Musset? Será uma mulher linda? — Fazendo a si mesmo esta pergunta Ronquerolle bateu na fronte como que recordando-se. Lembrava-se que outrora em Paris, fora apresentado em uma tarde, a uma mulher soberba que se chamava marquesa “de la Tournelle” com quem tinha dançado e a quem chegara mesmo a escrever uma carta apaixonada. Acontecera isto há três ou quatro anos, não sabia ao certo, mas recordava-se claramente dessa tarde, do baile e da sua carta insensata. Quanto à mulher não se esquecera que era loira, que tinha uns seios opulentos, olhos azuis e, quando caminhava uns ares de deusa.

Os acontecimentos da vida parisiense são tão acidentados e tantos, as sensações sucedem-se tão rapidamente, as paixões são postas tantas vezes em jogo, sobre tudo para um mancebo que faz os seus inícios na vida e na sociedade, que não é para admirar o ver Máximo Ronquerolle recordar, por acaso, uma das suas aventuras, que, depois de tanto tempo, encontrava perdida na sua memória.

Essa luz, que brilhava na escuridão da noite em uma janela do castelo do seu inimigo vinha lançar um clarão na sua memória obscurecida e, ocorrendo não sei que pressentimento do destino, o pobre rapaz imaginou que a pessoa que trabalhava lá em cima, na habitação luxuosa do marquês “de la Tournelle”, era a linda e elegante mulher que em tempo lhe perturbara a cabeça e o coração.

— Mas não! murmurou Ronquerolle. Não é possível! Estas cousas só acontecem nos romances e não na vida real!... No entanto, essa loira divina de olhos azuis chamava-se, era com toda a certeza a marquesa “de la Tournelle”. Revejo-a ainda na ocasião em que dançava comigo e encostava o seu peito desolado contra o meu... Pouco a pouco as recordações reviviam. Tornara-se nervoso, o seu coração batera fortemente, querendo esclarecer a dúvida em que se debatia. Os “de la Tournelle” eram numerosos. Havia-os no Norte, no Meio-dia, na Borgonha. Nada poderia dizer a Ronquerolle que a mulher, que ele conhecera outrora, estava ali, no seu castelo batido pela lua.

— Vamos! disse fechando a janela, são horas de dormir. Sei bem a quem hei de recorrer, interrogarei Lapierre.

Quando adormeceu, a aurora começava a aparecer. O seu último pensamento fora de que seria bem extraordinário que ao marquês “de la Tournelle” além da cadeira de deputado lhe conquistasse também a mulher.

Ronquerolle não se enganara nos seus pressentimentos. A pessoa que velava no castelo senhorial era a marquesa, a loira, a sedutora, a divina Carlota. Não lia, porém, nem romances de Balzac nem poesias de Musset. O seu espírito estava demasiado agitado para se entreter com os doces e consoladores devaneios literários. Trabalhava pelo triunfo da sua causa, escrevendo sobre um belo papel acetinado um artigo para o seu jornal, um artigo em que envolvia os candidatos republicanos com uma maneira encantadora e em que fustigava o cidadão Ronquerolle com toda a malícia e crueldade de uma mulher. Também ela espetava as esporas até fazerem sangue.

O marquês “de la Tournelle”, dissemo-lo já, tinha um jornal o “Eco de la Bourgogne”, velha folha monárquica, Assinada por todos os curas da circunscrição de Saint-Martin. De vez em quando, a amável marquesa não se dedignava em publicar nas colunas do jornal, na primeira página, um elegante artigo em que estimulava habilmente a indolência do partido realista e em que zombava dos democratas.

Esses artigos, que agradavam, eram lidos por todos, mas ninguém sabia, quem fosse o seu autor.

Quando o marquês entrou na sua habitação, após o passeio a Semeval, contou toda a cena de que fora testemunha em frente ao “Poule Blanche”.

— Meus senhores, disse a marquesa, esses republicanos dão-vos o exemplo; trabalham, estão no seu direito e tem razão. Vivemos num tempo em que é necessário arriscar-se a gente. O prestígio da raça, do nascimento não é mais do que uma lembrança longínqua. É necessário trabalhar-se, é necessário descer à arena para se vencer. O poder, o futuro não pertence senão aos homens de ação.

O marquês “de la Tournelle” achou este discurso de sua mulher um pouco atrevido, mas temeu fazer qualquer objeção. Convinha voluntariamente em se mostrar ao povo no seu trem, falar-lhe por intermédio dos seus criados ou dos seus secretários; mas falar-lhe em uma reunião pública, expor-se a ser interrompido, a ter diante de si por adversário de tribuna um atrevido como Ronquerolle, com a sua voz de trovão, e que saído do povo, lhe conhecia as emoções e as cóleras, ser um homem de ação, em uma palavra, no sentido em que o entendia a marquesa; todo este papel, toda esta tarefa não se apresentava ao espírito do castelão de Saint-Martin sob uma perspectiva muito atraente.

Depois que fora eleito deputado, não falara uma só vez na câmara. Perfeitamente correto nas suas maneiras, sempre barbeado de fresco, limitara-se a soltar alguns gritos de quando qualquer orador da esquerda tomava a palavra. Quando, porém, nas galerias reservadas ao público apareciam algumas

elegantes, que vinham mostrar a sua vaidade e os seus sorrisos como nos camarotes de um teatro, não se esquecia nunca de as requestar, lançando amiudadamente o seu monóculo.

O marquês era, em uma palavra, uma das mais brilhantes inutilidades do Parlamento.

Sua mulher que era ambiciosa, enfurecia-se por não possuir mais que a aparência do domínio e do poder. Teria preferido disfarçar sob uma fraqueza fingida as alegrias íntimas do mando.

— Ah! que se eu fosse homem! disse a marquesa, ao concluir o seu artigo para o “Eco de la Bourgogne” e lançando com despeito a pena; ensinaria a viver este senhor Ronquerolle.

Ao mesmo tempo que Ronquerolle se metia no seu leito de hotel, imaginando a maneira, de dar ao sr. “de la Tournelle” um golpe traiçoeiro, a marquesa deixava-se vencer pelo sono no seu grande leito Luiz XV, coberto com um baldaquino que amores gorduchos seguravam.

Fecharam-se-lhe as pálpebras e meia adormecida murmurava uns versos de Ronquerolle.

Uma grande atividade começou a desenvolver-se nos dois campos, a partir desse famoso dia da chegada de Ronquerolle. A guerra declarara-se entre o castelo soberbo dos “de la Tournelle” e a humilde “Poule Blanche” onde estavam hospedados Ronquerolle e os seus companheiros. Faziam-se apostas. Agitaram-se todas as paixões em Saint-Martin.

As próprias mulheres, se metiam nas discussões. Muitas dentre elas se mostraram favoráveis a Ronquerolle, porque era novo, diziam elas, e um bonito rapaz. Tinham imensa vontade de o ouvir falar. Porque se não organizava uma conferência pública no teatro, um domingo, depois do meio-dia? Elas iriam lá. E depois, não era só isso. Tinham simpatizado com os “três parisienses”. Eram deste modo que designavam Maupertuis, Branche e Didier. Estes cavalheiros diziam elas, tem muito espírito; conhecem a alta vida de Paris. Porque se não convidam? É necessário deixá-los abandonados na “Poule Blanche?”

Tal era o objeto das conversações quando, no domingo, 24 de junho, apareceu o primeiro número do “Reveil” o jornal de Ronquerolle. Principiava por uma apologia vigorosa do regime republicano, seguindo-se-lhe um pequeno artigo intitulado: “O sr. conde de Orgefin”.

Nesse artigo Ronquerolle pregava o seu inimigo no pelourinho. Lembrando as injurias que o conde proferira, terminava assim: “Por consequência, a redação do “Reveil” decreta que o sr. conde de Orgefin seja considerado como um tolo e convidamo-lo a vir receber o atestado do seu novo título na quinta feira, 28 de junho à reunião pública que se há de efetuar em Saint-Martin. Por sua vez, reservamos uma queda honrosa para o nosso elegante adversário, o marquês “de la Tournelle”, cujo papel na câmara tem sido até hoje igual a zero. Os eleitores julgarão depois de ter escutado os dois concorrentes”.

O artigo não levava Assinatura alguma. Ao mesmo tempo que rebentava esta bomba, aparecia do seu lado o “Eco de la Bourgogne” e o artigo da marquesa, brilhando na primeira página com a Assinatura “Fênix”. Ronquerolle era ali martirizado a picadas de alfinete, discutia-se com habilidade o seu talento de escritor, os inícios da sua carreira literária, considerando-o apenas como um estudante.

“Queremos poupar este menino, concluía o artigo da marquesa. Seríamos dignos de censura se o fizéssemos chorar e tomar a sério os seus brinquedos. Daqui a vinte anos os eleitores da circunscrição de Saint-Martin poderão talvez saber que existe M. Ronquerolle. Hoje perdoam-lhe os destemperos mas com a condição de que em breve acabarão. Em todo o caso seria bom que lhe impusessem silêncio”.

Ronquerolle não se impressionou com a tirada. Ainda que alvejado nunca se alterava. Leu muitas vezes o artigo que tinha tentado humilhá-lo. Separou o estilo e as ideias como homem de “metier”.

— Esta Fênix, dizia ele aos companheiros, não é um principiante mas o medo que lhe provoço é manifesto. A ameaça final denota despeito e fraqueza Ah! belo desconhecido! queres fechar-me a boca! Eu saberei quem tu és!

No castelo houve uma discussão animada a propósito da reunião pública anunciada. A marquesa queria por força que seu marido e o conde de Orgefin aceitassem o desafio dos republicanos.

O comitê conservador decidiu por unanimidade que se deixassem sós os republicanos a fazer e a dizer o que quisessem na reunião pública. Era por outros meios mais discretos e mais seguros, pensavam, que era necessário operar. A marquesa ao ter conhecimento desta deliberação encolerizou-se extraordinariamente.

— Meu amigo, dizia ao marido, tremeis diante de M. Ronquerolle. Mas desconheceis por completo o poder da palavra sobretudo no povo! Toda a Saint-Martin irá a essa reunião. Contam convosco lá e vós não ides. Ainda uma

vez lembrai-vos da minha advertência, dissei adeus à eleição se vós próprio não defenderdes as vossas ideias!

A marquesa sentia que lhe faltava o terreno. Compreendia que as simpatias iam para o novo candidato. A classe operária tinha sido conquistada por Ronquerolle que se arvorara seu defensor. O pequeno comércio e a burguesia, indiferentes até então, davam coragem ao candidato republicano. Na sua cólera a marquesa agarrava-se a seu marido sem piedade, e perguntava a si mesma porque casara com esse homem, só bom para se pavonear num baile ou em uma “soirée”.

— Como este Ronquerolle é ambicioso! Como sabe chegar depressa ao seu fim, abertamente, sem demora, com o bom “humour” da força, com a coragem da mocidade e com a resistência das grandes convicções! E eu que o ataquei com cólera! eu que tentei envergonhá-lo!

É um prestígio do talento, o impor-se àqueles que merecem o nome de adversários. M.^{me} “de la Tournelle” censurava-se de ter cedido à fantasia, de ter querido atingir Ronquerolle com a sua pena mordaz!

Além disso, as grandes almas, de qualquer lado que venham, sentem-se sempre atraídas por uma estima recíproca. Podem ter um fim diferente na vida, podem ter, sobre os homens e sobre as cousas, as ideias mais diversas, que se assemelham sempre pela honestidade superior da conduta, pelo respeito do que é verdadeiramente grande e belo e pelo desprezo soberano de tudo que é mesquinho, pequeno falso, venal e baixo.

Advinham-se, conhecem-se, muitas vezes, sem nunca se terem visto, sem nunca terem trocado duas palavras; seguem-se por uma visão intelectual, nas suas ações, admiram-se mutuamente a distância e desejam-se porque só elas se podem compreender. É isto que explica muitas vezes o segredo dessas melancolias profundas que absorvem o pensamento completamente, desses sentimentos, dessas ligações, desses amores que o mundo julga extraordinários e anormais mas que um observador de paixões considera naturais e fatais.

A pesar seu a marquesa sentia-se atraída para Ronquerolle porque o republicano falava e trabalhava com a facilidade de um gênio, porque era novo, porque caminhava para a glória, porque era verdadeiramente o filho das suas obras, porque nada devia ao dinheiro, à lisonja e à intriga. Tudo entretanto os separava, o nascimento, as ideias, a raça, a fortuna, as relações e a sociedade em que viviam; mas à lei misteriosa que preside aos sentimentos humanos, agrada vencer os obstáculos e acaba sempre por ligar os que se procuram, os que sentem a necessidade de se amarem.

A marquesa chamou a sua criada de quarto a quem ordenou que a ajudasse a vestir. Eram quase quatro horas. Meteu-se na sua carruagem, mandando bater para os “Passeios”. Estava encantadora na sua “*toilette*” de verão. Agitada, contrariada na sua ambição, cheia de cólera contra seu marido, sentia a necessidade de respirar o ar puro do campo, de descansar os seus lindos olhos azuis no espetáculo harmonioso dos bosques, dos vales, dos prados, das colinas e de se sentir levada pelo galope rápido dos seus cavalos.

O retiro conhecido pelo nome de “Passeios” é um dos mais belos lugares de Saint-Martin. Entra-se por um largo caminho ladeado de ulmeiros. O rio, paralelo ao caminho, corre pelo fundo do vale, vendo-se do lado oposto uma cadeia de colinas que nos fecham o horizonte parecendo tocar o céu azul. Os “Passeios” são formados por três avenidas magníficas, com castanheiros e tílias centenárias. No fundo da avenida central levanta-se uma estátua em mármore, datada do XVIII século e representando Cibele. Alguns metros distante corre uma fonte rústica mugindo de um rochedo e cercada de plantas aquáticas.

É um passeio verdadeiramente encantador feito para o amor e para a ambição. Estas avenidas levavam outrora a um castelo grandioso, abandonado durante a revolução e que, com o tempo, tombara em ruínas. As pedras amontoaram-se, as silvas e as ervas cobriram-nas, os parasitas invadiram-nas, mas as árvores resistiram à ação do tempo.

A comuna de Saint-Martin, que adquirira este velho domínio há cerca de quinze anos fez restaurar cuidadosamente as três avenidas. Quanto às ruínas do castelo não ousou tocar-lhe, o que lhe era recomendado pelas suas economias.

Aos domingos, durante o verão os “Passeios” eram muito frequentados. Vinha gente de três ou quatro léguas em redor. Os rapazes davam ali “rendez-vous” às suas namoradas e a deusa, imóvel e com a sua cara de mármore, passa por ter visto cousas “lindas”. à semana, pelo contrário, era um silêncio absoluto. A distância era grande de mais para ir a pé de Saint-Martin. No mês de setembro eram raros os frequentadores.

A marquesa sentia renascerem-lhe as ideias alegres à vista do rio e das suas margens floridas. O sentimento da natureza penetrava-a e fazia-lhe sentir um encanto misterioso.

— Meu Deus! como isto é belo! murmurava.

Os seus desejos renovavam-se ao contato desta paisagem. Vendo um belo carvalho desejava ver debaixo da sua sombra tudo o que amava; viu um barco preso à margem do rio, balouçando ao capricho do vento, e desejou sentar-se ali, tendo em frente um simpático e elegante remador. Em uma palavra, toda a sua energia se fundia como num círculo de fogo em presença dessas florestas

voluptuosas, dessas águas pérfidas, dessa verdura que a sombra torna mais atraente.

M.^{me} "de la Tournelle" mandou parar a sua carruagem no princípio da grande avenida. Desceu e caminhou a pé por entre os castanheiros e as tílias. Habitara-se a dar este passeio; ia saudar a deusa Cibele, gozar o frescor da fonte depois do que voltava devagar e entrava na carruagem para regressar a Saint-Martin.

Uma vez ali, começou a andar mais rapidamente, nervosa e irritada contra seu marido.

Apoiava-se ligeiramente à sua sombrinha e um largo perfume de heliótropo exalava, a sua "*toilette*", perfumando a atmosfera. Caminhava arrogantemente, levando alta e direita a sua linda cabeça loira, olhando para diante com uma elegante arrogância.

Esta mulher encantadora abandonava-se ao divino prazer de se sentir nova e bela naquele sítio campestre, debaixo dessas árvores centenárias, no meio do silêncio da natureza. O coração batia-lhe mais forte do que de costume. A solidão do lugar inquietava-a, e a folhagem que a brisa fazia murmurar docemente produzia-lhe um tremor de inexpressável voluptuosidade.

Quando se dirigia para a fonte dos "Passeios", viu de repente num banco um homem mergulhado no mais profundo cismar. Estava só. Tinha os braços cruzados sobre o peito, o chapéu colocado ao lado e absorto em uma meditação de tal modo que não ouvira o passo ligeiro da marquesa nem dera pela sua presença. Tinha a cabeça um pouco inclinada sobre o ombro e poder-se-ia acreditar que dormitava se não fosse o seu olhar vivo e expressivo.

M.^{me} "de la Tournelle" parou. Não ousava afastar-se nem ir mais longe. Impressionara-se ao encontrar um homem na ocasião em que se encontrava só, de modo que esteve a ponto de soltar um grito de surpresa. Ficou, portanto; mas, sem por isso dar, fez um movimento brusco com a sombrinha o que atraíu as atenções do mancebo que se levantou saudando-a.

Este mancebo era Máximo Ronquerolle. Viera ali, a ocultas dos amigos, para meditar sobre as aventuras da sua mocidade, sobre as incertezas do seu futuro, sobre os destinos da sorte que tanto nos fazem subir à superfície e nos põem em evidência como nos deixam na sombra e nos lançam no nada.

Quando reconheceu M.^{me} "de la Tournelle" sonhava com a poesia da natureza, com as delícias de um sítio pitoresco, com o atrativo das solidões e pensava que talvez para ele fosse melhor renunciar às agitações da vida pública, às febres e às agonias das ambições e ter uma existência pacífica em qualquer humilde habitação do seu país natal.

Distraído do seu sonho simples e puro, saudou a mulher que se encontrava junto dele e que reconheceu imediatamente. Era bem a soberba criatura que a sua memória recordava: aqueles olhos azuis, aqueles cabelos louros nunca os esquecera!

— A senhora marquesa “de la Tournelle?” perguntou Ronquerolle.

— Sim, senhor! respondeu a marquesa perturbada. Não o conheço! Que me deseja?

Ao dizer isto, M.^{me} “de la Tournelle” recuou um pouco, olhando a carruagem que tinha ficado à entrada da Avenida. Viu-a através a folhagem do arvoredo e Ronquerolle compreendeu esse olhar. A marquesa temia ser vista pelos seus criados que acreditariam facilmente num “rendez-vous,” decidindo-se por isso a retirar-se e a deixar absorto o desconhecido que lhe dirigira a palavra.

— Minha senhora, chamo-me Máximo Ronquerolle e quero crer que não sou para vós absolutamente um desconhecido. Ah!... que de segredos que tenho a confiar-vos! Que de confidências que tenho que fazer-vos!

— Vós?! interrompeu a marquesa, o senhor, o nosso adversário, o nosso inimigo!

— O destino, dizia Ronquerolle, é verdadeiramente o deus do mundo, como já vos escrevi, citando Schiller. É necessário aproveitar. Não fiquéis imóvel debaixo destas árvores, minha senhora, os vossos criados perceberão que não estais só. Escondei-vos atrás desta tília imensa, onde ninguém nos poderá ver e vos direi todo o meu pensamento.

A marquesa hesitou a princípio. O medo fez com que ela se decidisse e tranquilamente caminhou para trás da árvore cujo tronco a escondia de todas as vistas.

— Devia evitar-vos, dizia ela, detestar-vos, odiar-vos e arrisco-me a perder-me por vós.

Ronquerolle tinha os olhos fixos nos seus. Fascinado, louco, contemplava-a e sentia-se vencido pela beleza majestosa daquela mulher. Não via nela a marquesa inimiga da sua causa, a aristocrata que desejava a volta da realeza e que sonhava uma corte brilhante em que triunfasse; não, ela não era para ele, nessa hora, mais do que a encarnação da elegância, da juventude, da vida, do amor, da paixão incandescente, que queima, que devora.

Por um fenômeno análogo, a castelã de Saint-Martin esquecia que o homem que ali estava diante dela representava o povo trabalhador, os infelizes que se revoltam, que fazem as revoluções e que prendem os reis e os imperadores.

Não pensava que esse homem encarnava o ódio fatal do pobre contra os rico, do humilde contra o poderoso, do oprimido contra o opressor. O que nele via era o talento prometedora, o entusiasmo da sua linda idade, a coragem do homem que luta, a poesia do ideal e da ação, o encanto enfim de um espírito superior e de um coração preso ao destino.

Além disso, nem um nem outro tinham tempo de refletir, as convenções imbecis da sociedade não podiam ser atendidas naquele encontro e a natureza boa e fecunda recuperava os seus direitos. A presença, por si mesma, tem a sua eloquência e dois olhares que se encontram diminuem singularmente as distâncias.

— Perder-vos por mim! disse Ronquerolle, mas não sabeis que me perderei para vos agrada! Amo-vos com toda a minha coragem, com toda a minha energia e não é de hoje este amor, não é de ontem. Há quatro anos que viveis na minha sauda. Recordai o baile em que dançamos juntos, onde vos tive junto do meu peito!... Recordai-vos...

— Amais-me, vós! o orador das multidões, o republicano fogoso, o apologista do Terror!

M.^{me} "de la Tournelle" estava de pé e encostada à larga tília, paternal e tranquila. A velha árvore servia-lhe de abrigo mas não a ocultava.

Ronquerolle, na sua frente, conservava-se a uma distância respeitosa. O seu busto, alto e esbelto, dominava o da marquesa.

— Se vos amo! dizia ele, aproximando-se, e com uma voz em que havia lágrimas. Se vos amo!

Fez-se silêncio. A comoção impedia Ronquerolle de falar! Sentia desejos de tomar a marquesa e de a cobrir de beijos. Temia assustá-la e pensava: como convencê-la? Sê simples e verdadeiro! respondia-lhe a sua nobre inteligência; era a arma mais digna para conquistar uma mulher como aquela.

— Sim amo-vos, porque a vossa beleza me arrasta; desejaria resistir a este encanto, mas não posso. Oh! minha senhora, não misture com a minha paixão as irritantes discussões políticas. Não pairará acima dessas questões, para almas como as nossas, a ideal visão do amor? Não se encontram os grandes corações nesta esfera superior onde vem acabar as disputas dos homens? Vede! tenho um orgulho que por vezes me arrasta e que resistência alguma fará dobrar... apareceis-me, e estou pronto a cair de joelhos diante de vós. Está domado o meu orgulho? Certamente não, mas, por cima dele, encontrar-nos-emos e parece-me que lá nos amaremos.

... Não pensais assim? Sei-o bem, não me enganei convosco: o mundo ideal a que aspira a vossa alma não tem nada de comum com as infâmias, com as pequenas coisas, com os miseráveis cálculos das castas e dos partidos. Vá, respondi, senhora! Não disse eu a verdade?

Ao terminar, Ronquerolle ousou aproximar-se, quase tocando na marquesa. Apoiava-se, como ela, à velha tília e esperava resposta.

— Escuto-vos, senhor, e sinto-me perturbada. As vossas teorias parecem-se às flores do Oriente cujo perfume muito forte enerva os que o respiram.

— Não me amais? perguntou Ronquerolle com a voz perturbada.

— Ele duvida ainda! respondeu a marquesa, empalidecendo.

Ao escutar estas palavras Ronquerolle tomou-lhe a mão que uma luva finíssima calçava e levou-a aos lábios. A marquesa retraiu-se e quis escapar-se.

— Por favor, uma palavra para acabar! disse ele. Onde e quando vos voltarei a ver?

A marquesa hesitou, sentia-se embaraçada para responder. Neste momento os cavalos da sua carruagem relinchavam de impacientes; finalmente fugiu a Ronquerolle, dizendo:

— Aqui, de hoje a três dias, às dez horas da noite.

Ronquerolle viu-a partir e escutando o ruído do seu vestido de seda, o “frou-frou” harmonioso de toda a sua “*toilette*”, custava-lhe a acreditar na sua felicidade.

Quando escutou o ruído da portinhola da carruagem que o trintanário fechava, quando viu a carruagem desaparecer a caminho de Saint-Martin entre uma nuvem de pó, pareceu-lhe que a terra girava por todos os lados e que o céu ia sair-lhe do peito.

Durante muito tempo olhou a carruagem que dois cavalos ágeis arrastavam. Quando enfim ela desapareceu em uma volta do caminho, voltou a sentar-se sobre o banco solitário em que M.^{me} “de la Tournelle” o tinha surpreendido no meio dos seus sonhos e das suas doces ilusões.

— Dentro em três dias voltarei a vê-la; dentro em três dias será minha. Ó delícia! Ó felicidade inesperada! E já antecipadamente, escutava os transportes da sua paixão, a alegria dos novos amores. De repente bateu na testa e empalideceu.

— Mas, daqui a três dias, à noite, há uma reunião eleitoral em Saint-Martin. Não posso enganar-me pois que fui eu que convoquei os eleitores... Que fazer?

Ronquerolle acreditou por momentos que M.^{me} “de la Tournelle” lhe tivesse pregado uma peça. Ela conhecia a data e a hora da reunião pública já publicadas no “Reveil”. Queria ela desta forma pôr à prova o amor de Ronquerolle, forçando-o a sacrificar a sua palavra de homem político? Queria ela rebaixá-lo para com os eleitores e tentar destruir a sua influência em proveito da sua causa? Enfim, terá falado sem cálculo algum e o “rendez-vous” que lhe marcou, na sua coincidência com a reunião de Saint-Martin, não passaria de um acaso que por vezes tanto nas grandes como nas pequenas coisas, se torna um obstáculo às vontades do homem?

Ronquerolle não sabia que pensar.

IV - O BARÃO DE QUÉRELLES

Quando se davam os acontecimentos que acabamos de narrar, chegou o barão de Quérelles a Saint-Martin. Como dissemos já, era o único inimigo da marquesa por causa do desprezo a que ela votara a sua paixão.

Pequeno, bilioso, trajando com o máximo apuro, os cabelos cortados à escovinha, desenvolvia uma atividade febril quando algum projeto lhe enchia o cérebro. Agitava-se em todos os sentidos, lutava tenazmente até conseguir o seu fim e se o não conseguisse era por que ninguém o poderia conseguir.

Com trinta e cinco anos, rico, este “petit baron” tinha tido uma paixão louca pela marquesa “de la Tournelle” quando ainda era apenas M.^{ele} Carlota Maximiliana de Champeauty. Por uma singular lei dos contrastes, o seu maior, o seu mais insaciável desejo era possuir uma grande e inteligente mulher por esposa.

A orgulhosa Carlota ria das suas pretensões.

— Meu Deus! meu Deus! dizia a marquesa, quando o ousado barão teimava em conseguir o seu “desideratum”, que hei de fazer desta criança? É tão baixo que se torna ridículo.

No entanto, Domingos de Quérelles não era um imbecil. Era para ele um contra tempo a sua estatura minguada e muitas vezes repetia que os homens não se mediam aos palmos.

Infelizmente para ele, M.^{ele} de Champeauty não se via obrigada a debruçar-se para tomar o braço de seu marido e o elegante “Sergio de la Tournelle” não tivera muito trabalho para eclipsar o seu rival. A repugnância de artista que a

futura marquesa sentira pela antiestética personagem que era “Quérelles” contribuíra imenso para o triunfo do marquês.

— Ah! dissera Domingos de Quérelles, M.^{ele} de Champeautey quer desposar um pateta? Pois bem, que o faça, que disso se arrependerá.

O barão viajava por Itália quando, pelos jornais, viu que no seu departamento os republicanos opunham um candidato aos monárquicos. Imediatamente arranjou as suas malas e veio a toda a pressa para Saint-Martin onde possuía uma propriedade. As ideias políticas de “des Quérelles” tinham sido até então conservadoras se bem que com uma certa tendência liberal. A cor de conservador era uma tradição na sua casa de fidalgo, mas o seu espírito, moderno e liberal, não desdenhava em admitir as modernas teorias democráticas.

Não era um inimigo do progresso e quando via que alguma asneira se fazia, reprovava-a absolutamente quer ela viesse dos conservadores quer dos republicanos. Era extremamente estimado na Borgonha. Não se desprezava em comer à mesa dos operários quando para isso se oferecesse ocasião e secretamente, desejava pertencer ao conselho geral.

Se não perdoava à marquesa o tê-lo desprezado, mais o acabrunhara com os seus sarcasmos o sr. “de la Tournelle”, “maire” conselheiro geral e deputado.

— É um asno, dizia “des Quérelles”, falando do marquês; sim, é um estúpido esse espigado marquês “de la Tournelle”. Aposto vinte luízes em como não sabe distinguir a sua mão esquerda da direita e que a respeito de ortografia é um ignorante.

A candidatura de Ronquerolle era um bálsamo sobre as feridas de amor próprio e sobre as irritações do “petit baron”. Encontrava assim maneira de se vingar daqueles que tinha como seus inimigos, vingança que tinha acalentado durante tantos anos.

— Enfim, dizia, chegou a hora da minha vingança. Por mais “pequeno” que eu seja podem contar comigo aqui. Disponho de muitos milhares de votos que vão ser neste momento o meu instrumento de vingança. Dá-los-ei ao novo deputado Ronquerolle. É um republicano exaltado... que me importa isso. É necessário a todo o transe que esse papalvo, esse marquês “de la Tournelle” perca a eleição... Ah! o patife, não me exterminou ainda! Ah! sr.^a marquesa, desprezastes as minhas homenagens! Sereis vós quem desta vez virá implorar a paz e então entabularemos as condições.

Como todos os apaixonados, o barão “des Quérelles” não renunciara, ainda, à sua última esperança em comover o coração da mulher que ele tão extraordinariamente amara.

Era seu inimigo, por amor. Queria tirar a sua desforra. Alimentava ainda a esperança de que, apesar de se não ter podido desforrar, talvez pudesse um dia fazer dela sua amante.

— Quem sabe, dizia, o que será aquela mulher, que sentimentos lhe dominam a alma, sobretudo depois da desilusão que deve ter sentido após o seu casamento com esse estúpido marquês.

Era digno de ver-se o homenzinho, passados dois dias, pavoneando-se sobre os elevados saltos das suas botas, fumando o seu cigarro.

— Vamos! Vamos! pensava, tudo caminha à mercê dos nossos desejos. Declaro guerra aos “de la Tournelle”, coloco todas as minhas baterias em campo, excitando os eleitores contra eles... A marquesa pedir-me-á tréguas na luta, enviar-lhe-ei um parlamentar e tudo conseguirei; será finalmente o resumo de todas as minhas esperanças, de todos os meus desejos. Quanto aos candidatos, eles que se arranjam, que resolvam o caso como entenderem. Se porém ainda assim a marquesa continuar a mostrar-se esquiva, será Ronquerolle o novo deputado por Saint-Martin.

Domingos de Quérelles adquiriu então uma rara atividade junto dos eleitores, em toda a parte. Este liliputiano mexia-se como um diabo em uma pia d'água benta. Entrava nas choupanas, conversava com os operários, pagava-lhes de beber, comia com eles, acabando sempre as suas conversas pela política.

Em breve em todas as comunas se espalhou a notícia de que o barão advogava a candidatura de Ronquerolle. Foi uma surpresa para o castelo. O conde de Orgefin, presidente do “comitê” conservador, era de opinião que se devia tomar uma medida enérgica, e em plena reunião de todos os marechais do partido reacionário ficou planeada. Devia convocar-se, no castelo do marquês “de la Tournelle”, a reunião dos oitenta a cem proprietários influentes da circunscrição; coroaria a reunião um grande banquete.

— Que reles canalha que é este barão “des Quérelles!” dizia uma manhã o conde de Orgefin ao marquês. Hein! Compreendeis este homem? Excitar a população contra nós! Defender um Ronquerolle! Romper abertamente com as tradições da sua família! Ah! marquês, é preciso que não nos enganemos, se o barão for contra nós até ao fim da luta, perderemos votos, mesmo muitíssimos votos.

— É uma vingança de biltre, respondeu o marquês. O barão “des Quérelles” é um poltrão. Morde cobardemente, receando encontrar-se frente a frente comigo, não dizendo a causa da luta porque tem disso vergonha. Sabeis por que ele nos odeia a este ponto?

— Sim, sei, meu caro amigo, respondeu o conde. O tolo, queria desposar a marquesa, e não vos pode perdoar o terdes vencido na conquista do coração da marquesa, calcando assim os seus caprichos. Tratemos, antes de tudo, de o atrair; depois de feita a eleição, lançamo-lo à margem, desprezamo-lo como a uma casca de laranja.

Enquanto todo este alarme se produzia no castelo perante o seu procedimento e enquanto o seu nome era injuriado, tratava o barão de gozar deliciosamente os golpes que desapiedadamente despedia sobre os seus adversários.

Via-se atravessar de carruagem as ruas de Saint-Martin, guiando os seus cavalos, e cumprimentando significativa e afetuosamente os democratas mais avançados.

Em uma ocasião em que na praça pública atravessava com a sua carruagem, encontrando por acaso o bravo Kolri, presidente do “comitê” republicano, disse-lhe em voz alta de maneira a todos ouvirem:

— Sabei, pai Kolri, que sou dos vossos de todo o coração. Fazei-me o favor de dizer a esses senhores, M. Ronquerolle e aos seus amigos de Paris, que lhes desejo falar. Além disso tenciono ir à reunião pública na quinta-feira à tarde. Pouco me importa o que digam de mim. Lugar aos homens inteligentes e nada de deputados sem valor!

O barão “des Quérelles” dispunha de três a quatro mil votos. Era um influente nada para desprezar num escrutínio onde só votavam dose mil eleitores.

— Tenho o castelo nas minhas mãos! dizia o barão em uma ceia, quando bebia cognac em companhia dos seus amigos.

No fundo da sua consciência pensava:

— Serei o senhor da soberba Carlota que sem duvida capitulará por ambição. Como ela me tem feito sofrer! Como me tem desprezado!

Enquanto o marquês “de la Tournelle” e o conde de Orgefin tratavam da sua reunião plena das forças conservadoras, enquanto o colérico barão “des Quérelles” meditava como Machiavel e punha a sua influência política ao serviço das suas paixões amorosas, os três amigos de Ronquerolle, Branche, Didier e Maupertuis, não perdiam o seu tempo. Os rapazes, arrojados para as mulheres, como todos os jornalistas, produziam estragos terríveis nos corações das burguesinhas de Saint-Martin.

Ronquerolle e os seus amigos tinham sido convidados para uma pequena “soirée” em casa do mestre Desbrouin, notário republicano da cidade, que não temia defender as suas opiniões democratas e que além disso, possuía uma bela

fortuna. Desbrouin era ao mesmo tempo um bom “vivant” amando os prazeres da mesa e tendo sempre a sua despensa belamente fornecida. Recordava muito as suas travessuras de rapaz no tempo em que vivera na capital. Havia muito tempo que isto acontecera, há pouco mais ou menos vinte anos. Que prazer sentiria, ao receber em sua casa os quatro parisienses com os quais conversaria dos tempos passados e das suas loucas amantes.

Às nove horas da noite, Branche, Didier e Maupertuis fizeram a sua entrada no salão de M.^{me} Desbrouin, uma senhora loira, pequena e nutrida, muito amável, muito simples e muito mais nova que seu marido.

— Como, meus senhores, vindes sós? O sr. Ronquerolle não vem?

— Perdão, sr. Desbrouin, respondeu Maupertuis, o nosso amigo está preparando neste momento um discurso político mas estará aqui antes de uma hora tendo-me encarregado de vos apresentar as suas desculpas.

Tinham já chegado muitas pessoas, toda a burguesia descontente de Saint-Martin; todos os que nada tinham a esperar do castelo e que não podiam por mais tempo suportar que os cavalos e os trens do marquês os continuassem a enlamear, tinham sido convidados por mestre Desbrouin.

As mulheres vinham acompanhadas de seus maridos. Desbrouin andava por todos os lados a explicar que não tardaria a chegar o sr. Ronquerolle, a quem uma pequena ocupação detinha em casa. Esperava-se só por ele para ser servido o chá. Quase todos os homens se tinham retirado para o gabinete de trabalho do notário, que se seguia ao salão e onde fumando, se entretinham a falar das eleições.

Maupertuis falava no meio deles, Branche e Didier tinham ficado perto das mulheres a quem contavam como no inverno se passava a vida em Paris e como ela era imensamente mais divertida do que na província. Além disso, Branche testemunhava uma simpatia particular a M.^{me} Desbrouin, enquanto que Didier fazia evidentemente a corte a M.^{me} Beaumenard, a mulher do banqueiro Beaumenard. Esta tinha um espírito romanesco. A sua maior felicidade consistia em ler folhetins e ser heroína ideal das mais ternas aventuras.

— A vida sem paixão, dizia-lhe eloquentemente Didier, é semelhante a um deserto árido. É um pouco a minha, e nem vós calculais, senhora, o quanto tenho sofrido pelo coração. Ah! Se não fora a política por onde faço carreira e que me faz esquecer as amarguras da vida, seria o homem mais infeliz da terra.

A graciosa M.^{me} Beaumenard estava encantada com esta linguagem. Encontrava vivas, nas palavras do fino e amoroso Didier, as tiradas apaixonadas que a faziam quase chorar nos seus livros. Branche, pelo seu lado, tinha levado a linda

mulher do notário até ao precipício encantador mas perigoso das confidências amorosas.

Eram onze horas quando chegou o barão “des Quérelles”. Desbroutin tinha-o convidado verbalmente e sem cerimônia. O barão prometera vir e viera com o fim de excitar os espíritos contra o marquês “de la Tournelle”. Pretendia ao mesmo tempo conhecer de perto e assegurar-se por si próprio se o jovem deputado republicano era realmente o homem inteligente de que lhe tinham falado. A presença do barão interrompeu por momentos a interessante conversação de Branche com M.^{me} Desbroutin. Quanto a Didier, aproveitou o vai-vem dos convidados e a curiosidade que se fizera em volta do barão, para apertar docemente a mão de M.^{me} Beaumenard que lhe retirou, é verdade, mas sem muito esforço.

Ronquerolle entrou finalmente no salão. Apresentou as desculpas da sua demora, sendo facilmente desculpado. Desbroutin apresentou-o ao barão, ficando os dois a conversar. Desbroutin andava radiante. A pequena “soirée” fora ainda além dos seus desejos e no dia seguinte todo o mundo o invejaria.

Ronquerolle escutava atentamente o barão “des Quérelles”. No fundo desconfiava deste homenzinho que tão calorosamente defendia a causa republicana.

— Que interesse poderá ter este barão, pensava, na atividade que desenvolve contra o representante da sua casta, contra o meu adversário? Evidentemente não trabalha por convicção. Há pois, na sua conduta um móbil oculto. Qual será?

E Ronquerolle, com o seu olhar penetrante, mirou o barão dos pés até à cabeça.

Pelo seu lado o barão tratava de sondar o espírito de Ronquerolle; abordou sucessivamente todos os assuntos para ver até que ponto podia confiar nele.

Ronquerolle exprimia-se com a máxima clareza sobre todas as questões políticas, mas fora disso conservava-se impenetrável. Bruscamente, “des Quérelles” interrogou desta maneira o jovem candidato:

— Conheceis a marquesa “de la Tournelle?”

Ronquerolle empalideceu ao ouvir esta pergunta direta, e hesitou um instante antes de responder. Mas adquirindo de novo o seu sangue frio, respondeu com uma soberana indiferença.

— A marquesa “de la Tournelle!”. Mas senhor barão, conheço-a como toda a gente, e menos que V. Ex.^a certamente. Tenho eu tempo para me ocupar de

mulheres? Tenho muito que fazer, tratando dos meus eleitores e procurando bater o meu adversário.

O barão queria conhecer melhor Ronquerolle, para lhe contar toda a história da sua paixão por M.^{ele} de Champeauty. Não receava tomá-lo para seu confidente e dizer-lhe o quanto desejava humilhar o altivo castelo “de la Tournelle”.

A pergunta do barão tinha feito tremer um pouco intimamente Ronquerolle. Terá este tagarela alguma suspeita? Terá adivinhado a minha paixão, a minha loucura pela loura e adorável Carlota?

Terá surpreendido o mistério da nossa entrevista? O que será, enfim?

Todos tinham saído satisfeitos da “soirée” de M. Desbroutin e, no dia seguinte ninguém falava de outra coisa. Os mais pequenos incidentes foram discutidos e recontados dez vezes, comentados segundo a inteligência e a malícia dos narradores. Recaía toda a consideração sobre o notário e algumas más línguas começaram a insinuar que a gentil M.^{me} Desbroutin não era quem mais lastimava os resultados da reunião política de seu marido.

V - OS INFORTÚNIOS DO MARQUÊS

A reunião pública estava anunciada e determinada para quinta-feira, mas à última hora o proprietário da sala onde tinha de se realizar essa reunião veio avisar Ronquerolle de que confiava pouco na resistência do soalho e que seria, a pesar seu, obrigado a faltar à sua promessa e ao preço estabelecido, porque um particular tinha pedido cinquenta francos pelo aluguer.

A sala do “Poule Blanche” era demasiado pequena e por esse motivo foram ter com Mateus Baliverne, proprietário do café do Comércio, que tinha, no primeiro andar, uma magnífica sala de baile podendo conter mil e quinhentas a duas mil pessoas.

Baliverne acolheu admiravelmente o presidente Kolri, Ronquerolle e os seus amigos na entrevista preliminar; Kolri deu-lhe dez francos de sinal pelo aluguer da sala e beberam nessa ocasião em boa companhia um copo de *cognac*.

— Ao bom sucesso da vossa candidatura, disse Baliverne, tocando com o seu o copo de Ronquerolle.

Não obstante, Baliverne fugiu ao contrato depois de ter recebido os dez francos do sinal.

— Como! gritou-lhe Ronquerolle furioso, quereis convencer-nos de que a vossa sala não está segura e dais bailes nela! meu caro senhor Baliverne, tomais-nos

por uns imbecis! Quando as raparigas e os rapazes do lugar vem bailar aos domingos em vossa casa mandai-os por acaso, descalçarem-se no vestíbulo, afim de dançarem descalços para não prejudicar a solidez das vossas salas?! Basta de gracejos, senhor Baliverne! tendes o aspecto de um bom rapaz e há dias comemos juntos, por isso é preciso falarmos com toda a franqueza. Vamos, dizei-nos qual a verdadeira razão que vos leva agora a recusar-nos a sala que já nos havíeis prometido. Mas, por amor de Deus, se Deus existe, deixai em paz o vosso soalho.

Mateus Baliverne estava embaraçado, de cabeça baixa, não sabia que responder a Ronquerolle, que o fitava atentamente, esperando resposta.

— Vejamos, disse Ronquerolle, quereis que vos ajude a confessar a verdade? É o marquês, não é verdade, que vos ameaça se nos concederdes a sala? Deve ter-vos lembrado a sua qualidade de “maire” da cidade, e, como necessitais da sua autorização para conservardes o vosso baile aberto até às 5 horas da manhã, o marquês fez-vos compreender que doravante vos recusará essa licença, no caso de eu vir falar em vossa casa aos meus eleitores!

Baliverne, olhando em volta de si para se certificar que ninguém o escutava, respondeu a Ronquerolle:

— Palavra de honra sr. Ronquerolle, ouvi-me, eu sou um homem enérgico mas tenho filhos a sustentar e vejo-me por esse motivo obrigado a agradar a todo o mundo; não me traíreis não é assim? Confio em vós. Pois bem, haveis adivinhado tudo o que aconteceu! Foi o marquês, o “maire” que me fez compreender como o sr. disse, que não queria que a reunião se realizasse em minha casa. Aquele canalha tem-vos medo, e, se me recusasse licença para os meus bailes, ao mesmo tempo que me tirava o sustento, privava os rapazes de se divertirem.

Ronquerolle tremeu ao ouvir tal confissão. Sorriu ironicamente, depois do que se apoderou dele uma cólera fria. Despediu-se rapidamente de Baliverne e encerrou-se no seu quarto.

Neste mesmo dia, na mesma quinta-feira para que fora convocada a reunião devia ele ter o “rendez-vous” combinado, com “M.^{me} de la Tournelle”, nos “Passeios” às dez horas da noite.

Por uma estranha coincidência, este “rendez-vous” apaixonado, a que julgava não poder assistir, tornava-se agora possível.

Quem destruíra, afinal, os obstáculos? Quem lançara nos seus braços a bela, a divina Carlota? O próprio marquês de la Tournelle. Invejando-o como rival, temendo o poder das suas convicções, impedia-lhe que falasse em público e que conquistasse a popularidade que lhe dava a sua eloquência. O infeliz!

Impedindo Ronquerolle de nessa noite subir à tribuna, deixava-lhe livre a mulher e era ele mesmo o causador da sua infelicidade.

— Dentro de três dias, às dez horas da noite! tinha segredado a marquesa nessa inolvidável noite dos “Passeios”.

A reunião que devia realizar-se na quinta-feira, ficou adiada para mais tarde. Ronquerolle explicou em o seu jornal o “Reveil” que o detestável “maire” de Saint-Martin queria tapar-lhe a boca e impedir ao mesmo tempo que as lindas raparigas da cidade se divertissem com os seus namorados, mas que pouco importava a sua ridícula e idiota firmeza pois que breve teria de se recolher ao seu castelo sossegadamente a tratar da sua vida particular.

Visto que nada se opunha à entrevista fixada pela marquesa “de la Tournelle”, Ronquerolle preparou-se para isso. Fez irrepreensivelmente a sua “*toilette*”, perfumou o lenço, pôs uma gravata nova da última moda, pegou no chapéu mais elegante, calçou as luvas mais lindas que possuía e as botas mais elegantes e chegou uma hora mais cedo ao lugar da entrevista.

Sentou-se, nos “Passeios”, no mesmo banco onde a marquesa o encontrara, recordando as tempestades da sua juventude.

O dia estivera quente mas a brisa fresca começava a murmurar por entre o arvoredos.

Vinha caindo a noite, e ouvia-se ao longe o ruído harmonioso da fonte e o canto do rouxinol. Alguns cães uivavam nas herdades longínquas e uma indefinível voluptuosidade saía dos campos, dos bosques, dos vales e descia dos céus.

— Contanto que ela venha, dizia Ronquerolle. Oh! meu Deus! Contanto que ela venha! Mas, sem duvida, ela virá! Sinto que se aproxima! E poder-me-á ela enganar? Mas, porque não está ela já junto de mim? Porque não tenho entre as minhas a sua mão mimosa, porque me encetou os meus juramentos, porque me deixou dizer-lhe que a adorava, que era o meu ídolo?

O apaixonado mancebo pôs-se a passear rapidamente, atormentado pela sua impaciência em esperar. Quando ouviu soar as dez horas no relógio de uma herdade, parou.

— Soou a hora que me indicou. Estará aqui dentro de poucos momentos? Porque não veio já? Porque não ouço ainda o ruído do seu vestido de seda passando na areia da avenida?

E Ronquerolle, imóvel, escutava, atentamente, no silêncio da noite, mas não se ouvia som algum sob aquele imenso arvoredos. Uma hora se passou, hora de angústias profundas para Ronquerolle. Pensava que talvez não tivesse podido

deixar o castelo, e que tivessem surgido dificuldades imprevistas que a impedissem de cumprir a sua palavra. Resolveu esperar toda a noite. Nuvens pesadas pairavam no céu, ocultando as estrelas. Não havia luar e a escuridão da noite tornava-se cada vez mais densa. Um vento forte sucedera à brisa calma da tarde.

De ouvido atento, os olhos pretendendo desvendar a escuridão, Ronquerolle espreitava os caminhos, os atalhos, os campos. Esperava-a impacientemente, queria vê-la, correr ao seu encontro. Cerca da meia-noite, uma forma oculta e móbil apareceu lá no fundo de um caminho orlado de macieiras.

Surgia como uma sombra na direção dos “Passeios”.

— Ei-la, gritou Ronquerolle. Sabia-o bem! Viria com certeza! É minha enfim!

O coração batia-lhe fortemente dentro do peito. Ocultou-se por detrás de uma sebe e quando a forma escura e indecisa estava junto dele, murmurou docemente:

— Sois vós, minha querida?

— Sim, sou eu, respondeu uma voz débil. Onde estais?

Era com efeito a marquesa de la Tournelle. Trazia o rosto coberto com um espesso véu e tremia de esperança e de amor. Sentiu-se tranquilizada com a presença daquele a quem ia tornar seu amante, abandonando-se-lhe. Ronquerolle tirou-lhe o duplo véu que a envolvia e deu-lhe o braço, ajudando-a a caminhar, arrastando-a quase.

— Como pudestes vós vir aqui a estas horas? perguntou Ronquerolle.

— Sabê-lo-eis mais tarde, respondeu a marquesa. Cometo por vós imprudências que podem tornar-me alvo dos motejos públicos; se não me amais verdadeiramente, como creio, sereis um grande culpado!

Ronquerolle jurou que seria eterno o seu amor e que só a morte o poderia destruir. “M.^{me} de la Tournelle” descansou um pouco mais ao ver-se sentada ao lado de Ronquerolle, sob as tílias centenárias, escutando com atenção as suas palavras, os juramentos que lhe fazia.

Jamais ouvira tão apaixonadas palavras. Nunca acreditara que fora dos romances, existissem daqueles entusiasmos. Nunca Ronquerolle, pelo seu lado, tivera para seduzir uma mulher, usado de termos tão ardentes, de exclamações tão entusiásticas, como nunca ocasião tão favorável se lhe oferecera.

Durou muito tempo a entrevista dos dois amantes. Tinham ao seu dispor as horas tranquilas da noite. As nuvens tinham desaparecido, o vento acalmara-se e as estrelas silenciosas percorriam o seu eterno curso.

Ronquerolle tinha, entre as suas mãos, as mãos delicadas da marquesa e contava-lhe as aventuras da sua mocidade ardente. Ela escutava-o, admirava-o intimamente e estabelecia pequenas perguntas de amor. Tremia ao pensar na aventura em que se lançara e o seu seio arfava sob a emoção comovente do remorso e da felicidade.

— Que felicidade a minha! segredava-lhe Ronquerolle. Sou todo vosso, sem restrições, sem pensamentos reservados e é a primeira vez que o faço. A fatalidade criou-nos um para o outro e torna-se impossível que não nos amemos. Ah! quem descobrirá os mistérios da ternura humana? Quem conhecerá a lei que preside às preferências do coração humano? Quem nos explicará como é que nos achamos aqui reunidos na calma desta noite linda, devorados pelo fogo da paixão, decididos a tudo vencer antes do que deixarmos de nos amar, de que nos separarmos?... Oh! como sois bela! E como vos amo!

E febrilmente o mancebo enlaçava a marquesa. Contou-lhe tudo quanto sacrificava para que ali estivesse ao lado dela, apresentando-se decidido a tudo imolar ao seu amor para lhe provar que era digno da sua ternura e que a compreendia em tudo e por tudo.

— Tinha como que um pressentimento misterioso de que influenciáreis na minha vida e que o destino nos uniria mais cedo ou mais tarde; disse a marquesa. Lembrais-vos daqueles versos, daquela linda poesia que um dia me mandastes? há quatro anos já. Pois bem, conservo essas estrofes que talvez tenhais esquecido. Porque guardei eu tão fielmente essa vossa lembrança? Porque foi que tudo o que dissestes e tudo o que fizestes se me gravou na memória? Porque não deixei de vos admirar nas vossas lutas e de vos amar?...

“M.^{me} de la Tournelle” e Máximo de Ronquerolle viajavam pelas altas esferas da paixão. A voluptuosidade sensual desaparecera dos seus pensamentos. A sua suprema felicidade consistia em ver que se compreendiam, e que à delicadeza de um correspondia maior delicadeza de outro, que por mais alto que fosse o amante mais alto iria a mulher amada.

Era um fenómeno raro e admirável. Em todos os tempos, as afeições humanas se nortearam por considerações mesquinhas, por interesse, pelo dinheiro, pela vaidade, e por prazeres grosseiramente sensuais. Por isso pouco tempo duram e se arrastam na banalidade da vida de todos os dias.

Mas quando, não obstante os prejuízos sociais, os costumes do mundo, as barreiras sociais, os obstáculos da pobreza de um e da fortuna de outro, dois

entes se atraem, se encontram e se amam, este amor profundo, é tão puro e tão belo, que por si mesmo constitui a base da vida daqueles que o sentem, e que não esperam, senão a hora em que o túmulo o destruirá.

Era um amor assim, um tesouro de divinas sensações que unia a marquesa e o republicano. E, como neste último residia a força do caráter, e inteligência e o talento, Ronquerolle devia absorver completamente a existência de “M.^{me} de la Tournelle”. Ela tendia mais para ele do que ele a amava a ela. É o privilégio do homem: a força fascina a graça. É a planta que se agarra ao tronco da árvore e que com ela vive e morre.

Todas as barreiras da sociedade estavam destruídas entre a aristocrática marquesa e o fogoso republicano. Tudo aquilo que constitui as castas, separa as classes, sustenta o orgulho de uns e envenena a inveja de outros, desaparecia aos olhos desses dois seres que a fatalidade se entretinha a aproximar e a unir num beijo.

Não era a altiva e imperiosa Maximiliana Carlota de Champeautey, tornada “M.^{me} de la Tournelle” que ali estava, neste momento.

Não havia nela mais que uma mulher nova e soberba, que uma criatura adorável, embriagada de amor, abandonando-se livremente nos braços de um homem que para ela atingira o mais alto grau da força moral e da coragem.

O mesmo acontecia a Ronquerolle.

Esquecera as suas coleras e odios, abandonara as suas indignações, nada tinha, neste momento, do vingador dos sofrimentos populares. Todo entregue ao encanto daquela paixão, o seu coração trasbordava de amor, a sua juventude brilhava, não vendo em “M.^{me} de la Tournelle” mais do que a formosa personalidade da beleza e da vida.

Nunca dois seres mais sinceros, mais dignos um do outro, mais desinteressados, mais entusiastas, mais feitos para se compreenderem e se adorarem se tinham unido debaixo do céu e jurado um amor eterno!

— Amo-te até à loucura! dizia Ronquerolle à marquesa.

— E eu, respondia ela, amo-te até morrer!

Como tinham decidido os diretores do “comitê”, um grande banquete se devia realizar no castelo de Tournelle. Toda a nobreza da região tinha sido convidada para este banquete eleitoral que devia destruir a fortuna política do sr. Ronquerolle, como diria o conde de Orgefin. Foi convidado o senhor bispo de

Dijon, bem como o vigário e quase todos os curas de Saint-Martin. Não se tinham esquecido dos grandes industriais da circunscrição, que dirigiam numerosos operários e que convinha prender por qualquer delicadeza.

Quando chegou o dia fixado para o banquete, numerosas carruagens se viam chegar de todos os lados ao castelo “de la Tournelle”, conduzindo toda a nobreza.

Mancebos em “breaks” de caça, sorriam às condessas, viscondessas, baronesas e às velhas donas de castelos que vinham cooperar na manifestação contra a República.

Outros convidados, que na véspera tinham chegado a Saint-Martin, transpunham a pé o portão do castelo, e, às onze horas e meia, o grande salão estava completamente cheio. Não se esperava mais que o sr. bispo de Dijon que tinha prometido vir e que, como se sabia, se encontrava justamente nas vizinhanças do castelo em uma viagem pastoral.

Meio dia soou, quando o ruído de uma última carruagem se fez ouvir. Os lacaios correram ao seu encontro. Era a carruagem de monsenhor. O bispo vinha acompanhado do seu primeiro vigário geral e do seu secretário particular. A carruagem parou em frente do perístilo do castelo e, sorrindo, de bom humor, o prelado desceu, sendo acolhido entre duas alas de admiradores, de mulheres elegantes e de lindos rapazes, levando, quase todos, nas suas gravatas em forma de alfinete uma flor de lis.

O marquês “de la Tournelle” adiantou-se para receber o príncipe da igreja, dando-lhe as boas vindas.

O bispo, galante como um abade do século passado, perguntou pela saúde da marquesa.

— Senhor, disse o marquês, é o único contratempo que temos em tão belo dia. A marquesa está um pouco adoentada e não poderá assistir ao banquete de que tenho a honra de vos oferecer a presidência.

O bispo continuou a sorrir, mas intimamente, no fundo do seu pensamento, perguntava o porquê e a causa desta ausência da dona da casa. As dignidades da igreja, padres, abades, curas, vigários, bispos, arcebispos e cardeais, gostam de conhecer os segredos das famílias. Nunca se deixam iludir pelas aparências, pelos pretextos alegados; querem conhecer o fundo, a razão, segundo a expressão popular, dos pequenos e dos grandes acontecimentos que se passam na intimidade dos lares, na choupana do pobre, como nos palácios dos ricos.

— “M.^{me} de la Tournelle”, disse o bispo de si para si, é uma mulher que vende saúde. Que motivo misterioso a tem preza nos seus aposentos, quando tudo a está convidando a aparecer?

Não obstante a sua perspicácia e o seu profundo conhecimento do coração o prelado estava longe de conhecer a verdade.

Acreditava em alguma discussão por amor próprio entre marido e mulher, qualquer disputa interna, mas a suposição de que uma adúltera estava em casa dos “de la Tournelle” não passara ainda pelo seu espírito.

“M.^{me} de la Tournelle” recusara-se abertamente a comparecer ao banquete. Tinha havido uma cena entre ela e o marido, cena fria, sem violência, sem longas explicações, mas mais do que significativa.

Fora no próprio quarto da marquesa que se dera essa discussão. A bela Carlota fora de uma impiedade extrema. O marquês compreendera que lhe era inútil insistir e que era prudente retirar-se em boa ordem.

A marquesa não cuidou mais da agitação política do seu partido. O amor vencera-a; Jamais tinha pensado em que semelhantes tempestades se desencadeassem na sua alma. Quase que se não conhecia. A paixão que sentia por Ronquerolle invadira-a completamente como uma onda súbita, e tudo aquilo que até então constituíra o seu ideal submergira-se, obliterara-se, aniquilara-se quase.

Começava a amar a solidão dos seus aposentos. Estava impaciente, febril. Tentava entregar-se à leitura mas a sua atenção divagava. Tomava rapidamente um livro, passava-o pelos olhos depois do que o lançava para o lado sem o ter lido.

O amor invadia esta adorável mulher, como a febre ardente invade uma doente. Coisa estranha! Sofria e era feliz ao mesmo tempo! O que experimentava era uma “melange” de dor e de alegria, de inquietação e de esperança, de orgulho e de medo. Louca de amor, passeava febrilmente no seu quarto quase que falando em voz alta, aproximando-se de vez em quando da janela e contemplando os prados, a relva e, lá no fundo, a pequena cidade de Saint-Martin.

— Amigo, amigo! dizia ela, pensando em Ronquerolle, que haverá em ti para assim me esquecer do que sou? Já não pertenço a mim mesma desde a nossa entrevista... Oh sim!... foi depois que te vi que me considereei feliz... Tua! Tua para sempre!

E, levando os dedos aos seus finos lábios, enviou, como uma criança, beijos ao jovem republicano e ao mesmo tempo toda a sua alma.

O banquete realista! A luta dos partidos O triunfo de uns e a perda de outros! Que lhe importava isso? Nada disto a interessava no momento em que o imperioso delírio da paixão se apoderava dela e a torturava.

O famoso banquete terminara no meio de alegria geral dos convidados. A princípio decorrera frio. A ausência da marquesa tinha impressionado toda a gente. O seu lugar, lugar de honra, ficara por ocupar.

A sua cadeira vazia lá estava e cada conviva lançava muitas vezes um olhar involuntário para esse lado, fazendo, intimamente, os comentários mais maliciosos.

Presidia o bispo, tendo sentado “vis-à-vis” o conde de Orgefin. Ao todo os convivas subiam a noventa e cinco. Os lacaios, de calção, com as armas dos “de la Tournelle” bordadas nas fardas, faziam um serviço irrepreensível sob todos os pontos de vista.

Os pratos esquisitos, os vinhos finos aqueceram pouco a pouco os cérebros, destravaram-se as línguas e a animação aumentou. De Orgefin observava os convidados e tirava um bom presságio das suas felizes disposições. De uma sobriedade notável, o conde não bebia senão água, conservando o seu sangue frio. Ao “toast” fez encher a sua taça de “champagne” para levantar um brinde ao triunfo dos princípios monárquicos, fazendo um “speech” enfatulado de ódio ao governo republicano.

Esperava-se um pequeno discurso da parte do bispo, mas a este, pássaro bisnau, não convinha comprometer-se muito com o partido conservador. Intimamente, detestava extraordinariamente as novas ideias; via, com a morte na alma, os triunfos dos princípios da Revolução, mas os membros da igreja são prudentes. O bispo gostava antes de estar do lado do cabo, como se diz em linguagem popular e quando o futuro estivesse mais conhecido, ele cuidaria do seu caminho.

Enquanto se festejava a causa realista no castelo do marquês, os habitantes da pequena cidade de Saint-Martin estavam seriamente preocupados. Este banquete era um acontecimento que entretinha todas as conversações.

Em toda a parte se falava dele; na farmácia, na praça, na fonte, e em frente da “mairie” formavam-se grupos, dizendo cada um o que lhe apetecia.

Por uma necessidade natural de se encontrarem juntos os republicanos de Saint-Martin foram todos para os lados da “Poule Blanche”. O presidente Kolri discursava a uma grande mesa cercado de Ronquerolle, Branche, Didier e

Maupertuis. A maior parte dos indivíduos estavam de pé e, a cada instante se ouvia copos tocando o do candidato republicano.

Ronquerolle encorajava-os, falava-lhes das lutas que encontram sempre num país a liberdade e a justiça que nascem, fazendo-lhes compreender que, na maior parte do tempo, o luxo do rico é sustentado pelo trabalho do pobre.

O jovem republicano estava de uma palidez excessiva. Devorado pela febre da ambição e do amor, pensava nas suas aventuras de há dois dias com a marquesa “de la Tournelle”, deixando-se levar pela sua paixão. Todos os seus sentidos se sentiam presos de uma languidez indefinível.

A sensação dos beijos da sua amante parecia não poder deixar o seu rosto, não podendo ao mesmo tempo esquecer a sua lembrança.

Ignorava que, por ele, se recusara a comparecer ao banquete realista. Não supunha que recordações amorosas tinha gravado no coração da bela Carlota.

Parecia que era ele Ronquerolle, que a amava com uma intensidade mais violenta, enquanto que, na realidade era a marquesa que tinha pelo republicano uma amizade mais profunda.

— Oh! meu Deus! dizia Ronquerolle, pensando na sua amante, quando poderei voltar a vê-la? Oh! minha linda amiga, quando nos encontraremos alfin reunidos, sós, no silêncio da natureza e fora do ruído das cidades?

E recordava os seus grandes olhos, o seu sorriso, a graça das suas longas tranças, a sua mão tão fina, os seus seios incomparáveis, o perfume da sua “*toilette*”.

Separando-se, após a sua entrevista nos “Passeios”, Ronquerolle e a marquesa prometeram voltar a encontrar-se em Paris, depois da eleição de 15 de julho.

— Voltarmos a encontrar-nos aqui, no campo, é impossível, disse a marquesa. Perder-nos-íamos os dois inutilmente. Eu seria envilecida, expulsa, vilipendiada como uma mulher pública. Tu, meu querido, tornar-te-ias suspeito a todos os que defendes e pesar-te-ia sempre o teres-me comprometido. Sejam prudentes. Partirei para Paris alguns dias antes de ti. Virás então juntar-te a mim e lá construiremos um ninho para o nosso amor.

Ronquerolle recordava este plano delineado pela sua amante e consultava as datas.

— Ainda oito dias! dizia ele. Encontrá-la-ei em Paris, nesse imenso Paris, quando partir.

Já ele calculava que partiria no dia seguinte ao da eleição quer vencesse ou não o marquês.

O amor e a ambição confundiam-se no seu espírito e no seu coração. No coração da marquesa só o amor vivia. Ela amava-o e nestas palavras se reunia tudo para si. Ronquerolle pagava em amor, amando-a também, mas, dotado de faculdades poderosas, tinha antes disso, um fim a cumprir, e com esse fim esperava ele construir o pedestal do seu amor.

VI - MOMENTOS DECISIVOS

O partido conservador, um momento enfraquecido, voltara de novo a cobrar confiança e serenidade.

O banquete do castelo de “la Tournelle” produziu um grande alarido. Relatórios, habilmente redigidos pelo conde de Orgefin apareceram em diferentes jornais e foram enviados a todos os eleitores.

A presença do bispo era comentada de muitas maneiras e fizera-se correr o boato de que Ronquerolle se encontrava extremamente desanimado a ponto de se dizer que renunciaria à sua candidatura.

Ronquerolle, porém, não perdia o seu sangue frio. Sem descansar percorria a circunscrição, reunindo os eleitores nas salas da estalagem onde repousava. O seu “comitê” trabalhava na expedição das profissões de fé, boletins para votos e nos cartazes. Branche, Didier e Maupertuis redigiam os números do “Reveil” que saía agora três vezes por semana.

Um fato que preocupava extraordinariamente o público era o silêncio súbito do barão “de Quérelles”. No princípio da campanha eleitoral, viram-no lançar-se abertamente na luta e tomar o partido, senão, por Ronquerolle, ao menos contra o marquês “de la Tournelle”; passados, porém, quinze dias o barão emudeceu e tornou-se quase invisível. Àqueles que se lhe aproximavam e que o interrogavam respondia que era necessário esperar para a última hora para poder inclinar-se definitivamente para um dos partidos.

Uma cólera estranha se apoderara do barão. Sentia-se indisposto com todo o mundo; contra o marquês, contra a marquesa, contra Ronquerolle e até contra si próprio. As suas manobras não tinham dado resultado algum e conhecia que afinal era mais do que o tolo da farsa. O seu zelo na luta afrouxava por isso, não saindo, quase, do seu castelo.

Alguns dias antes do dia 15 de julho, data fixada para as eleições, o barão levantou-se uma manhã com mais mau humor do que o do costume. Maltratava os criados, dava ordens que anulava. Daí a momentos, passeando com

impaciência e ansiedade em uma galeria, contigua aos seus aposentos, e que dava sobre o jardim.

Quando um dia estava assim preso da irresolução e do desgosto de ver que a bela Carlota se lhe escapava uma vez ainda, vieram anunciar-lhe que uma deputação de eleitores o procurava para lhe falar.

Feliz por ter essa nova distração no meio dos seus desgostos internos, desceu para falar aos que o procuravam. Na sala encontravam-se assentados uns quinze homens.

Viam-se muitos “maires” influentes dos arredores da cidade e lavradores de blusa que esperavam de chapéu na mão.

— Vejamos, senhor barão, disse o mais velho dos eleitores presentes, por quem devemos votar nas próximas eleições? Vimos pedir-vos este conselho. Faremos o que o senhor barão nos ordenar.

Estas palavras envaideceram o amor próprio do barão “des Quérelles”. Sabia bem que a delegação que se encontrava na sua frente representava bem umas vinte comunas importantes.

— Ah! celerado marquês, pensava ele, depende de mim a tua sorte e vós, senhor republicano, tendes a vossa eleição na minha mão.

Após este discurso mental, o barão voltou a ter o bom humor antigo.

— Meus senhores, disse, dirigindo-se aos eleitores, estou imensamente envaidecido com a vossa resolução. Dar-vos-ei, sinceramente o meu conselho. Mas a questão merece um exame muito cuidadoso. Convido-vos para almoçardes comigo e antes que nos separemos, tomarei as minhas resoluções enérgicas.

Na realidade, o barão não sabia que responder aos eleitores que o vinham consultar. Como todos que se vem embaraçados pediu tempo para refletir. Se por um lado, odiava de morte o marquês por que fora o rival que “m.^{ele} de Champeauty” lhe preferira, por outro lado custava-lhe favorecer a eleição de Ronquerolle.

Não compreendia bem porque este homem lhe inspirava tal antipatia mas o certo era que o aborrecia.

Adivinhava que este senhor Ronquerolle havia de ser mais tarde um obstáculo aos seus desejos, porque o arrebatado barão não renunciara à esperança de possuir mais tarde ou mais cedo o coração da bela Carlota.

Durante os preparativos do almoço, os homens da delegação foram passear para o parque do barão, que por sua vez se retirou para o seu gabinete de trabalho, preso de uma perplexidade inquietadora.

— Meu Deus! que hei de aconselhar a estes homens? Se lhes digo que votem por esse tolo do marquês “de la Tournelle” saberá a marquesa reconhecer que é a mim que deve o não ver o seu orgulho e o seu nome humilhados? Se o aconselho a deitarem a sua lista pelo Ronquerolle quem me assegura que a sua eleição não vem pôr uma barreira invencível entre mim e a minha paixão?

Torturado pela duvida o infeliz barão não sabia para que lado se havia de voltar, quando o criado lhe entregou o último número do “Eco da Borgonha”, o jornal monárquico que pertencia ao marquês. Abriu, e de vermelho que estava, tornou-se pálido como cera. Na primeira página do jornal destacava-se em normando um suelto irônico que lhe dizia respeito. O autor do pequenino artigo troçava do barão pela sua pequena estatura e fazia insinuar que a pequenez da sua inteligência estava na proporção da do seu corpo.

Era ferir a coroa sensível. Este artigo afiado como a lâmina de um punhal, pôs fim às suas hesitações e decidiu da eleição do círculo de Saint-Martin.

Ah! é isso? Pois bem! disse o barão. Senhor “de la Tournelle”, meu amigo, ficarás fora da luta, serás vencido, assim o espero. Feliz Ronquerolle, um bom gênio te protege!

O barão “des Quérelles” desconhecia por completo a grande verdade que dissera. Sim, um bom gênio protegia Ronquerolle. Sim, a felicidade vinha para ele. Que artigo pérfido! Quem o redigira? Quem sacrificara assim a vaidade de um barão? Quem tanta sorte dera a Máximo?

Quem? A própria marquesa “de la Tournelle”. Louca pelo seu amante, capaz de fazer por ele todos os sacrifícios, não pensando senão na sua fortuna e na sua glória começou a por ao seu serviço toda a artilharia dos seus ardis femininos.

“Des Quérelles” estava alegre, como um homem que acaba de tomar uma resolução. O seu caráter colérico encontrou em que se empregar, durante o almoço que oferecera aos eleitores influentes que tinham vindo consultá-lo.

— Bebam, meus amigos! dizia aos seus hóspedes. Viva Deus! Vamos, finalmente, ver-nos livres desse magricela do marquês. Está entendido, não é assim, no próximo domingo votaremos como um só homem no belo Ronquerolle. Eis um que têm sorte.

Os convivas, bravos lavradores e vinhateiros, bebiam vinho puro, comendo constantemente e rindo à vontade ao ouvir os gracejos do seu anfitrião. A conversação foi declinando a pouco e pouco da política para os boatos que

corriam na cidade e na região. Falou-se da marquesa, de “M.^{me} de Beaumenard”, a mulher do banqueiro; de “M.^{me} Desbrouin”, a mulher do notário.

— Parece que esses senhores, dizia o barão, não tem muito que se queixar do período eleitoral. Vamos, tanto melhor! Os três parisienses não vem para aqui só para trabalhar, os galhofeiros; levam-nos, porém, o melhor. O que está nas boas graças da gentil “M.^{me} de Beaumenard” é um finório. Ah! que linda coisa é a mocidade!

O almoço terminou alegremente, como havia começado. Tomou-se café no jardim, onde pouco depois se bebia também cerveja. Eram apenas três horas da tarde. O barão fez a última recomendação aos seus hóspedes:

O “mot d'ordre” é que o marquês tem de ser vencido. Ide, meus amigos, e levei por toda a parte a boa nova!

Estas palavras deviam dar a Ronquerolle três mil e setecentos votos. A inteligente marquesa tinha calculado bem, redigindo ela mesma o artigo contra o barão, para excitar a sua cólera e para o fazer sair da sua reserva.

Ficou louca de alegria e louca de amor quando soube da resolução de “des Quérelles”. Era o bom êxito da luta de Máximo assegurado.

— Ó meu querido amante, dizia ela, sou eu que te abro o caminho da fortuna e da glória. Serás tu fiel, ao menos?

O característico do verdadeiro amor foi sempre o sacrifício pela pessoa amada. Sacrifica-se tudo por ela, por ela se afrontam os perigos e a morte, por ela se cometem prodígios, por ela se perde o apetite e o sono e se é feliz com este tormento, com esta dor, com este mal implacável que invade todo o nosso ser.

A soberba Carlota estava no paroxismo da paixão. Calma na aparência sentia-se devorada pelo frenesi do amor. Passeando no seu jardim, sentia-se tão dominada pela imagem e recordação do seu amante que a custo caminhava. Uma languidez indizível a fatigava. Podia-se tomar por uma dessas deusas antigas que atravessavam os bosques sagrados da Grécia e que desapareciam em uma nuvem azul. Jamais visão tão bela podia inspirar um poeta. Jamais a encanação da vida se tinha manifestado em uma mais nobre criatura!

Ronquerolle sentia-se falta de energia.

No último sábado, véspera da eleição, esteve dominado por um febre ardente. A inquietação devorava-o. Sairia vencedor do escrutínio? Iria de novo passar à obscuridade? Além disto o amor de “M.^{me} de la Tournelle”, como uma ferida

incurável, invadia-o, torturava-o, dominava-o. Ele, um homem forte, o cidadão inflexível, sentia-se vencido por essa mulher, por essa sereia de cabelos louros.

— O destino! Ela sacrifica-se por mim enquanto que eu, egoísta, onde está o meu sacrifício?

Uma agitação extraordinária o reteve durante as horas em que se procedeu à abertura do escrutínio.

Os partidários do marquês percorriam a cidade e os arrabaldes, fazendo promessas a uns, ameaçando outros, espalhando profusamente por toda a parte as listas.

Por seu lado os partidários de Ronquerolle não ficaram inertes.

Durante toda a noite de sábado para domingo desenvolveram uma energia sem igual a fim de levarem os operários a votarem no candidato republicano. Lutavam com a intrepidez da última hora, com a coragem suprema que tem o soldado quando está prestes a derrotar o inimigo.

Quando, no domingo de manhã, o escrutínio se abriu, os dois partidos estavam perfeitamente calmos. O momento decisivo aproximava-se. Viam-se grupos formados na praça pública e que depois se dirigiam a votar à “mairie”. Misturavam-se os amigos e inimigos políticos; uns chasqueavam o marquês de “la Tournelle”, outros riam-se de Ronquerolle.

Este último abatido pela fadiga e atormentado pelo desassossego não abandonou o leito neste domingo fatal que ia decidir a sua sorte. Vítima da ambição, de balde tentava adormecer. Ele próprio tinha censurado o seu procedimento e só o seu amigo fiel, Branche, estava junto dele absorvido pela mesma incerteza pelas lutas do futuro.

O escrutínio fechou-se às seis horas, começando imediatamente o apuramento de votos. A sala da “mairie” estava completamente cheia. Os eleitores presentes escutavam silenciosamente a contagem dos votos.

Alternadamente escutavam-se os nomes dos dois candidatos.

— Sr. de la Tournelle!

— Sr. Ronquerolle!

Cerca das nove horas os murmúrios de alegria ouviam-se já entre os operários. Vencia o cidadão Ronquerolle, segundo todas as probabilidades. Tinha a maioria de 1500 votos só na cidade de Saint-Martin. O ruído desta vitória estalou como uma bomba de dinamite.

Uma multidão compacta que esperava as notícias em frente à casa da câmara, gritou instintivamente: Viva a República!

Este grito ressoou pelo silêncio da noite como o ronco de um trovão. O seu ruído fez-se ouvir no castelo feudal do marquês de “la Tournelle” e gelou de terror os realistas que se encontravam reunidos no salão.

— A canalha triunfa disse friamente o conde de Orgefin. Escute estes gritos marquês! Tenho receio de que tenhamos sido batidos!

De minuto em minuto chegavam estafetas das comunas, sucedendo-se sem interrupção os telegramas. Por toda a parte o candidato republicano saía vitorioso.

Cerca da meia noite a vitória definitiva de Ronquerolle foi proclamada. Vencera pela maioria de quatro mil seiscentos e vinte sete votos. Foi um delírio entre os republicanos.

O “Poule Blanche” iluminou-se, organizando-se grupos que cantavam pelas ruas hinos patrióticos. Ronquerolle não podia acreditar no seu triunfo. Tinha os olhos cheios de lágrimas continuando a ser devorado pela febre.

Foi preciso que se mostrasse à multidão, da janela, entre bandeiras tricolores e iluminações. Estava pálido como a morte. Quando se fez silêncio pronunciou um daqueles discursos que inflamam as imaginações e fazem transbordar os corações de entusiasmo.

Durante quase uma hora, o intrépido mancebo falou à multidão da maneira a mais patriótica. A sua fadiga desapareceu diante desses homens rudes e valentes que o aplaudiam freneticamente. Quando de novo recolheu ao seu quarto, quando já tinham terminado todas as manifestações, Ronquerolle encontrou-se fresco e bem disposto, tendo-lhe desaparecido a febre; tinha passado a hora de angústia.

Subia, finalmente, a essa tribuna que tanto ambicionava. Os obstáculos que lhe impediam o caminho desapareceram como uma nuvem ligeira. O caminho do futuro, aparecia claramente agora aos seus olhos. Estava satisfeita a sua ambição.

— Restava-lhe ainda a amante. Ronquerolle passava a maior parte da noite a escrever-lhe.

Toda a poesia da sua natureza inquieta e apaixonada se desenvolveu livremente e as palavras mais ternas saíram da pena.

— “Mulher adorada, escrevia Ronquerolle, devo-te a primeira glória da minha carreira! Sê bendita, porque me ajudaste, porque foste imensamente corajosa para sacrificares por mim os prejuízos da tua raça; porque, afinal, tu sacrificaste... Que farei eu para recompensar o teu amor que tão alto vai? Ah! no início da minha carreira, pobre, obscuro ainda, não tenho senão a minha mocidade para te dar, a ti minha encantadora e bela amiga, incomparável Carlota, a ti, cuja graça me encanta, a ti cujos olhos azuis me fazem louco, a ti cujo ser me inebria!...

“Que dias felizes eu antevejo! Que ideal visão me persegue! Que nobre destino eu entrevejo para ti e para mim, cara e misteriosa amante!

“Ninguém saberá que nos amamos, ninguém adivinhara o segredo da nossa amizade; amar-nos-emos, adorar-nos-emos por nossos próprios merecimentos e não para obedecer às convenções sociais, não para nos conformarmos com interesses pueris.

“... Para ti toda a minha alma, para ti o melhor do meu pensamento, para ti a minha vida”!

Ronquerolle não podia de maneira alguma terminar a carta. O seu coração transbordava de ternura, quisera encerrar nesse papel toda a sua existência: o passado, o presente e o futuro.

Antes de a fechar releu-a; lágrimas ardentes lhe marejaram os olhos, a ponto de a si mesmo perguntar se não estaria preso de uma alucinação.

E lacrou a carta sentindo-se moralmente fatigado.

VII - VIDA NOVA

Na quinta-feira seguinte ao dia da eleição, pelas dez horas da manhã, a cidade de Saint-Martin apresentava um aspecto de festa fora de costume. O sol de julho brilhava num céu puríssimo, e o calor era já asfixiante. Quinhentas a seiscentas pessoas estacionavam em frente do edifício da Câmara, onde acabava de chegar uma fanfarra com o seu estandarte, e ia formar-se o cortejo.

Os republicanos preparavam-se para acompanhar até à estação dos caminhos de ferro o cidadão Ronquerolle que partia para Paris.

Por entre os grupos que se viam formados pela praça, o observador perspicaz teria notado três mulheres novas, que muito chegadas umas às outras pareciam tristes e preocupadas. Entretanto sorriam mas o seu sorriso era contrafeito.

Esse grupo feminino compunha-se da graciosa Madame Beauménard, a mulher do banqueiro, da buliçosa Madame Desbrouin, a mulher do tabelião, e finalmente da elegante Madame Jolibois, a mulher do recebedor das contribuições.

Todas três muito amigas, não tinham segredos umas para as outras.

Madame Beauménard deixara-se prender pelas declarações amorosas de Didier; Madame Desbrouin adorava Branche, e, finalmente, Maupertuis conseguira fazer soçobrar a virtude um pouco arisca de Madame Jolibois.

Ai, como são rápidos os dias felizes!

Os apaixonados retomavam o vôo em direção a Paris, e a vida monótona da província ia recomeçar para aquelas galantes mulheres.

De repente, o deputado Ronquerolle apareceu seguido dos seus três amigos, de todos os membros do “comitê” republicano e de numerosos cidadãos, pertencentes às diversas classes da sociedade. Estava pálido, quase lívido e uma gravata vermelha fazia ainda ressaltar essa palidez, resultante da fadiga e das comoções sofridas. A fanfarra executou a “Marselhesa” e o cortejo pôs-se em marcha.

Quando Branche, Didier e Maupertuis passaram junto das suas três amantes, trocaram-se rápidos olhares e as três mulheres não puderam conter as lágrimas.

— Amava-lo muito? disse Madame Jolibois a Madame Beauménard.

— Minha querida, era louca por ele! E tu? redarguiu a interrogada.

— Eu, queria partir com ele, respondeu Madame Jolibois.

Quanto a Madame Desbrouin, estava tão comovida, que apenas pôde dizer:

— Que há de ser de nós, agora? Esses rapazes que partiam eram a poesia, o amor a paixão.

A marquesa de Tournelle havia deixado Saint-Martin no dia seguinte ao das eleições. Estava em Paris havia quatro dias, quando Ronquerolle ali chegou.

A grande cidade estava nessa ocasião deserta. A alta sociedade partira já para as estações de águas, para os banhos do mar, para o campo. Apenas ficara a população que as necessidades da vida prendiam em Paris. O calor tornava-se mais violento dia a dia.

A marquesa habitava um soberbo palacete na rua de Varennes, construído entre um pátio e um jardim.

Habitualmente demorava-se no campo até aos fins de novembro, mas o seu regresso inesperado a Paris foi explicado pelo cheque eleitoral sofrido pelo marquês seu esposo.

O sr. de La Tournelle, sentindo-se envergonhado, humilhado, diante de sua mulher, não ousava acompanhá-la à grande capital. Por outro lado o continuar em Saint-Martin lhe parecia também insuportável e por isso partira, sem demora, para a Suíça, em companhia do conde de Orgefin.

Ronquerolle, em vista da sua nova situação, alugara uma boa habitação perto dos Inválidos, ficando estabelecido que Branche seria seu secretário e residiria com ele. Quanto a Maupertuis e a Didier instalar-se-iam nas imediações.

A abertura das câmaras devia realizar-se em outubro, e por isso restavam ainda ao novo deputado dois longos meses para se preparar para as lutas parlamentares, para se concentrar antes do combate, e para se entregar inteiramente à sua amante.

Durante esse espaço de tempo esses dois entes privilegiados foram completamente felizes. Encontravam-se todos os dias e a sua intimidade aumentando, aumentou a sua paixão. Até então eles tinham-se mais adivinhado do que conhecido. E que alegria foi para eles o reconhecerem, mutuamente, que eram ainda superiores à ideia que se haviam formado de sentimentos, de inteligência e da elevada concepção do amor.

Ronquerolle estava completamente fascinado, maravilhado da audaz beleza de Madame de la Tournelle e a marquesa adorava o seu amante pela sua mocidade, simplicidade, pela veemência da sua paixão e do seu formoso espírito, e também pela sua insaciável ambição.

Ronquerolle comprazia-se em fazer-lhe longas confidências sobre os seus projetos de futuro. Não queria entrar na câmara dos deputados para se deixar seduzir pelo aparato do poder, para ser cúmplice ou vítima da corrupção, da ignorância ou do embuste; mas sim para representar verdadeiramente o papel de reformador, tomando o povo como ponto de apoio...

Uma tarde, quando o sol desaparecia por detrás do Arco do Triunfo, e quando já descia o crepúsculo sobre a grande cidade, o orgulhoso rapaz repetia à sua amante os seus sonhos de esperança, deixando as palavras seguirem o curso do seu feroso temperamento.

Eletrizas-me, meu adorado, dizia-lhe a encantadora e loura Carlota de la Tournelle; perdoa-me mas sou ciumenta como uma pantera, e estremeço ao pensar que em breve te tornarás uma figura célebre, que os mais provocantes sorrisos te vão ser dirigidos, e que, pode ser, que então, eu não seja a única a possuir toda a tua alma!

— Tranquiliza-te, respondeu Ronquerolle; porventura não sentimos que este amor é de vida e de morte.

— Sim, sim, retorquiu vivamente e apaixonadamente a marquesa, amor para a vida e para a morte!

Algumas vezes, também pelas onze horas da noite, os dois amantes passeavam juntos, a pé ou de carruagem, percorrendo os bairros mais afastados e solitários, pois que a marquesa ficaria perdida se fosse reconhecida nos seus passeios em companhia do jovem deputado republicano.

Num sábado, pela meia noite, quando entravam por uma pequena rua desviada da habitação de Ronquerolle, estremeceram ambos ao mesmo tempo ao cruzarem-se com um individuo que seguia em sentido contrário.

Felizmente para madame de la Tournelle ela usava um véu espesso e não pôde por isso ser reconhecida.

O homem que passara perto deles era o barão de Quérelles, que, por seu turno, acabara de chegar a Paris, com a firme resolução de vigiar a marquesa.

Como seguia preocupado e muito rapidamente, o barão nem mesmo reconheceu Ronquerolle, mas fora reconhecido por este e por madame de la Tournelle.

— Diabo, exclamou Máximo, vamos ter este pequeno barão a seguir-nos os passos. É preciso acautelarmo-nos até que dele estejamos livres.

Por esta época, Ronquerolle recebeu uma carta que profundamente o impressionou.

Era a pobre, a pequena Emilia, sua amante de outros tempos, que lhe escrevia.

Ronquerolle ainda não a tinha ido ver, e a infeliz rapariga sabendo do seu regresso a Paris, lamentava-se do abandono a que ele a votara.

“Eu bem sabia, lhe dizia ela, que a tua partida para a Borgonha era o fim dos nossos amores! Eu bem sabia que uma nova vida ia começar para ti, meu adorado Máximo, e que eu, pobre flor desfeita, seria sacrificada à tua ambição, que uma nova paixão exige.

“Bem sabia ao ver-te partir que tudo era perdido para mim, o meu único amigo, o meu bem amado, o meu querido amante! Escuta, prefiro antes morrer a descer pela escada fatal das raparigas bem educadas mas pobres. Tornar-me-ia a amante de um outro, que me abandonaria também, depois de um terceiro, e depois, de todo o mundo! Não! Não! Repito-te, antes a morte!

“Não me digas que ainda me amas; se assim fosse não terias vindo abraçar-me logo após a saída do comboio que te conduziu a Paris? E tu estás aqui há quinze dias, e em vão te hei esperado todas as manhãs e todas as tardes.

“Oh! Máximo! Meu querido Máximo! Não poderei eu ainda apertar-te nos meus braços, antes de ser envolvida na mortalha dos pobres, antes de fechar os meus olhos à doce claridade do sol, antes de ser conduzida ao cemitério e coberta com algumas pás de terra?

“A tua querida toutinegra de outros tempos

“Emilia.”

Ao ler esta impressionante carta, Ronquerolle sentiu que um suor frio lhe banhava a fronte. Não tinha esquecido completamente aquela pobre criança companheira dos dias de maior adversidade, essa sensível Emilia à qual jurara eterno amor, mas da qual a imagem havia sido eclipsada no seu coração e no seu cérebro pela visão estonteante da marquesa de la Tournelle.

E contudo, durante o período eleitoral, ele tinha-lhe escrito, à pobre rapariga, jurando-lhe ainda que nunca a abandonaria, mas, mau grado os seus desejos, a sua linguagem, as suas palavras eram sem calor, e o amor de outros tempos transformara-se em uma afeição de irmão.

Emilia havia compreendido essa mudança, mulher de sentimento, sentira que lhe fugia o amante a quem adorava, e ficou profundamente abatida.

Ronquerolle era tudo para ela, sem parentes, sem família, só nessa imensa Paris, ela só o tinha a ele no mundo para proteger a sua juventude, e a sua fraqueza de mulher nas lutas contra a dura necessidade.

Com esse instinto maravilhoso que possuem as verdadeiras amantes, Emilia compreendera que uma outra paixão enchera a alma do seu querido Máximo, e então todas as suas esperanças, já de si tão frágeis, se abateram de um só golpe.

Nem o pensamento de lutar contra a adversidade lhe assaltou o espírito.

A pobre criatura, imagem fiel da resignação disse a si própria: Máximo já não me ama, pois bem, só me resta morrer.

Quando soube da chegada de Ronquerolle, quando soube que ele estava em Paris há quinze dias e o esperou em vão, chorou lágrimas de sangue e decidiu-se por fim a escrever-lhe, como única esperança de vê-lo, ao menos uma vez antes de morrer.

Ronquerolle, tomado de uma inquietação mortal, ao terminar a leitura da carta da sua pobre Emilia, saiu imediatamente, tomou um trem e dirigiu-se a casa da pobre rapariga.

Emilia reconheceu-lhe os passos, e quando ele lhe bateu à porta, abriu-lha com o coração despedaçado, mas ainda com uma migalha de esperança.

Foi tal a violência da comoção recebida, que a pobrezinha, caindo nos braços do seu adorado Máximo, durante bastantes minutos não pôde articular palavra.

O triunfador não podia crer no que os seus olhos viam. A sua pequenina Emilia não era mais que uma sombra do que fora.

Pálida, magra, os olhos amortecidos pela angústia, pelas lágrimas, e pelas noites de insônias, davam àquela criaturinha o aspecto de um fantasma.

— Meu Deus! pensava Ronquerolle, oxalá que eu não chegasse demasiado tarde! A pobre criança está ferida de morte pelo desgosto que lhe causei, e a sua extrema sensibilidade atrai-a para o túmulo.

Passados os primeiros momentos Emilia retomou o seu doce sorriso e em uma alegria verdadeiramente infantil exclamou:

— Eis-te enfim, meu querido Máximo! exclamou ela.

Oh! Como eu sou feliz em tornar a ver-te!

Como eu te esperava!

Como eu receava morrer sem te abraçar ainda uma vez!

Como eu te amo!

Se tu soubesses como eu te amo!

Tu, bem sei, tu não podes amar-me da mesma forma.

Sei muito bem que tu não podes prender na tua vida uma simples sensitiva como a pobre Emilia...

Tu tens um grande destino a cumprir, tens uma vasta carreira a percorrer. Tens que alcançar a glória.

Eu vejo bem a diferença da minha vida para a tua.

Precisas de amores inebriantes; desejas o esplendor que possa satisfazer o teu imenso orgulho...

Eu conheço-te bem!

Ronquerolle, profundamente impressionado sentia que a sua companheira de outros tempos tinha razão.

Ele procurava distraí-la, animá-la, mas a pobre rapariga voltava sempre a reconhecer o fatal abandono a que fora votada.

Entretanto sentia uma espécie de melancólica voluptuosidade em remover as recordações dos felizes dias passados, dos primeiros meses dos seus amores, dos seus passeios de outrora nos bosques, a Saint-Cloud, a Mendon, a Montmorency, a Ermenonville.

— Como soubeste que eu voltara a Paris? perguntou Máximo.

— Como o soube! retorquiu Emilia; muito simplesmente, adivinhei. Podes crer. Sentia-te perto de mim.

Os que amam verdadeiramente tem pressentimentos que jamais os enganam.

Além disso, eu vi os teus amigos atravessarem a rua Vaugirard.

A sua presença confirmou a tua. Eu sabia quanto sois inseparáveis. Tu não estavas de certo longe, visto que me aparecia Branche, Didier e Maupertuis.

O novo deputado demorou-se bastante tempo junto de Emilia.

Um estranho encanto havia em volta dela.

Emilia vestia um penteador azul e estava sentada num canapé, perto da janela. Lembrava uma convalescente que procurava cobrar forças, e a quem o menor esforço enfraquecia.

— Voltarei a ver-te muitas vezes, disse-lhe Ronquerolle deixando-a. Tem coragem. A tua vida terá ainda dias felizes.

— Não, meu amigo, respondeu ela. Tudo se acabou!

Pois não reparas?

Não vês que eu não te faço a menor pergunta?

Nem sequer me queixo!

É a suprema resignação do condenado.

Máximo afastou-se lentamente da casa de sua pequena amiga. Seguiu para o “boulevard” de Vaugirard, voltando-se mais de uma vez, para olhar a janela

onde outrora tantas vezes, ele vira o rosto sorridente da pobre criança. A sua dor tão verdadeira, tão sincera, tão eloquente, envenenava a sua felicidade.

Aguardou assim a hora em que M.^{me} de la Tournelle o esperava.

A marquesa não teve muito trabalho para reconhecer que o seu amante tinha qualquer pensamento que o fazia sofrer. Interrogou-o. Perguntou-lhe a causa da sua dor.

Ronquerolle hesitou um momento, mas depois, para aliviar o enorme peso que tinha sobre o coração, contou-lhe toda a história da sua ligação com a pobre Emilia.

— Seria indigno de mim, o ocultar-lhe o menor segredo da minha vida, disse-lhe ele.

O sofrimento dessa pobre criança, cai sobre mim como um remorso. É o primeiro da minha vida!

Dois dias depois o deputado republicano recebia nova carta da pobre abandonada.

“Eu bem te dizia Máximo, escrevia Emilia, que estava próximo o meu fim: estou cada vez pior, meu amigo, vêm depressa. Eu não nasci para viver neste mundo demasiado brutal. O meu pobre coração quebrou-se ao embate da primeira amargura.

Tombou como uma flor que a tempestade lança por terra, e cousa alguma neste mundo pode já reanimá-lo, dar-lhe a alegria, sem a qual ele não pode viver.

A flor arrancada da haste nunca mais pode readquirir a sua frescura e o seu perfume.

Vive um dia e morre. Nada resta dela.

Outras flores vêm substituí-la, outros felizes dias vão nascer, e a outra a pobre florinha morreu e não ressuscitará.

E que belos momentos nós tivemos na vida meu querido Máximo!

Recordas-te de quando tu me esperavas ao terminar as tuas lições da Sorbonne e do Colégio de França, quando íamos passear de braço dado, sob as sombras de Luxemburgo, quando trocávamos ainda tímidas palavras de amor, quando tu apenas ousavas apertar-me a mão?

Abençoados tempos, dias felizes da minha adolescência, da minha juventude, porque tão depressa me fugiste?

Porquê meu bem amado é tão rápida tão fugitiva a felicidade?

E porque será que há na vida fatalidades que nos quebram o coração?

Conheci-te nas mais belas horas da tua mocidade, meigo e ao mesmo tempo terrível amante pelo qual eu fui vencida e pelo qual eu vou bem cedo morrer!

Entretanto a ambição vai devorar-te, mas as mulheres que te amarem não descobrirão nos teus lábios esse encantador sorriso que tu tinhas para mim, essa bela alegria e esse entusiasmo dos vinte anos, que eu pude apreciar. É essa a minha suprema consolação. — A tua pequenina amiga de outros tempos — Emilia”.

Estas cartas preocupavam sobremaneira Ronquerolle. Aumentava o seu remorso, e a imagem da terna Emilia, doente, morrendo do peito e morrendo de desgosto não o deixava um instante.

Era um espetáculo comovedor o apresentado por aquela jovem que não tinha a força para suportar as brutalidades da existência e que o primeiro abalo derrubava.

Há no meio da corrupção das cidades, dessas criaturas excepcionais que possuem todas as virtudes, todas as belezas morais e todos os heroísmos. Nada as mancha; elas vem o mal que para elas avança, mas os seus olhos se fecham sobre a visão pura que vive na sua alma e a perversidade jamais as alcançará.

A sua inocência conserva-se inalterável. Vivem e morrem presas ao seu ideal como a hera em volta da árvore.

É esse todo o seu destino.

E há destes seres sublimes em todas as classes sociais: tanto nos palácios dos ricos, como nas habitações dos burgueses ou nas cabanas dos pobres. O observador à primeira vista não os apercebe, tão modestos eles são, tão simples, tanto se ocultam na sombra; mas por pouco que o seu olhar investigador saiba ler nas consciências, analisar a vida dos homens e o aspecto das coisas, ele não tarda a reconhecer o heroísmo do coração, onde, na aparência só há uma existência monótona, sem colorido e sem perfume.

As mulheres mais do que os homens, tem dessas dedicações obscuras, que toda a gente ignora, de que ninguém falará e de que mesmo o que delas é objeto não supõe toda a grandeza.

É quando essas criaturas amantes e tão felizes por se sacrificarem já não existem, que se adivinham todos os primores das suas virtudes.

É quando o frio túmulo as oculta nas suas negras sombras, que se reconhece a bondade do seu espírito e do seu coração e que se lhe faz verdadeiramente justiça.

Mas então, é já tarde!

Esse arrependimento póstumo não consola do remorso de haver quebrado desapidadamente uma alma encantadora, franca, leal; de ter perdido um tesouro de inefável ternura e de amor sincero, de ter feito chorar dois lindos olhos, de ter feito o desespero de um inexperiente coração.

Dar-se-ia então dez anos da existência para tornar a ver uma hora apenas essa devotada criatura, para se lhe dizer que enfim foi compreendida e que é amada.

Mas são já inúteis então os desesperos e estéreis os votos.

A morte não mais devolverá a sua presa, e o turbilhão do mundo, chama-nos e atrai-nos com os seus risos, as suas canções, o ruído das suas orgias, o estonteamento dos seus prazeres.

Emilia era do número dessas pobres raparigas que, se não tivessem amantes, se fariam irmãs de caridade, dedicando-se aos doentes e à paixão pela cruz.

Dependia ela mais da poesia, que da vontade própria; possuía mais humildade que orgulho, mais resignação que coragem para a luta.

Tinha sonhado o amor como a junção de duas vidas não formando mais do que uma.

Aos dezesseis anos, essa frágil criança realizava o tipo perfeito da jovem que ama perdidamente.

Nenhum hálito impuro bafejava a superfície da sua alma de virgem.

Inspirava respeito, e, instintivamente, todo o homem, ou todo o rapaz tirava o seu chapéu quando com ela se cruzava nas ruas e quando ela para ele erguia os seus grandes olhos ingênuos e leais.

De uma delicada saúde, ter-se-ia tornado robusta se a alegria a tivesse acompanhado.

Mas vindo os desgostos ela podia morrer, e morria efetivamente, e o mal fazia constantes progressos.

Ronquerolle não a abandonava. Sentava-se aos pés do seu leito e prodigalizava tantos cuidados à doente como se fora mãe da infeliz rapariga.

Graças a madame de la Tournelle, um dos príncipes da ciência fora chamado a tratar da jovem Emilia.

Todas as manhãs esse médico vinha vê-la e ficava surpreendido dos progressos da doença, e resumia por estas palavras as suas impressões: uma saúde delicada morta por um desgosto terrível.

Algumas vezes, Ronquerolle acompanhava-o quando ele saía de ao pé da doente, e ambos conversavam na casa de entrada da habitação da pobre rapariga.

— Ora vede, dizia o médico, que de mistérios encerra a natureza!

“Aí está uma sublime rapariga que vai morrer, porque nela o equilíbrio das forças é incompleto.

“É cortada pela dor, como um frágil caniçado pela ventania.

“A sua fraqueza faz dela uma santa.

“Os entes verdadeiramente fortes (e vós pertenceis sem duvida a esse número, reconhece-se rapidamente no vosso olhar), os entes verdadeiramente fortes, são talvez mais feridos pela desilusão do que essa infeliz criança, mas vivem, não sofrem materialmente, sorriem até quando é preciso, tem-lhes inveja, crêem que eles são felizes.

“Olhai, por exemplo, para mim!

“Tenho eu porventura o ar de um homem digno de lamentações?

“Possuo uma fortuna e gozo de um nome glorioso, entretanto um grande ferimento moral, me atormenta.”

Ronquerolle estava surpreendido pelas confidências do notável médico. Esse homem parecia adivinhar o seu pensamento, via claro na sua vida e contudo devia ignorar em que mundo de emoções se encontrava agora o seu espírito.

E o amante da marquesa ia no entanto prodigalizando todos os cuidados, todos os carinhos a Emilia.

Instalou junto dela uma excelente enfermeira, e vinha todos os dias, de manhã e à noite informar-se do estado da doente.

Muitas vezes mesmo durante o dia ele enviava ali o seu dedicado amigo Branche, para distrair a infeliz rapariga.

Mas o mal fazia os mais rápidos progressos.

Os pulmões esfacelavam-se, o médico perdera já toda a esperança de salvar a terna criaturinha.

Emilia tinha uma tosse constante e uma febre ardente.

Não podia já deixar o leito.

Encostada a duas almofadas, ela tinha entretanto ainda forças para ler.

E satisfazia-se ainda, sentia um inefável prazer em voltar a ler as belas páginas lidas em outros tempos com Máximo, junto do fogão nas noites de inverno.

Qualquer soberbo romance de Balzac ou de Stendhal, qualquer livro de deliciosos versos de Alfredo de Musset, de Lamartine, de Victor Hugo e outros.

Ah! Como ela agora compreendia melhor os gritos de desesperação dos poetas e o ceticismo dos grandes observadores ante a alegria que passa e a felicidade que se aguarda.

E a pobre Emilia sentia mesmo um estranho prazer em sentir-se abatida pela dor, agarrada pela morte.

Envolvia-se no seu infortúnio como em luxuosa e linda capa de baile.

Quando, após ter lido muito, a fadiga a prostrava, deixava cair o livro sobre o leito e a sua ainda bela cabeça tombava sobre o almofadão, e perdia-se num mundo de recordações.

Via-se então ainda muito criança; rodeada de carinhos, adorada por sua mãe, que também bem cedo a morte arrebatara.

Como esses dias lhe pareciam estar ainda próximos.

Recordava-se da igreja onde ia ouvir missa todos os domingos, com os seus modestos mas lindos vestidinhos claros, e onde pondo as mãos rogava a Deus e à Virgem toda a sorte de felicidades para a sua família e para si.

Depois viera para Paris, recolhida por uma tia, após a morte de sua santa mãe.

Tinha então quinze anos e o seu maior desejo era estudar, aprender para ser quanto possível independente. Seguiu para isso o curso da Sorbonne.

Foi aí que ela conheceu o Máximo, que ela o amou com toda a sua alma; sim, com toda a sua alma tão leal, tão entusiástica.

E quando apenas tocara na taça da vida era preciso deixar o festim e seguir até lá baixo, ao cemitério, a deitar-se na terra fria.

Emilia não podia, mau grado a resignação do seu temperamento e do seu caráter, olhar para o seu destino sem uma secreta revolta.

Como a “Jovem cativa”, de André Chénier, ela desejava não morrer ainda.

Pois quê! a sua vida estava terminada, ela ia desaparecer da cena do mundo sem ter visto acabar a primavera, sem ter colhido as flores dessa estação, sem ter repousado sob os ridentes arvoredos, sem ter conhecido o verão abrasador, nem o outono fecundo!...

Três meses decorreram nestas angústias morais.

Ronquerolle foi admirável de dedicação.

Quando o fim se aproximou, quando o médico declarou que Emilia ia morrer, Ronquerolle nunca mais abandonou a doente.

Sombrio ante a implacável fatalidade que pesa sobre os seres humanos, acomodara-se junto do leito da moribunda, sem ter a coragem de a animar.

Emilia, no delírio da febre falava-lhe como se longos anos de felicidade lhe tivessem sido prometidos.

— Máximo, dizia ela no desvairamento da razão, Máximo, meu querido Máximo, nós vamos unirmo-nos para sempre!

Coisa alguma nos poderá separar, não é verdade?

A minha vida vai ficar unida à tua. Sou a tua mulherzinha! Sim! A tua mulher.

Ah meu adorado Máximo! Se tu soubesses como eu desejava ser a tua esposa. Se soubesses como eu sofri por ser somente a tua amante!

Era o meu sonho chamar-te o meu marido, e poder caminhar com firmeza, sobre o teu braço, e de cabeça erguida, sem receio!

Pois bem, o meu sonho, está realizado, não é verdade? E eu sou feliz. Já posso acompanhar-te sem corar. Agora dizem ao ver-nos passar em Luxemburgo: aí vão dois jovens noivos; e como eles vão contentes, como se amam!

Ronquerolle chorava ante o delirar da sua pequenina amiga, da sua “querida toutinegra” de outros tempos, como ele tinha por costume chamar-lhe, brincando com ela como duas crianças.

E o deputado de agora tapava o rosto com o lenço e soluçava.

Emilia entretanto nos seus delírios febris, tinha projetos adoráveis, de uma simplicidade encantadora.

— Dize, Máximo, exclamou ela, quando voltar a primavera tu levar-me-ás para o campo, não é assim?

Iremos pelas veredas embalsamadas, pelos trigais, pela beira dos bosques e das vinhas... Vestir-me-ei como tu gostas; porei um desses chapéus de verão, que tanto te agradam e que, dizes tu, me ficam muito bem.

Num dos seus momentos de lucidez, Emilia pediu a presença de um sacerdote e recebeu os sacramentos com a devoção e recolhimento de uma criança na sua primeira comunhão.

Quando Ronquerolle viu a sua pobre amiga erguer-se, aproximar o rosto e receber a hóstia sagrada das mãos do sacerdote, a impressão nele produzida foi tão violenta, que não pôde conservar-se ali por mais tempo e saiu a respirar por um momento no boulevard Montparnasse.

Uma vez ali, reparou em uma carruagem fechada que perto estacionava.

Aprumando-se viu que alguém de dentro da carruagem o chamava.

Era madame de la Tournelle que inquieta, viera ali para informar-se do que se passava.

— A pobrezinha, disse-lhe Ronquerolle, morrerá mal chegue a noite, são estas às palavras do médico. Parte-se-me o coração e sofro muito por vê-la assim desfalecer.

“Não quero abandoná-la assim. Volto para junto dela.

Eram umas quatro horas da tarde.

A marquesa quis acompanhar Máximo até à cabeceira da moribunda.

Emilia já mal respirava.

A garganta comprimia-se-lhe e apenas podia volver os olhos sem mover a cabeça.

O médico também estava perto dela. O seu aspecto grave e triste era como uma frase completa e fatal.

A morte reclamava aquela pobre rapariga e ele tinha que se curvar, aguardando apenas o momento em que aquela existência teria que cessar.

Madame de la Tournelle colocara-se ao lado do médico.

O perfume a heliótrope da sua *toilette* enchia, embalsamava o quarto de Emilia.

A marquesa contemplava curiosamente aquela pobre moribunda e pensava que durante muitos anos a infeliz que ia morrer fora a amante de Ronquerolle.

Este, sentado aos pés do leito da pobre criaturinha sentia a mais violenta das punhaladas que pode atravessar o peito de um homem de coração.

E olhava essa figura magra, descarnada, que ele amara nos dias da sua irrequieta mocidade.

Quantos beijos ele tinha deposto naqueles lábios agora sem cor, naquelas faces, naqueles olhos, sobre esse rosto outrora encantador!

E não podia acreditar que a morte ia apagar a luz daqueles olhos que ele amara, e gelar aquele coração que lhe pertencera.

Emilia fez ainda um esforço para se sentar no leito. Ronquerolle correu a ajudá-la.

A infeliz voltou-se então para o lado onde se encontrava madame de la Tournelle, e pôde ainda dizer:

— Oh! Minha senhora! Amai-o como eu o amei, apenas por ele!

Depois pondo a mão fria de neve sobre o rosto de Ronquerolle, prosseguiu:

— Não tenhas remorsos, meu amigo, a minha vida estava condenada! Eu teria querido viver apenas para ti...

“Tu não sabes como eu te amava! Mais tarde o compreenderás e sinto que não poderás esquecer-me!...

E nada mais pôde dizer. A sua linda cabeça caiu novamente sobre a almofada, e alguns instantes depois a pobre rapariga expirava.

No dia seguinte um coche magnífico, coberto de flores, dirigia-se lentamente, pelas dez horas da manhã, para os lados do cemitério do Père Lachaise. Uma única carruagem de luto seguia o coche funerário.

Três pessoas ocupavam essa carruagem. A um dos cantos um rapaz soluçava, imerso na dor, aniquilado.

Uma dama com o rosto coberto por um espesso véu, tentava inutilmente animá-lo. Em frente deles, silencioso, sombrio, um homem, com o queixo encostado ao castão dourado da sua bengala, embrenhava-se em misteriosos pensamentos.

Estas três personagens eram Ronquerolle, madame de la Tournelle e o médico que tratara Emilia.

Eram eles que acompanhavam a querida criaturinha à última morada, tanto do rico como do pobre, do sábio como do ignorante, do valente como do fraco.

Em volta deles o ruído, o movimento da grande cidade, eram de estontear.

A manhã estava bela, o sol de outubro era ainda lindo com os seus reflexos de ouro e aquecia os *boulevards*.

Alguns passeantes reparavam nesse belo coche funerário coberto de flores e seguido apenas por uma carruagem.

E pensavam que havia ali talvez um desses dramas patéticos, que Paris possui em tão grande número.

Ronquerolle, do qual a superior inteligência cedera o lugar à tristeza, conservou-se muito tempo inconsolável pela morte de Emilia. A febre da ambição fora dominada pela da dor.

Passou os dias a evocar a tocante recordação dessa rapariga que ele tinha amado, que a ele se havia dado com todo o seu coração, que ele possuía e que morrera por ele. De noite não podia dormir, erguia-se e ia contemplar o retrato da querida defunta, pendente de uma das paredes da sua habitação.

Quando olhava para essa figurinha tão graciosa, de olhar tão singelo e tão suave, o seu coração estremecia com as recordações do passado, e grossas lágrimas caíam dos seus olhos e rolavam sobre o seu rosto varonil de tribuno popular e de poeta.

Depois ia tirar de uma gaveta um maço de cartas, e relia-as.

Sabia-as de cor, mas o fixar a caligrafia da sua jovem companheira da mocidade, era para ele motivo de íntima consolação.

Eram já de longo tempo essas cartas. A tinta havia empalidecido e as datas traziam recordações a Ronquerolle.

— Que fatalidade! exclamava ele.

Tudo se acabou.

O luto entrou no meu pensamento e jamais o amor me dará uma alegria sem uma triste recordação. Encantadora e boa criança, com a tua mocidade levaste também a minha para o túmulo. Os tempos de ilusão acabaram-se, as horas

tranquilas não voltarão mais. Agora só vejo na minha vida sombras e tempestades.

Para acalmar as suas apreensões, para procurar serenar os seus nervos, Ronquerolle começou a escrever versos em memória da sua adorada Emilia.

Compôs um verdadeiro poema em sua honra e fê-lo publicar em uma revista literária.

Esses versos foram notados e comentados nos jornais políticos.

A marquesa de la Tournelle respeitou a dor do seu amante.

Ela sentia uma infinita e deliciosa comoção ao pensar que também seria adorada por aquele homem, e mais ainda que a boa, mas simples criaturinha que acabava de morrer.

Entretanto aproximara-se o dia da abertura das Câmaras e Ronquerolle saiu como que de um sonho quando leu no “Jornal Oficial,” o decreto presidencial, e recebeu aviso, na sua qualidade de deputado, de que o Parlamento ia recomeçar os seus trabalhos. Estava como um homem que após um longo e profundo sono, desperta com a impressão de que tem um rude trabalho a desempenhar, e um grande caminho a percorrer. Experimentado pela dor, devorado pela paixão, Ronquerolle ia entrar na vida política como um verdadeiro atleta, treinado por violentas lutas.

VIII - POLICIA DUPLA

As tribunas da Câmara estavam cheias de gente.

Personagens oficiais, jornalistas, provincianos há pouco chegados a Paris, mulheres da moda, elegantes, ávidas de emoções oratórias, políticos de vários matizes, alguns más línguas e intriguistas e parentes e amigos dos deputados, de tudo ali havia.

As ordens eram severíssimas relativamente à entrada; era impossível assistir à sessão legislativa, sem um bilhete perfeitamente em regra, e verificado mais de uma vez com o maior cuidado.

Em uma das primeiras tribunas, um pouco à esquerda, viam-se duas mulheres novas, e notava-se mais que uma era trigueira e outra loura. Sorriam e agitavam habilmente os seus leques.

De quando em quando, percorriam com o olhar através o “lorgnon” de aros de ouro, as bancadas dos deputados, e comunicavam uma à outra as suas impressões.

Vestiam “*toilettes*” muito elegantes; no entanto mostravam-se à vontade sem procurarem atrair a atenção da câmara ou das galerias, embora não pudessem passar despercebidas.

A loura era a marquesa de la Tournelle e a outra senhora que a acompanhava era uma das suas amigas, a esposa de um deputado da Direita, madame de Fleurus.

O ministro da guerra acabava de dar à câmara explicações sobre as despesas não previstas pelo orçamento, e das bancadas do Centro ouviam-se ainda apoiados, quando o presidente da Assembleia pronunciou gravemente estas palavras:

— Na ordem do dia figura uma interpelação do sr. Ronquerolle sobre a política geral do governo.

— Tem a palavra o sr. deputado Ronquerolle.

Estabeleceu-se silêncio. Das bancadas mais distantes da extrema esquerda, ergueu-se um homem novo, de excelente figura, que depois se dirigiu lentamente até à tribuna dos oradores.

Subiu os degraus com passo cadenciado e pousou sobre o mármore alguns papéis.

Depois lançou um rápido olhar sobre o auditório e começou a falar num tom muito baixo.

Tinha diante de si os ministros aos quais não perdia de vista. Pouco a pouco, a sua voz foi-se avolumando, tornando-se mais forte, e ressoou em todo o âmbito do Parlamento.

Ronquerolle passava à fieira os atos do ministério, e fazia ressaltar a hipocrisia de alguns dos membros do governo.

Fustigava todos os homens que ambicionavam o poder só para adquirirem fortuna, não considerando o povo senão como uma máquina útil às suas ambições.

Erguendo os olhos para o lado das tribunas reservadas, Ronquerolle viu a sua amante.

Ao clarão desse olhar apaixonado, à visão rápida dessa bela figura, desses cabelos dourados e abundantes, desse colo admirável apertado num delicioso corpete, à vista dessa mão fina e bem desenhada agitando o leque finíssimo, o jovem deputado sentiu como que uma vertigem, uma forte comoção elétrica, e

encontrou para as suas palavras uma dicção e uma acentuação de tanta eloquência que fez estremecer todo o auditório.

Ronquerolle, porém, nem via a Assembleia, esqueceram os seus colegas, os seus inimigos da direita da Câmara e os seus amigos da esquerda; não via mais ninguém pelo espírito, senão a sua bela Carlota, a sua conquista, a sua felicidade, o seu tesouro, a sua vida.

Queria conquistar a inteligência daquela mulher que adorava, como já havia conquistado o seu coração e os seus beijos.

Queria unir-se a ela pelos laços indestrutíveis da estima, e do respeito pela sua coragem e pelo poder do seu cérebro.

A bela Carlota toda estremecia de prazer no seu lugar.

Respondia ligeiramente à sua amiga, que lhe dava conta das suas impressões:

— Que pena, dizia ela à marquesa, que este homem não seja dos nossos! Desejaria ver a causa dinástica, defendida assim com esta energia e com este vigor.

A marquesa fechou os olhos por um momento, em uma grande comoção de felicidade.

Ela, positivamente, bebia sofregamente as palavras do amante.

Gozava assim deliciosamente do mistério da sua ligação com Ronquerolle.

Tudo nela se satisfazia nesse momento, o seu orgulho de mulher, a sua superior concepção do amor; o seu voluptuoso ideal, a sua própria vaidade, em uma palavra, a sua inteligência e o seu coração.

Essa sessão da Câmara gravou-se na sua memória com uma tal intensidade de traços, que jamais se apagariam.

Compreendeu nesse dia como a sua existência estava ainda incompleta, e teve como que um grande arrependimento de tantos anos perdidos já, e que se assemelhavam a um campo árido sem árvores, sem verdura e sem flores.

O discurso de Ronquerolle causou enorme impressão.

Foi discutido por toda a imprensa.

Uns encheram de elogios o jovem orador, outros criticaram vivamente as suas doutrinas, mas toda a gente se curvou perante a sua incontestável eloquência.

Na quinzena que se seguiu, o novo deputado não teve mãos a medir.

Era uma aluvião de solicitadores.

Ou vinham felicitá-lo, ou enviavam-lhe delegações, ou convidavam-no para conferências e banquetes.

Janeiro estava a findar e os dias eram pequenos; desde as cinco horas que a noite envolvia Paris, e o inverno era rigoroso.

Em uma quinta-feira, Ronquerolle saindo da Câmara, dirigia-se a pé para sua casa pela explanada dos Inválidos. Caia gelo e por isso eram raras as pessoas que andavam pelas ruas.

Chegado à altura da rua de Grenele, o deputado de Saint-Martin, parou um momento para deixar passar uma fila de carruagens...

Como olhasse em torno de si, antes de atravessar a rua, notou à sua esquerda, um individuo cuja figura não lhe era desconhecida.

Esse homem conservava-se a distância, e quando viu que Ronquerolle o observava, alargou o passo e passou adiante do deputado.

— Ah! Já sei, disse Máximo, este homem é um agente da policia. Depois da minha interpelação ao ministério, este honesto espião não me deixa um segundo.

Não se enganava. O homem era efetivamente um agente da policia secreta. O discurso de Ronquerolle tornara-o um deputado perigoso, temível para um ministério na agonia. A consequência natural desse fato era fazê-lo submeter a uma rigorosa espionagem.

Chegariam com essa espionagem a colher elementos da sua vida privada, de que naturalmente se serviriam no momento oportuno para entravar essa eloquência que vinha de nascer e que se apresentava implacável para com a traição.

Ao mesmo tempo que os adversários de Ronquerolle o submetiam a essa vergonhosa e ignóbil observação dos agentes da policia secreta, o inimigo da marquesa de la Tournelle não dormia também.

Mais enraivecido que nunca, o barão de Quérelles tinha resolvido, ele também, fazer passar a bela Carlota por uma espionagem assídua.

Adivinhava que ela tinha um segredo a ocultar, e esse segredo queria ele conhecê-lo, afim de a fazer estremecer ante a sua pequena estatura.

O pigmeu, o tacanho, desejava humilhar a nobre mulher cujo coração não vivia senão para o amor e pelo amor, cujo espírito jamais conhecera o que fosse uma baixeza.

É assim que, na vida, as almas mesquinhas e cobiçosas atacam a beleza, a generosidade, a coragem, a franqueza que luta à luz do sol, a franqueza que procura sempre a verdade e segue ousadamente no seu caminho claro e leal.

Em redor dos entes superiores e brilhantes giram os perversos silenciosos e invejosos. Não tem senão um fim, incomodar, prejudicar; senão um pensamento, infeccionar, macular; não tem mais que um desejo, um empenho, buscar trazer até eles, até à lama que os envolve, as criaturas de eleição, que lhes fazem sombra, e das quais eles não podem imitar as qualidades e as virtudes.

E assim é que, num jardim, se vê muitas vezes uma lagarta repelente instalar-se na mais bela rosa deixando a sua nojenta baba sobre as pétalas da flor.

O barão de Quérelles era um ente odioso, desprezível, abjeto, mas não era um imbecil.

Compreendia que só uma mulher podia espionar outra mulher, e pôs-se em campo para descobrir esse cumulo da infâmia.

Á uma hora depois do meio dia vinha ele descendo a Avenida dos Campos Elíseos, após um copioso almoço, quando subitamente deu uma palmada na testa, como se fora iluminado por uma inspiração celestial e apressou o passo.

— Mas, sem duvida, exclamou ele consigo mesmo, M.^{me} William tratará perfeitamente do negócio. Como não havia eu pensado nela ainda?! Oxalá que ela não tenha mudado de residência!

E Dominique, sem se envolver em outras meditações, cortou à esquerda, seguiu ao longo do palácio do Eliseu e chegou rapidamente ao “boulevard” Malesherbes, onde outrora M.^{me} William ocupava uma vasta habitação em que dava soirées muito concorridas de jovens ricos, jornalistas, romancistas mundanos, mulheres novas e bonitas, casadas com maridos velhos ou de hábitos sedentários, preferindo o canto do fogão, ou o leito, às seduções de um baile, que começa às onze da noite, para terminar às seis horas da manhã.

— M.^{me} William! perguntou Dominique timidamente ao porteiro.

— No segundo andar, à esquerda, respondeu o homem.

Podeis subir, madame está em casa.

O barão respirou.

Havia bem uns cinco anos que ele não visitava a mulher, cuja recordação lhe viera tão a propósito.

Receava não a encontrar, pois que M.^{me} Wiliam era pessoa que se mudava a miúdo e que viajava mais a miúdo ainda.

— Que milagre! pensou de Quérelles. O quê! Depois de cinco anos, ela não deixou esta casa, onde eu a vi pela última vez!

Terá renunciado aos elegantes negócios de outros tempos!

M.^{me} Wiliam era de origem inglesa.

Habitava em Paris há uns dez anos com suas duas filhas.

Porque a tinha deixado seu marido, oficial superior no exército britânico? Ninguém ao certo, o sabia.

M.^{me} Wiliam, no entanto, dizia que seu marido não tivera razão para a abandonar e todos fingiam acreditá-la.

Fora recebida na sua qualidade de estrangeira, em muitos salões frequentados pela alta sociedade.

Entretanto o papel que ela desempenhava no meio parisiense dava-lhe protetores altamente colocados e a sua elegância mundana atraía indulgências ao seu procedimento.

Tinha por pessoas da sua amizade, financeiros, homens políticos e especuladores de negócios vários. O fundo da sua existência era o dinheiro, a intriga, a galanteria, o próprio vício. Se se tratava de fazer propostas desonestas a uma consciência reta, a uma mulher cobiçada, procurava-se para esse fim M.^{me} Wiliam.

Por cada operação desse gênero recebia ela os seus emolumentos. O seu alojamento de seis mil francos era pago com toda a regularidade, assim como as suas belas “*toilettes*” e os ordenados dos seus inúmeros serviçais.

M.^{me} Wiliam era uma mulher sem pudor e que dispunha para satisfazer os seus vergonhosos compromissos de uma atividade inacreditável.

Era, em uma palavra, a encarnação poderosa e perigosa da imundície coberta de ouro, passeando de coche, adulada, procurada; infame podridão, merecendo ser lançada ao monturo, depois de ter sido esmagada debaixo dos pés. Era a lagarta sem nome, de corpo repelente, devastando esse imenso jardim humano que se chama Paris.

Tal era a imunda criatura à qual o barão de Quérelles ia confiar a missão de perder a marquesa de la Tournelle.

M.^{me} William não tinha ainda atingido os quarenta anos. Era bastante formosa; e só por vê-la e ouvi-la ninguém podia jamais supor as torpezas da sua vida.

Falava muito corretamente o francês, com uma ligeira acentuação estrangeira, o que lhe dava mais uma linha de sedução.

— Que foi isso, barão, disse ela a Dominique, que bom vento vos trouxe até aqui? Julgava-vos casado. Sabeis que me haveis abandonado bem singularmente?!

De Quérelles mostrava-se embaraçado. Não sabia como abordar o assunto pelo qual ali viera, e sentia desejos de abreviar aquela visita mesmo sem ter dito cousa alguma.

Mas M.^{me} William é que compreendia claramente que se ele voltara a procurá-la após tê-la esquecido durante cinco anos, era porque no seu espírito existia qualquer preocupação grave.

Tinha a impressão de que era preciso manobrar com toda a astúcia dos dias solenes e dispunha já em linha de ataque todas as suas baterias. Fez assentar o barão num sofá, perto dela, e interrogou-o sobre os assuntos mais extraordinários. Jamais um confessor empregou mais hábeis estratégias para facilitar a confissão a um penitente, para o obrigar a confessar qualquer grande pecado dos que não se ousam contar em voz alta, de que só se fala na meia escuridão de um fim da tarde e fechando os olhos.

Após duas horas de conversação o barão descarregara do coração um grande fardo.

A sua confissão fora completa.

M.^{me} William soubera que Dominique gostava da marquesa de la Tournelle, que ele tinha sido alvo dos desdêns dessa dama da aristocracia, que ele desejava vingar-se humilhando a altiva fidalga; que era preciso portanto, descobrir à marquesa qualquer amante verdadeiro ou falso, fazer estalar o escândalo, e depois recolher, em boa ordem, algumas excelentes notas de mil francos na sua bolsa.

A intrigante experimentou uma alegria diabólica, pensando que ia achar-se em frente da marquesa. Havia muito tempo que esta aranha inglesa não envolvia nos fios da sua teia tão bela presa. Detestava por natureza as mulheres de um mundo superior ao seu, e reservava-lhes as suas mais cruéis ciladas.

Começou por encomendar duas soberbas “*toilettes*” em uma modista da moda, no “boulevard” Haussman.

— Meu pequeno De Quérelles, disse ela consigo mesma, subindo para o seu coupé, depois de ter escolhido os tecidos de que deviam ser feitos os vestidos que encomendara, serás tu quem pagará a factura como inicio do negócio, que em seguida realizaremos sob um aspecto de seriedade.

Eu sou como o governo, tenho necessidade nesta ocasião de abrir emissões para fazer efeito, e conto contigo, meu caro barão, para satisfazeres na caixa as obrigações contraídas.

E desatou a rir, imaginando que tinha tanto espírito como Voltaire. M.^{me} William applicava uma certa consciência no cumprimento da sua asquerosa tarefa. Gostava de penetrar nos segredos das famílias, mas queria obter dados precisos, exatos, constatados por ela tanto quanto possível, depois do que manobrava com uma espantosa segurança e firmeza de pulso.

Uma manhã, acabando de tomar o seu chocolate, começou a pensar seriamente, no que ela chamava o negócio do barãozinho.

— Vejamos, vejamos, dizia ela para consigo, trata-se de saber se essa formosa marquesa tem um amante, ou antes, como ela com certeza o possui, trata-se de descobrir quem ele é.

Devo segui-la ou fazê-la seguir, quando ela sai, quando ela vai a qualquer entrevista? Não, deixemos esses processos vulgares à policia. A marquesa ama o grande mundo, os bailes, as “soirées”; adora também o teatro e tem um camarote na Ópera.

Ora, é evidente, que ela deve encontrar ali o homem a quem ama.

É necessário portanto seguir-lhe aí os gestos, as expressões, os olhares; e disso me encarrego eu, M.^{me} de la Tournelle!

A inglesa via bem as cousas. Desde que há apaixonados sobre a terra, eles tem sentido sempre uma volúpia indefinível em admirarem juntos as cenas harmoniosas da natureza, em repartirem as mesmas sensações literárias e artísticas, em trocarem olhares de ternura, quando a emoção produzida atinge a sua maior intensidade.

O quadro onde se desenha a nossa vida nunca nos parece tão belo, como quando nele aparece também um traço da vida daquela a quem amamos.

M.^{me} de la Tournelle e Ronquerolle não fugiam à regra geral, à lei comum, doce lei que ordena àqueles que se amam que tudo sintam em comum, prazeres, alegrias, desgostos e tristezas.

Os dois amantes não podiam encontrar-se na sociedade. O lugar de deputado republicano não era, decerto, nos salões aristocráticos que a marquesa frequentava. Era para eles esse fato motivo de pesar, mas compreendiam que a sua ligação era impossível se não observassem a cada instante a maior prudência.

O marquês regressara a Paris em companhia do conde Orgefin, e o seu palacete havia readquirido a animação de todos os invernos.

O que se diria se o seu adversário político, o seu feliz rival fosse visto a conversar com sua esposa em uma “soirée” do grande mundo.

M.^{me} de la Tournelle assistia às sessões da câmara dos deputados, afim de ver ali o seu amante.

Do seu lugar na tribuna ela contemplava-o sentado à sua carteira, escrevendo, gesticulando, discutindo com os seus colegas, interrompendo os oradores da direita, em uma palavra, dispondo de toda a sua atividade, e a marquesa era feliz vendo-o assim.

Quanto a Ronquerolle o seu prazer supremo era ir à Ópera, onde ela aparecia decotada, ornada de diamantes e eclipsando pela sua beleza todas as outras mulheres...

— Oh felicidade, pensava ele, o intrépido republicano, é minha essa sublime mulher!

Amamo-nos, adoramo-nos e ninguém no mundo, além de nós, conhece o nosso segredo.

E prolongando estes pensamentos, em uma febre de amor, Ronquerolle através a sala do teatro enviava toda a sua alma à incomparável Carlota.

Ela via-o também, do seu camarote, seguia-lhe os olhares, transmitia-lhe também os seus pensamentos e enviava-lhe por entre as varetas do seu lindo leque beijos discretos.

Algumas vezes Ronquerolle ouvia os seus vizinhos dos fauteuils de orquestra interrogarem-se.

— Quem é, diziam eles, aquela linda mulher, que ocupa o segundo camarote do lado esquerdo, aquela que ostenta nos cabelos uma formosa estrela de diamantes?

— É a marquesa de la Tournelle! respondia um interlocutor melhor informado. É na verdade uma das mais sedutoras mulheres de Paris.

Que altivez, e ao mesmo tempo que encanto na sua figura!...

Ela tudo possui, mocidade, saúde, riqueza, um nome ilustre, dignidade, beleza e espírito.

Ronquerolle empalidecia de felicidade, ouvindo o elogio da sua deliciosa amante.

Desejaria estar junto dela, no seu camarote, a murmurar-lhe aos ouvidos essa palavra tão doce de pronunciar e mais doce ainda de ouvir:

— Amo-te! Amo-te!

Invejava e tinha ciúmes de todos os que visitavam o camarote da marquesa, onde ela sorria em meio do perfume das flores e dos cânticos que enchiam o teatro.

As convenções sociais não permitiam que aqueles dois amantes se apaixonassem, que falassem em público. Não podiam trocar palavras senão na intimidade, nas suas secretas entrevistas, que Ronquerolle tinha organizado com uma arte consumada.

Ali, sem duvida, eles se desforravam amplamente, de todas as privações e mentiras a que os condenava a sociedade, mas nem por isso sofriam menos, por não poderem repartir as mesmas alegrias da vida exterior, as mesmas emoções, os mesmos prazeres.

Uma noite, na Ópera, Ronquerolle não pôde conter-se. M.^{me} de la Tournelle estava só. Dirigiu-se ao seu camarote, e erguendo o reposteiro do pequeno salão interior, do mesmo camarote, sem poder ser visto da sala, chamou a atenção da amante.

Carlota veio ao fundo e exclamou em voz baixa:

— Que imprudência!

E deu-lhe os lábios, onde ele depositou um beijo ardente.

Apertou-a um momento nos seus braços e depois retirou-se com a alma embriagada por esse vinho capitoso, o orgulho da posse.

Esta rápida cena não teve testemunhas, contudo M.^{me} Wiliam, a aranha inglesa, que assistia também ao espetáculo, notou que a marquesa estando só, tinha-se afastado por alguns minutos da frente do camarote.

— Por acaso o amante da marquesa não pertencerá à sua sociedade? disse consigo a pérfida observadora. É um enigma então, e como decifrá-lo?

M.^{me} William havia já começado a sua sombria tarefa de espionagem. Sabia já o nome e a morada de todas as pessoas que frequentavam o palacete da marquesa. Mas os apontamentos colhidos tornavam-na perplexa. Não pudera ainda achar um fato preciso, que pudesse colocá-la em uma pista que devesse seguir.

Quanto a Ronquerolle tinha-se desembaraçado dos agentes lançados nas suas pingadas pelo ministério, fazendo publicar nos jornais do seu partido uma notícia nos seguintes termos: “O deputado de Saint-Martin interpelará proximamente o ministro do Interior sobre assuntos da prefeitura da policia. Trata-se, ao que parece, de pequenas e grandes infâmias dos agentes secretos. O sr. Ronquerolle apresentará fatos, não baterá ao acaso. Desejamos que o ministro seja desta vez, um pouco mais feliz do que na sua última derrota.”

O ministro havia compreendido a intenção e a ordem fora revogada, ou fora suspensa por algum tempo a observação secreta de que Ronquerolle era alvo. Este não pôde deixar de sorrir-se da covardia dos seus adversários.

Compreendia agora que ignóbil procedimento se acoberta sob as aparências de legítima defesa política.

Quanto mais penetrava no exame dos atos e dos homens do poder, maior número de ignomínias encontrava.

A cólera invadia-o e teria querido desmascarar os homens que se fingiam honestos e dignos.

— De que valem os discursos contra a vilanagem? dizia ele. Não são frases que é preciso lançar-lhes ao rosto, o que é preciso é cuspir-lhes na cara.

M.^{me} William reconheceu a necessidade de realizar uma larga entrevista com o barão de Quérelles.

Nessa entrevista contou-lhe ele a história da última eleição de deputados em Saint-Martin, a queda do marquês e o triunfo de Ronquerolle, o candidato republicano, e a parte que ele próprio tomara nos acontecimentos.

— Não faço ideia, interrompeu M.^{me} William, como seja o aspecto desse tal sr. Ronquerolle, de quem tanto se fala na Câmara e cá fora, e que derrotou com tanta felicidade o pobre de la Tournelle?

— É um homem alto e delgado, disse o barão, e elegante como um príncipe. Mas porque me faz essa pergunta?

— Simples curiosidade de mulher! exclamou a descarada inglesa tomando uma atitude de denguiço.

M.^{me} William viu depois muitas vezes a Ronquerolle, na Câmara dos deputados.

Ocupava lugar em uma tribuna não distanciada daquela onde M.^{me} de la Tournelle tinha por costume assistir aos debates parlamentares, deliciando-se com a vista do amante.

A esperta inglesa reparou em que a loura Carlota não desviava os olhos do jovem deputado.

— Seria interessante, pensou ela. Aqui há mistério! Decididamente senhora marquesa é necessário que eu vos faça seguir durante os vossos passeios através a cidade de Paris!

As entrevistas de Ronquerolle com a sua formosa amante, realizavam-se alternadamente em três lugares diferentes, em três bairros afastados uns dos outros.

Era assim mais difícil surpreender os dois amantes nos locais das suas reuniões.

Além disso a marquesa mudava de carruagem cada vez que ia juntar-se a Ronquerolle, de forma a estabelecer a duvida na espionagem de que pudesse ser alvo.

Ela bem sabia que por uma moeda de vinte francos é fácil fazer falar os criados e os cocheiros.

Assim nem mesmo estes podiam ter a mais leve suspeita.

Esses agradáveis encontros tinham sido organizados pelo inteligente deputado republicano com especial habilidade, uns dias realizavam-se de manhã e de outras vezes à tarde ou à noite.

M.^{me} de la Tournelle poderia mesmo passar a noite inteira fora de seu palacete sem se comprometer.

Paris tem essa imensa vantagem sobre a província.

Em geral as pessoas que vivem na grande cidade não se ocupam dos vizinhos.

Nas casas habitadas por pessoas de alta posição só se exige uma qualidade aos locatários, e essa qualidade consiste em não fazer ruído nas escadas.

O sossego e algumas peças de cinco francos lançadas de tempos a tempos nas mãos dos porteiros auxiliam eficazmente os amores ilícitos nos ninhos

dourados, impenetráveis. Acresce que certas casas e certos prédios tem duas entradas, e portanto duas saídas.

Este sistema aperfeiçoado permite às pessoas que tem motivos para se envolverem em mistérios o rirem-se nas bochechas daqueles, que pelo contrário, tem todo o interesse em conhecerem os nomes e as caras das pessoas que se ocultam nas misteriosas habitações.

Ronquerolle era bastante parisiense, pelo espírito e pelos hábitos para naquele jogo de amor obter todos os trunfos.

De resto, a inteligência que qualquer recebeu da mãe comum, a natureza, serve-nos de auxiliar poderoso em todos os lances da vida.

Que prodígios de imaginação não teriam os amantes, para se verem a miúdo.

Ronquerolle por si nada tinha a recluir, era livre como o ar; mas preocupava-se com o salvar a honra da sua amante, uma mulher casada, pertencendo a um mundo de aparato, de vista, e que teria tudo a perder, se o segredo da sua ligação viesse a ser desvendado.

O marquês de la Tournelle não tinha a menor suspeita sobre a virtude e a fidelidade de sua esposa. Era-lhe submisso como um cão ao dono e nem sequer discutia os seus menores caprichos.

Sentia e sabia que ela lhe era superior, e amava-a com uma espécie de devoção, como se ama e se venera uma divindade.

Depois do cheque eleitoral sofrido, ele considerava-se perdido aos olhos da marquesa, porque não seguira os seus conselhos.

Tremia diante dela e nem tentava explicar a si próprio as causas da frieza que sua mulher lhe testemunhava.

Por carícia única, depois que Ronquerolle *triunfara*, M.^{me} de Tournelle apenas permitia ao marido que a beijasse na testa.

Uma noite, pelas 11 horas, o infeliz marquês veio bater à porta do quarto de sua mulher.

— Sois vós, Sergio? perguntou ela com voz irritada.

E como ele lhe respondesse afirmativamente:

— Tende paciência, mas não vos posso atender. Voltai para os vossos aposentos. Estou fazendo a minha *toilette* para ir ao baile a Saint-Germain.

Efetivamente estava vestindo uma elegantíssima “*toilette*” depois de se ter perfumado dos pés à cabeça.

Ronquerolle esperava-a nessa noite num dos seus ninhos de amor; mas para salvar as aparências a marquesa foi efetivamente a um baile em Saint-Germain, de onde rapidamente saiu sem os outros convivas darem por isso, para ir cair nos braços do seu adorado, do seu querido Ronquerolle.

— Fui eu que errei, dizia Sergio de la Tournelle dirigindo-se para os seus aposentos.

Devia ter escutado os seus conselhos e obedecer-lhe escrupulosamente... Oh! A política! Infernal política! Para que me lancei eu nessa odiosa engrenagem?

Carlota! Carlota!

Se tu soubesses como eu te amo!

Morreria por ti se mo ordenasses!

E o desgraçado desesperava-se supondo que havia perdido a estima de sua esposa apenas por uma série de fraquezas suas, e acreditando, o que era verdade, que jamais a podia reconquistar.

O pobre marquês devorava a sós o seu profundo desgosto, porque as suas dores eram daquelas que não se confiam a pessoa alguma, nem mesmo a um amigo íntimo.

Nessa noite o marquês de la Tournelle não dormiu.

Ouviu dar todas as horas até às quatro da madrugada.

A essa hora a marquesa entrava em casa.

Sergio ouviu tudo o que passou no seu palacete: o porteiro abrira a porta da rua, a carruagem entrara no pátio, depois a porta envidraçada da escadaria abrira-se para dar passagem à encantadora Carlota, e depois tudo voltara à tranquilidade e ao silêncio.

— E dizer que minha mulher está aqui perto de mim, exclamava ele, que acaba de entrar vinda de um baile, perfumada como uma rosa e bela como uma Vênus, e que eu não ousa entrar no seu quarto, e que se tal ousasse ela me acolheria com um sorriso de piedade!

E o senhor de la Tournelle virava-se e revirava-se sobre o leito como se estivesse sobre um braseiro, e de raiva, de desespero pela sua fraqueza, mordida as almofadas e rangia os dentes como atacado de um acesso febril.

No entanto o pobre marquês estava ainda longe de supor toda a importância da sua desgraça.

A marquesa, como é sabido, vinha não só do baile como de um delicioso “rendez-vous” de amor.

Fatigada dos abraços estonteantes de Ronquerolle, despiu-se vagarosamente, lançando o seu vestido de baile, levemente amachucado, sobre uma poltrona.

Tinha ainda nos lábios vermelhos como que o calor dos beijos do fogoso republicano.

E adormeceu feliz recordando as frases de amor, o delírio do olhar apaixonado de Ronquerolle; e jurando não amar no mundo mais ninguém senão a ele.

IX - DRAMA SANGRENTO

M.^{me} Wiliam, se bem que se entregasse a uma ativa espionagem, não podia penetrar nos segredos da vida privada da bela Carlota. Dispunha-se ela a organizar uma espionagem especial e astuciosa, quando uma manhã recebeu um aviso muito seco, pelo qual era convidada a apresentar-se das 8 às 10 horas na repartição do sr. prefeito da policia.

Desconcertou-se, e estremeceu, à vista desse papel impresso e com o timbre da Prefeitura.

No entanto resolveu não se preocupar com essa nota inesperada e logo que chegou o dia em que o prefeito da policia a esperava no seu gabinete, conforme o aviso que lhe enviara, M.^{me} Wiliam tomou um trem e fez-se conduzir para a Prefeitura.

Apezar da sua ousadia e da sua depravação não se sentia muito tranquila ao subir as escadas daquele edifício policial. Tinha a pesar-lhe na consciência uma série de ações más, que supunha terem sido descobertas, e achava singular que a policia viesse meter o nariz nos seus negócios.

Esperou uma boa meia hora em uma ante-câmara, em companhia de muitas personagens de aparência suspeita e de olhar equívoco, sem duvida, como ela, chamadas ali, para receberem qualquer salutar reprimenda.

Por fim um empregado chamou em voz alta: “Madame Wiliam”! Esta ergueu-se rapidamente como se lhe tivessem dado uma picada de alfinete, e passou a um gabinete onde esperou apenas um instante.

Bem depressa um homem novo ainda apareceu por uma porta em que ela não havia reparado.

— Meu caro senhor, exclamou logo ela, é extraordinário! há sem duvida um engano, um lamentável equívoco. Não compreendo que a policia me faça comparecer aqui, obrigando-me a...

E ia prosseguir naquela cadeia de protestos ou lamentações, quando o individuo que se achava na sua presença, grave como uma sentença de morte, lhe fez sinal para se sentar, sem dar a menor atenção às suas palavras.

— Vós sois madame Wiliam, disse ele; madame Wiliam do “boulevard” Malesherbes; não é assim?

— Efetivamente, respondeu a criminosa mulher.

— Está bem, acrescentou o empregado da policia, mantendo a sua linha de serenidade e firmeza, tenho ordem de vos participar que se continuardes a fazer por mais tempo concorrência à Prefeitura de policia, ver-nos-emos obrigados a reconduzir-vos à fronteira.

M.^{me} Wiliam quis ainda balbuciar algumas explicações, e tentou ainda enternecer o empregado, que falava em nome do prefeito da policia. Mas foi trabalho perdido. O homem não se desmanchou e disse-lhe ainda:

— Madame, sabemos tudo. Não viestes aqui para fazer frases sentimentais, mas para receber uma advertência. Essa advertência já vo-la dei. Fazei por não esquecerdes.

E, como M.^{me} Wiliam se erguesse, o homem acrescentou ainda, pondo a mão sobre um maço de papéis.

— Madame, estão aqui documentos que vos de que estais sob a vigilância da nossa policia e que ela vale bem mais de que a vossa.

M.^{me} Wiliam regressou à sua habitação fortemente impressionada com o que se passara.

Não se entendia já dentro dos acontecimentos.

Teve um verdadeiro ataque de nervos e nesse mesmo dia escreveu ao barão de Quérelles, pedindo-lhe para ir vê-la sem demora.

A criminosa via bem que a Prefeitura de policia estava ao corrente das suas pequenas intrigas, mas não soube explicar como tinham esperado tanto tempo para a advertirem de que tivesse cuidado nos seus “negócios”. Havia anos que ela intrigava a sociedade parisiense, e sempre a tinham deixado “trabalhar” à vontade. Mas apenas dirigira as suas baterias contra M.^{me} de la Tournelle logo a policia intervinha no caso. Realmente a maldita Prefeitura queria tirar-lhe o pão

da boca. Afinal, pensava M.^{me} Wiliam, aquele trabalho a que ela se entregava era como outro qualquer; era um meio de ganhar a vida “honestamente”.

O que se tinha passado, perguntará o leitor, para que a policia se intrometesse no assunto? Uma coisa muito simples. Ronquerolle, que velava sobre a sua amante, como uma mãe vela pelo seu filho, havia tido a suspeita de que a marquesa estava ameaçada de um grande perigo; e redobrando de vigilância, havia sabido da existência de M.^{me} Wiliam.

Entretanto prevenira o prefeito da policia, e como este receava os ataques na Câmara, do jovem deputado, dera imediatamente as ordens mais severas relativamente à aranha inglesa tão comprometedora.

E foi assim que M.^{me} de la Tournelle, sem o saber, foi desembaraçada de uma infame espionagem que poderia ter trazido as mais deploráveis consequências.

O marquês, porém, começava a sentir algumas suspeitas. Era tão desdenhosamente tratado por sua esposa de cada vez que tentava a sua intimidade, que acabou por perguntar a si próprio se a política seria a causa única da repulsão que a marquesa por ele demonstrava. E nunca a bela Carlota fora mais atraente e digna de ser adorada.

Vestia *toleittes* encantadoras, estonteantes; aparecia nos bailes mais aristocráticos de Saint-Germain, não faltava às sextas-feiras da Ópera, nem a uma única quinta-feira de *Comedie*; e viam-na em todas as interessantes sessões parlamentares.

Passeava também no Bois, nos dias e nas horas em que as grandes elegantes da vida parisiense vêm ali apresentar os seus maravilhosos encantos e as suas deliciosas frivolidades.

Nas secções mundanas dos jornais, falava-se da marquesa de la Tournelle nos termos os mais elogiosos; era ali citada como uma das rainhas do bom tom e da verdadeira elegância, e dava-se-lhe o estandarte da beleza no batalhão das formosas louras.

A sua amiga, M.^{me} de Fleurus, era rainha na corte das morenas.

Esta possuía um particular encanto, que constava de bem pouco, mas que muitas mulheres desejariam possuir.

M.^{me} de Fleurus tinha o lábio superior ligeiramente ensombrado, por um adorável e quase imperceptível buçozinho.

— É este o privilegio de nós outras as morenas, dizia ela algumas vezes sorrindo, para M.^{me} de la Tournelle. E devemos tirar todo o partido possível do que a natureza nos concedeu.

Era para fazer o orgulho do seu amante que a marquesa aparecia constantemente nas festas e nos lugares de prazer da sociedade parisiense. Ela bem sabia como os homens mesmo os menos vaidosos, mesmo os mais fortes e os mais incorruptíveis, se sentem felizes de ouvir falar nos encantos, na elegância, e na beleza da mulher a quem amam.

Ronquerolle, com efeito estava louco de felicidade.

Não era só a sua vaidade que se achava plenamente satisfeita, era também, o seu orgulho.

Quando percorria com a vista as secções elegantes do “Fígaro” ou do “Gaulois”, onde se falava da sua amante, ele sentia-se disposto a abraçar o mundo inteiro, e teria querido conhecer os “repórteres” que haviam redigido essas notícias tão simples, mas para ele tão encantadoras, afim de lhes oferecer opíparos jantares na “Maison d'Or”, em que o *Champagne* corresse a rodo.

Também o marquês de la Tournelle lia essas notícias dos jornais onde se falava de sua mulher como de uma maravilha de graça e de sedução.

Esses elogios despertavam nele a paixão de outros tempos. E tornava-se a sua paixão mais ardente que a de um rapaz. E desejava sua própria esposa, como se inveja a mulher de um outro. Passavam-lhe por diante dos olhos sonhos voluptuosos, desejos insaciáveis e sofria na sua terrível intensidade o tão falado suplicio de Tântalo. O divino licor mostrava-se diante dos seus lábios febris, mas o marquês não podia mitigar a sede que o devorava. E não tentava sequer aproximar o cálice que brilhava como faíscas de diamantes.

Sofria em silêncio, e a sua dor acumulava-se, como a água de uma corrente que cai no fundo de um precipício.

Se ele fora verdadeiramente um homem, se ele tivera a energia moral que quebra os obstáculos e consegue os seus fins, o marquês de la Tournelle teria falado a sua mulher num tom que não permitiria a replica, e teria arrombado sem dificuldade a porta do quarto de dormir onde a marquesa se encerrava pretextando a fadiga ou o arranjo da sua *toilette*.

É verdade que se ele tivesse sido capaz de tal procedimento, que indicam o dominador, o conquistador, a marquesa não lhe teria jamais fechado a porta; viria mesmo abri-la ao vencedor, e ele teria entrado na fortaleza com a serenidade e a alegria do triunfo.

A mulher ama a força e despreza ou pelo menos sente piedade pela fraqueza. É feliz em sentir-se martirizada, não por um poder brutal, feroz ou louco, mas por uma força inteligente, bela e harmoniosa.

O papel de um homem é na ação o que o da mulher é pela graciosidade.

Para M.^{me} de la Tournelle o homem de ação era Ronquerolle; com ele sentia-se submetida pela única supremacia que sabia reconhecer, a do talento, a de um grande caráter, a de uma grande alma. Assim ela estava ligada ao jovem republicano por uma grande ternura cada vez mais sólida, aumentando dia a dia pela força adquirida e pelo encanto da recordação.

O marquês estava preso da maior angústia.

Uma noite, sofria com tal violência, que, como maquinalmente, invadiu os aposentos de sua esposa. Ela acabava de sair. O seu quarto de dormir, o seu “boudoir”, o seu gabinete de *toilette* estavam saturados de perfumes. Reinava ali a deliciosa desordem que deixa uma mulher do grande mundo, quando acaba de se preparar para ir a um baile, a um teatro, ou a uma entrevista de amor.

Estonteado por esses perfumes capitosos, por todos esses objetos que concorrem para os atrativos de uma mulher, o senhor de la Tournelle caiu sobre uma poltrona, e experimentou um sentimento de desespero impossível de descrever.

Uma estranha recordação invadiu todo o seu ser, e lágrimas ardentes queimaram as suas pálpebras.

No “boudoir”, viu ele o pequeno cofre que a marquesa trazia sempre consigo nas suas viagens, e nas suas mudanças de Paris para Saint-Martin e de Saint-Martin para Paris.

Acudiu-lhe à mente a ideia de o abrir.

Veio até junto do cofre e tentou erguer-lhe a tampa. O cofre estava fechado à chave.

— É singular! disse o marquês. Porquê este mistério?!

E o seu ávido olhar envolvia o elegante e pequeno cofre.

Pôs-se a sacudi-lo.

Nenhum som se fez ouvir.

Então a cólera atravessou o coração daquele desgraçado homem.

Tomou o cofre entre as duas mãos, acima da altura da cabeça, e lançou-o violentamente contra o mármore branco do fogão.

O cofre abriu-se e duas cartas saltaram dele.

O senhor de la Tournelle hesitou ainda um momento, antes de apanhar as cartas.

Parecia-lhe que cometia uma falta, que se desonrava entrando assim nos segredos de sua mulher, mas a angústia, de que se achava possuído, lançava-o de encontro às catástrofes.

Com mão trêmula, abriu uma das cartas, reconhecendo que ela continha apenas alguns versos, e respirou.

A julgar pelo amarelado da tinta, havia já bastante tempo que esses versos tinham sido escritos. Olhou para a Assinatura: “Máximo Ronquerolle”.

— O quê, pensou ele, o nome desse homem!

Mas é uma infâmia! Oh que fatalidade!

A outra carta não continha Assinatura.

Era escrita mais recentemente mas a letra era a mesma que a da poesia.

Á medida que prosseguia na leitura o marquês sentia como que um punhal a atravessar-lhe o coração.

Compreendeu enfim todo o seu infortúnio.

Sua mulher tinha um amante e esse amante era um republicano, e esse republicano era o seu rival político, o seu implacável inimigo, aquele a quem tinham por hábito chamar o cidadão Ronquerolle. As duas cartas que haviam saltado do cofre eram as únicas que Ronquerolle tinha enviado à sua amante.

Os versos datavam de longe, eram a sua primeira expressão de amor.

A outra missiva tinha-a ele escrito no próprio dia da sua eleição, após o apuramento do escrutínio de onde o seu nome saíra vitorioso.

A carta dizia:

“Mulher adorada, devo-vos uma parte do meu triunfo. Sede bendita, pois haveis secundado os meus esforços, tendo a coragem de me sacrificardes os preconceitos da vossa raça, e a vossa posição.

Que hei de eu fazer para chegar até à altura do vosso amor, que se afirma tão poderosamente”!

E mais adiante lia-se: “Que belo destino antevejo, para ti e para mim, deliciosa amante! Ninguém saberá que nos amamos, ninguém adivinhara o segredo da nossa paixão...

Amar-nos-emos, adorar-nos-emos por nós mesmos, e não em obediência a tolas convenções sociais, não por nos conformarmos com pequenas cousas ou interesses pueris!”

A leitura dos versos e da carta de Ronquerolle foi um martírio para o infeliz marquês de la Tournelle.

Pela primeira vez na sua vida esse aristocrata de nascimento, esse espírito fraco, compreendera de quanta magia dispunha sua mulher.

E sentiu um duplo sofrimento reconhecendo, que nunca tivera nem podia ter aos olhos da marquesa esse prestígio secreto, admirável, que faz as verdadeiras conquistas do amor.

Muitas vezes Ronquerolle tinha aconselhado à sua amante que queimasse os seus versos e muito principalmente a sua longa carta de amor.

Ela sempre o prometera fazer mas jamais tivera coragem para cumprir a sua promessa.

Essas letras do amante eram para ela deliciosas recordações do início dos seus amores, e sentia uma estranha voluptuosidade em relê-las.

É tão agradável conservar os objetos que hão acompanhado o nascer e o desenvolver de uma paixão sincera!

As palavras escritas pela pessoa amada, quer sejam receosas, prudentes, conselheiras ou loucas e irrefletidas; as pequenas lembranças ou recordações, um anel um lenço, um livro; uma simples flor que seca mas que assim se conserva durante muitos anos, tudo, tudo, mesmo na sua pequenez e na sua aparente insignificância, representa a mais eloquente testemunha do nosso amor.

Há quem conserve esses pequeninos nada, que são tudo para quem amou, e que não trocaria essas recordações de um dia, de uma hora, ou de um instante feliz na sua vida, por uma pérola, um diamante, uma coroa, um reino.

M.^{me} de la Tournelle não daria por um império aqueles dois papéis escritos pelo seu amante.

Era supersticiosa a marquesa em tudo que dizia respeito a Ronquerolle. Pensava que se desaparecessem aquelas cartas, com elas lhe fugiria Ronquerolle.

Dava a maior importância a tudo que lhe dizia respeito; e o amante, pela sua parte, não a ligava menos a tudo que respeitasse ao seu ídolo.

No fundo do precioso cofre admiravelmente cinzelado jaziam as duas cartas de Ronquerolle como um tesouro de alto preço.

O marquês, perante a horrível realidade, sentiu renascer a calma no seu pensamento.

— Está bem! exclamou ele com resolução.

E tornou a colocar as duas cartas no cofre.

O pequenino e lindo móvel tinha a fechadura arrancada.

Reparou o melhor que pôde os estragos causados no cofre e foi pô-lo no mesmo lugar onde o encontrara.

Não queria que sua mulher percebesse o que se passara e principalmente que ele tinha conhecimento da sua falta.

A partir dessa noite fatal, o senhor de la Tournelle começou de aparentar uma grande tranquilidade em todas as suas palavras. Sorria com satisfação e mostrava grande prazer em oferecer aos seus criados pequenas lembranças.

Quem o visse pela primeira vez e quem com ele entretivesse duas horas de conversação, teria dito: Que homem tão feliz! E, no entanto o desgraçado estava ferido de morte.

Durante um mês ocupou-se em pôr os seus negócios em ordem. Todas as manhãs o seu secretário vinha trabalhar com ele.

Algumas dependências de sua casa, que estavam em más condições foram arranjadas, alguns moveis foram renovados. As propriedades do marquês receberam a sua visita e por toda a parte ele deu ordens úteis.

A marquesa não sabia que pensar do procedimento de seu marido.

Parecia que se preparava para empreender uma grande viagem por mares perigosos de onde ignorava se voltaria, e que antes da sua partida tratava de assegurar a sorte dos entes que lhe eram caros.

E no entanto o marquês não tinha no cérebro qualquer projeto definitivo.

Sentia que ia dar-se um acontecimento grave, um drama sem duvida. Mas qual?

Não teria podido dizê-lo.

— Devo provocar, pensava ele, esse sinistro e fatídico Ronquerolle? Devo cruzar o ferro, ou trocar uma bala com ele? Para quê? É uma loucura. Ele está no seu papel. Encontrou no seu caminho uma bela mulher a quem sorriu e que se lhe entregou... Eu é que deveria ter feito com que ela me amasse. Devo matá-la, a ela, à culpada, ou pô-la fora de minha casa? E seria eu menos desgraçado, após essas violências? Não, não. O golpe está dado, a minha vida está envenenada e o meu destino traçado.

Não posso confiar a minha dor a pessoa alguma sem me tornar ridículo. Sou eu quem deve morrer!

Ah! Se eu não a amasse!...

E o desgraçado sentia uma alegria amarga ao pensar na morte.

Era o seu único refúgio.

Em uma quinta-feira, pelas onze horas da noite, a marquesa saiu segundo o seu costume, indo a uma “soirée” que dava a sua amiga, M.^{me} de Fleurus.

Era nos fins de maio. A estação dos bailes e recepções estava a terminar. M.^{me} de la Tournelle via decorrer os minutos com impaciência, para voar para os braços de Ronquerolle.

Estava prestes a deixar os salões da sua amiga, quando esta se aproximou dela, e lhe fez sinal de que precisava falar-lhe à parte, e imediatamente.

M.^{me} de Fleurus estava pálida e a sua apressada respiração denotava grande emoção.

— Minha querida Carlota, disse-lhe ela; é preciso que voltes já a tua casa, e se me permites, acompanhar-te-ei.

Um criado teu acaba de trazer aqui uma triste notícia. Teu marido encontra-se muito mal... Partamos depressa.

Por sua vez a marquesa se tornou pálida.

Supôs logo que uma desgraça irreparável acabava de se passar.

Quando as duas amigas chegaram ao palácio de Tournelle ia ali uma confusão enorme.

Á porta encontrava-se imensa gente e os criados, muito aflitos, corriam de um lado para o outro falando e gesticulando.

Um comissário de policia, acompanhado do seu secretário e de muitos agentes descia pela escadaria principal.

Ao ver a marquesa e madame de Fleurus, o comissário descobriu-se respeitosamente e aí mesmo participou a M.^{me} de la Tournelle o que se passara.

Vários tiros de revolver se tinham ouvido no palacete e um criado do marquês tinha ido procurá-lo a ele comissário. Com o mesmo criado entrara nos aposentos do sr. de Tournelle a quem encontrara morto sobre um tapete, no seu quarto de dormir. Tinha-se suicidado; não restava duvida.

Na manhã seguinte, Ronquerolle, que em vão esperara pela amante até às 2 horas, ao pegar no “Fígaro”, deparou com estas linhas:

“Á última hora acabamos de receber uma triste notícia:

“O sr. marquês Sergio de Tournelle acaba de falecer. Tinha quarenta e cinco anos, era um leal defensor da causa da ordem, e um amigo dedicado dos príncipes da casa de França.

O sr. de Tournelle tinha sido, ao que parece, fortemente afetado pelo triunfo do partido republicano no seu círculo e pelo cheque sofrido nas últimas eleições.

A sua morte é atribuída à ruptura de uma aneurisma. A marquesa está inconsolável. Todos os representantes do partido conservador lhe enviam com os seus mais sinceros sentimentos de condolência, as suas respeitosas homenagens.”

— Diabo! exclamou Ronquerolle, relendo ainda a notícia. Oxalá que esta desgraça não venha a recair também sobre ela!

A morte do marquês de Tournelle fez grande ruído e foi vivamente comentada, menos por ele talvez, que por causa, da marquesa, que era uma das senhoras mais conhecidas de mundo parisiense.

Nenhum jornal falou em suicídio, e o infelizmente marquês passou aos olhos do público por ter sucumbido à ruptura de uma aneurisma, como o “Fígaro”, habilmente tinha noticiado. A polícia conhecendo a verdade não guardou menos o segredo.

Os íntimos de alguma cousa desconfiaram, assim como os criados, mas precisavam da marquesa e calaram-se.

Ronquerolle soube pela marquesa de tudo o que se passara. Quando os dois amantes se encontraram após a catástrofe e depois dos funerais do marquês, estavam inquietos e tremendo.

Abraçaram-se fechando os olhos, e conservaram-se assim algum tempo sem proferirem uma palavra.

— Saberá ele da nossa ligação? perguntou, por fim, Ronquerolle.

“Porque se matou ele?”

“Teremos sido nós os culpados dessa morte?”

— Não, respondeu M.^{me} de la Tournelle. Meu marido de cousa alguma suspeitou.

— Estás certa disso? interrompeu o deputado republicano.

— Sim, estou certa, replicou a bela Carlota.

Ronquerolle respirou mais à vontade.

Ele não explicava o suicídio do marquês senão pela descoberta da verdade.

M.^{me} de Tournelle era sincera, nas suas afirmações.

Antes de se matar seu marido tinha-lhe escrito uma longa carta que ela encontrara sobre a sua mesa de trabalho.

Essa carta não encerrava a menor repreensão, qualquer alusão que a pudesse ferir. Pelo contrário, era ela uma expressão do mais violento amor.

O desespero que essa carta manifestava parecia ter por causa única motivos políticos.

Lendo essa carta de um homem que ao escrevê-la resolvera já fazer saltar os miolos, Ronquerolle demonstrara um sentimento de piedade.

— O desgraçado, exclamou ele, não estava à altura da sua missão. Compreendeu-o, por fim, e a vida tornou-se-lhe um pesado fardo. Que descanse em paz.

A marquesa nunca supôs que seu marido tinha lido as cartas de Ronquerolle, e que se havia suicidado louco de desespero, compreendendo que nunca seria amado por ela.

Atribuiu realmente aquele suicídio, como outras pessoas que dele tiveram conhecimento, aos grandes aborrecimentos que lhe tinha causado a sua derrota política.

Carlota de la Tournelle reconheceu um dia que o seu pequeno cofre estava partido, mas acreditou que a sua criada particular o tinha deixado cair, e como

encontrara dentro dele a poesia e a carta de Ronquerolle, que tanto amava, nunca lhe veio à ideia que se passara em sua casa um grande drama, que determinara a morte de um homem.

EPÍLOGO

Um ano é decorrido. As rosas de maio perfumam os jardins. Na sociedade parisiense não se fala de outra coisa, senão do casamento da marquesa de la Tournelle com o deputado Ronquerolle.

O bairro de Saint-Germain considera como uma escandalosa união a de uma mulher da sua sociedade com o jovem tribuno republicano, o arrojado orador, o inimigo do trono e do altar.

Se bem que os novos esposos desejassem que o seu casamento fosse o menos conhecido possível, todos os jornais nele falaram.

A fama, a glória, ia procurar Ronquerolle, mesmo quando ele desejaria ocultar-se na sombra e que em volta do seu nome se fizesse o maior silêncio.

Quando o bispo de Dijon teve conhecimento dessa união nos seus lábios brincou um sorriso singular.

Monsenhor acabava de almoçar, e saboreava uma chávena de café tomado a pequenos golos, no seu gabinete de trabalho.

O seu secretário estava perto dele acompanhando-o no saborear do fino Moka.

— Recordais-vos, meu caro Duboeuf, disse o bispo, daquele banquete que há três anos nos ofereceu esse pobre marquês de la Tournelle? Nós ali estivemos os dois.

— Sim, monsenhor, bem me recordo, respondeu o vigário. A marquesa não assistiu a esse banquete político.

— E porque não assistiu ao jantar a formosíssima Carlota?

E o bispo de Dijon fazia esta pergunta com um ar trocista e malicioso e em voz quase aflautada.

— O cidadão Ronquerolle, poderia talvez responder-vos monsenhor, retorquiu o padre, em voz baixa, acariciando o queixo com a mão esquerda e fazendo os olhos mais pequenos, num grande ar de espertalhão.

O prelado ficou um momento pensativo.

Depois enchendo um cálice com finíssimo licor ofereceu-o ao seu interlocutor e tomou um outro cálice para si.

Os dois homens tocaram amigavelmente os copos, trocando uma saúde, e levaram-nos em seguida aos lábios.

— Pobre marquês de la Tournelle! disse o bispo.

— Era um fraco de espírito, acrescentou o vigário. Deve pertencer-lhe o reino dos céus.

— E ela, a marquesa? disse o bispo piscando o olho esquerdo.

— Ela! replicou o travesso vigário, é uma deusa do Olimpo, que desceu até nós.

Enquanto esta cena se passava no gabinete de trabalho do bispo de Dijon, uma outra cena não menos interessante se dava em Paris entre Ronquerolle e os seus três amigos.

Tinham nessa manhã almoçado juntos em casa do deputado republicano, e depois como o tempo estava lindo, a temperatura agradável e o sol cheio de beleza e alegria, tinham ido passear ao jardim do Luxemburgo.

Haviam posto de parte a política, e evocavam as recordações dos primeiros anos da sua mocidade na grande Paris.

Instintivamente, como em outros tempos, se dirigiram para o Café Tabourey, onde juntos tinham feito tantos projetos de glória, de amor e de ambição.

Lá estava ainda, esse café atraente, esse cantinho parisiense tão propício aos homens de letras e aos poetas.

Reconheceram a sua mesa preferida e a ela se instalaram.

Os mesmos fregueses liam os jornais e as revistas. O aparador, ao centro da casa, lá estava, como sempre, carregado de garrafas com cerveja e de copos.

A menina Amélia Dufer, a filha do dono do estabelecimento estava um pouco mais nutrida.

Anunciava-se o seu casamento para breve e seu pai tratava de trespassar o café.

A sua fortuna estava feita, os filhos estavam empregados ou estabelecidos e ele precisava descansar. A idade assim lho exigia.

Ronquerolle e os seus amigos entregaram-se às suas recordações. E cheios de melancolia reconheciam quanto é verdadeira a frase do poeta:

“Há lágrimas nos objetos que nos rodeiam.”

Ali encontravam a sua inquieta e desgraçada juventude, os dias da adversidade; quando eram desconhecidos, sem fortuna, sem auxílio, sem fama, tendo apenas por única arma para as lutas da vida o seu indomável orgulho. Que de noites de inverno eles tinham passado, ali, encostados àquela mesa, sonhando com o futuro, escrevendo artigos, compondo versos, imaginando romances, escutando a voz de Ronquerolle, que muitas vezes a todos reanimava e que de outras se desesperava sentindo-se também vencido pela adversidade. Como parecia que esse tempo já ia longe!

— Como estamos tristes e sombrios! disse Maupertuis. Sacudamos os nervos, vamos.

“Bebamos um ponche em honra das belas raparigas que nos saltavam ao pescoço e nos beijavam apaixonadamente nos nossos dias de miséria!

“Merecem bem que as recordemos, essas loucas, mas lindas e alegres companheiras dos tempos que não voltam.”

Ronquerolle estava mais triste que os seus amigos.

Calava-se e absorvia-se num secreto pensamento.

Branche compreendeu o motivo da sua profunda tristeza. Fez um sinal rápido aos seus amigos e a conversação não prosseguiu no caminho para onde a desviara Maupertuis.

Depois de alguns minutos de silêncio, Ronquerolle ergueu-se e disse para os seus amigos:

— Acompanhem-me.

E encaminhou-os para o cemitério do Père-lachaise, até junto do túmulo da infeliz Emilia.

O excelente rapaz não podia evocar os dias da sua primeira mocidade, sem pensar na pequenina e gentil criatura que tanto o tinha amado, que morrera por ele.

Quando essa lembrança lhe invadia o cérebro, o coração sofria e Ronquerolle sentia uma dolorosa tristeza que o acabrunhava.

Avançou sozinho até ao túmulo da sua amante.

Os seus amigos conservaram-se respeitosamente a alguma distância.

Ronquerolle curvou-se ante o mármore da lousa funerária e descoberto ali se conservou algum tempo, como que petrificado.

— Pobre criança, exclamou ele com toda a sua alma, tu foste colhida pela morte ao principiases a viagem tormentosa da vida.

“A primeira dor quebrou o teu débil coração; os rigores do destino hão encontrado em ti uma preza fácil.

“Como tu me adoraste!

“Ah! Tinhas razão quando no teu leito de agonia, me disseste que eu nunca te poderia esquecer.

“Tu foste a poesia e a flor da minha juventude e viverás eternamente no meu pensamento.”

Depois tirando um lápis da algibeira escreveu estes versos sobre o mármore da lapide tumular:

*Apareces-me sempre, oh cândida Visão!
E choro-te saudoso, oh minha Primavera!
Se não sofrera assim seria ingrátidão.
Furtar-te à morte, amor, eu bem quisera,
Mas sempre viverás na minha adoração.*

Muito tempo ainda decorreu.

Branche, Didier e Maupertuis, começaram a inquietar-se.

— É preciso arrancá-lo daqui, disse Maupertuis; a dor pode matá-lo.

Branche aproximou-se e tomando o seu amigo por um braço, afastou-o dali. Ronquerolle deixou-se conduzir como uma criança. Pararam depois um instante nas imediações do Père-lachaise e dali contemplaram Paris que se desenrolava diante deles.

— Vamos, disse Maupertuis, que era um homem de energia, desçamos ao turbilhão, e esqueçamos as misérias deste mundo, prosseguindo na nossa obra de justiça... A nós a fortuna e a glória! A nós a vida!

Ronquerolle apertou a mão do seu companheiro de lutas e sorriu tristemente.

Depois os quatro amigos seguiram no seu caminho e desapareceram na imensa cidade, na grande capital.

Em cada ano, pelo começo do mês de agosto, se vê chegar ao lago de Côme um par que se instala em uma deliciosa vivenda, em meio da verdura e de cascatas emolduradas de flores. Dir-se-ia que se trata de dois namorados que fugiram de casa de seus pais, e que ali se ocultam, para furtarem a sua alegria e o seu amor a olhares indiscretos. Nunca dois entes mais simpáticos pela harmonia da sua mocidade, apareceram por aqueles lugares. Quando eles passeiam ao longo do lago, volta-se a gente para os admirar na sua encantadora marcha.

Sente-se, advinha-se, o maravilhoso acordo das suas almas.

Uma aureola de voluptuosidade os envolve; e reconhece-se que não conquistado a única felicidade que existe na terra: Adoram-se! Saudai essas felizes criaturas!

É a marquesa de la Tournelle que passa pelo braço do seu adorado e apaixonado marido, o deputado Ronquerolle.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014